**Universidade de São Paulo
Faculdade de Saúde Pública**

**“Combinamos entre nós ou com o tempo?”:
temporalidades climáticas no cotidiano de idosos
moradores do centro de São Paulo**

Maria Antonietta Mascolli

Tese apresentada ao Programa de Saúde Pública da
Faculdade de Saúde Pública, da Universidade de
São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em
Ciências.

Área de Concentração: Saúde Ambiental

Orientadora: Wanda Maria Risso Günther

SÃO PAULO

2016

**“Combinamos entre nós ou com o tempo?”:
temporalidades climáticas no cotidiano de idosos
moradores do centro de São Paulo**

Maria Antonietta Mascolli

Tese apresentada ao Programa de Saúde Pública da
Faculdade de Saúde Pública, da Universidade de
São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em
Ciências.

Área de Concentração: Saúde Ambiental

Orientadora: Wanda Maria Risso Günther

VERSÃO REVISADA

SÃO PAULO

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Dedicatória

Para minha família:
meus pais Franco (*in memoriam*) e Líria,
Maria José, Adriana e Roberta;
...por tudo.

Agradecimentos

Esta pesquisa é fruto de um trabalho que contou com o auxílio generoso de muitos colaboradores, e cuja contribuição está refletida nos méritos da pesquisa – os defeitos são todos de minha responsabilidade. Peço desculpas por algum esquecimento que tenha ocorrido no calor da reta final, e agradeço:

Aos participantes desta pesquisa, que me ofereceram o bem mais precioso: o tempo.

À Professora Wanda Maria Risso Günther, que me acolheu como sua orientanda, pela confiança, pela flexibilidade nas mudanças de rumo e pelo suporte paciente para a concretização do trabalho.

À Professora Judith Sixsmith, que me recebeu na Universidade de Northampton, pela generosidade intelectual e contribuições inestimáveis para esta pesquisa. Aos colegas e funcionários da mesma Universidade, que tornaram a minha estadia acolhedora e produtiva. E à Dra. Izabel Oliveira Marcilio, que me deu o apoio para que eu pudesse estar lá.

Aos colegas e funcionários da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, que sempre me apoiaram e socorreram! Em especial à Anne Dorothée Slovic pela amizade e estímulo, Paulo Matsuo, pelos esclarecimentos climatológicos, e aos pesquisadores do grupo INCLINE.

À Fundação CAPES, que financiou o Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior.

À Rachel Katz, coordenadora técnica, e Julia Damiano, colaboradora do Centro de Convivência da UNIBES, pelo apoio na fase de recrutamento dos participantes e na realização das entrevistas na instituição.

À Beatriz Beraba e Sandra Silva, gestoras do SASF nas unidades Cambuci e Bom Retiro respectivamente, pela facilitação no processo de recrutamento dos participantes; bem como a todos funcionários do SASF que colaboraram nesta etapa da pesquisa.

Ao Professor Vitor Sergio Ferreira, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pelas contribuições decisivas no início do percurso.

À Professora Fabiola Zioni, pelas sugestões que enriqueceram este trabalho, e pela participação na banca de doutoramento.

À Professora Maria da Penha Vasconcellos, por propiciar novos horizontes acadêmicos à pesquisa e pesquisadora, pelo apoio durante as tempestades, e pela participação na banca de doutoramento.

Às Professoras Helena Ribeiro e Paula Santana (Universidade de Coimbra) pelas contribuições na banca de qualificação do projeto.

Às Professoras Magda Adelaide Lombardo (UNESP) e Maria Luisa Sandoval Schmidt (Universidade de São Paulo) pelas contribuições na banca de doutoramento.

Aos amigos, que com seu carinho tornaram este período da minha vida mais leve.

Ao meu companheiro José Carlos, que me apoiou incondicionalmente nestes quatro anos, e que há tanto tempo aquece a minha vida.

Resumo

“Combinamos entre nós ou com o tempo?”: temporalidades climáticas no cotidiano de idosos moradores do centro de São Paulo

A relação entre o clima e a saúde do idoso urbano tem sido amplamente abordada em termos quantitativos. Esta pesquisa busca compreender como se constitui a relação dos idosos com o clima no cotidiano urbano e em seu contexto cultural, buscando contribuições para o tema da adaptação em tempos de mudanças climáticas, ao fenômeno da ilha de calor urbana, e para o entendimento sobre o envelhecer na cidade. O objetivo foi compreender como os idosos moradores do centro de São Paulo, Brasil, experimentam e relatam sua experiência sobre o tempo meteorológico e o clima no cotidiano, tanto na vida doméstica quanto na sua movimentação pelo espaço público, integrando perspectivas físicas, subjetivas e ambientais. Trata-se de pesquisa qualitativa, de perspectiva etnográfica e com orientação analítico-descritiva, que utiliza como técnicas de coleta de dados a observação participante, entrevistas semiestruturadas e análise de documentos. A interpretação do material coletado seguiu os pressupostos da análise temática e manteve o foco em práticas sociais. Os participantes da pesquisa revelaram uma relação complexa com o clima e tempo, explicitada por meio da prática narrativa de memórias sociais que elaboram uma construção de clima e, simultaneamente, das práticas antecipatórias e adaptativas às condições atmosféricas que se apresentam no cotidiano. Esta experiência revelou-se corporificada e situada tanto no plano concreto do urbano quanto no plano subjetivo do histórico e social. Conclui-se que o caráter multidimensional da experiência do idoso ao clima e tempo meteorológico, quando capturada do ponto de vista do sujeito, fornece novos subsídios para compreender saúde e envelhecimento urbano de forma ampliada, e insights para políticas públicas nas áreas da vigilância em saúde e do planejamento urbano nesta área temática.

Descritores: clima, idoso, cotidiano urbano, pesquisa qualitativa, Brasil

Abstract

“Do we agree between us or with the weather?”: times and climates in everyday life of elderly residents of the center of Sao Paulo

Introduction - The relationship between climate, health and the urban elderly has been widely discussed in quantitative terms. This research seeks to understand how the relationship with climate is built into the everyday life of the elderly who live in cities within their historical, social and cultural context. It aims to generate contributions to the issue of adaptation to climate change, to an urban heat island environment and the debate on aging in big cities. The main objective was to understand how the elderly residents of the center of São Paulo, Brazil, experience and report the experience about weather and climate in daily life, both in domestic and public spaces, integrating physical, subjective and environmental perspectives. This is a qualitative research with an ethnographic approach and an analytical-descriptive orientation, using the techniques of participant observation, semi-structured interviews and document analysis for data generation. The interpretative approach follows the assumptions of thematic analysis and the focus on practices. The participants have revealed a complex relationship with climate and weather: from constructions of climate that emerged during narrative practice of social memories, to anticipatory and adaptive practices to atmospheric conditions they had to deal with in everyday life. The experience has proved to be embodied and emplaced both in the concrete urban dimension and in the subjective dimension of the historical and social context. We conclude showing how the multidimensional nature of the elderly's experience about climate and weather, when captured from the subject's point of view, provides new insights to more broadly understanding about health and urban aging and contributes to public policy in the areas of health surveillance and urban planning.

Descriptors: climate, weather, elderly, urban everyday life, qualitative research, Brazil

Lista de Figuras

Figura 1 – Evolução do Índice de Envelhecimento na cidade de São Paulo entre 1991 e 2010 .	32
Figura 2 – Evolução das Taxas Geométricas de Crescimento Anual dos distritos da cidade de São Paulo entre 1980 e 2010.....	33
Figura 3 – Cronograma do trabalho de campo	40
Figura 4 – Mapa da cobertura vegetal (m ²) por habitante por distrito da cidade de São Paulo ..	48
Figura 5 – Detalhe do mapa de temperatura aparente da superfície alvo de registro de São Paulo. Recorte da região central da cidade.....	49
Figura 6 – Mapa das regiões, subprefeituras e distritos do município de São Paulo, e detalhe da subprefeitura Sé com os Distritos de Bom Retiro e Cambuci.	52
Figura 7 – Mapa do distrito do Bom Retiro, subprefeitura Sé, cidade de São Paulo	61
Figura 8 – Rua Três Rios no inverno, Bom Retiro.....	62
Figura 9 – Rua Três Rios no verão, Bom Retiro.....	62
Figura 10 – Projeto fotográfico sobre os moradores do Bom Retiro	62
Figura 11 – Casa do Povo, Bom Retiro.....	62
Figura 12 – Mapa do distrito do Cambuci, subprefeitura Sé, cidade de São Paulo.	63
Figura 13 – Avenida Lins de Vasconcelos no verão, Cambuci.....	64
Figura 14 – Avenida Lins de Vasconcelos no inverno, Cambuci	64
Figura 15 – Ladeiras do Cambuci	64
Figura 16 – Circulação na Avenida Lins de Vasconcelos, Cambuci	64
Figura 17 – Cartografia de uma moradora do Cambuci.....	67
Figura 18 – Homem se protege do sol no Bom Retiro.....	69
Figura 19 – Idosos se protegem do sol, Avenida Lins de Vasconcelos	70
Figura 20 – Idosos se protegem do sol, Avenida Lins de Vasconcelos	70
Figura 21 – Banco construído pelos moradores, Cambuci.....	71
Figura 22 – Cadeiras na calçada na Rua Newton Prado, Bom Retiro.....	72
Figura 23 – Conversa na Rua Prates, inverno de 2013, Bom Retiro.....	73
Figura 24 – A caminho das compras, verão de 2014, Bom Retiro.....	73
Figura 25 – Moradias sociais. Condomínio República Melhor Idade, Cambuci	77
Figura 26 – Moradias sociais. Condomínio do Gato, Bom Retiro	77
Figura 27 – Mulheres caminhando no inverno, Bom Retiro	114

Figura 28 – Mulheres caminhando no outono, Cambuci	115
Figura 29 – Sombra e sol nas calçadas da Rua Prates, Bom Retiro	116
Figura 30 – Banco ‘móvel’ na Rua Prates, Bom Retiro	118
Figura 31 – Banco no supermercado, Largo do Cambuci	119
Figura 32 – Vestimentas variadas no verão, Bom Retiro	120
Figura 33 – Sombrinha em dia de sol, Cambuci	123
Figura 34 – Idoso se exercitando nos equipamentos do Jardim da Luz, Bom Retiro	126
Figura 35 – Praça Coronel Fernando Prestes, Bom Retiro.....	127
Figura 36 – Largo do Cambuci	128
Figura 37 – Homem tomando sol no inverno,.....	129

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Dados demográficos por unidade territorial, Bom Retiro e Cambuci, 2010.	54
Tabela 2 – Domicílios segundo condição de propriedade por unidade territorial, Bom Retiro e Cambuci, 2010.	54
Tabela 3 – Classes de rendimento nominal mensal domiciliar (salário mínimo), domicílios particulares permanentes por unidade territorial, Bom Retiro e Cambuci, 2010.	55
Tabela 4 – População de 10 anos ou mais por nível de instrução, unidade territorial,	55
Tabela 5 – Forma de recrutamento dos participantes.....	76
Tabela 6 – Perfil dos entrevistados por faixa etária e sexo.	77
Tabela 7 – Distribuição da amostra por bairro de residência e tipologia de moradia.	78
Tabela 8 – Distribuição da amostra por coabitação.	79
Tabela 9 – Distribuição da amostra conforme tempo de residência no bairro.	79
Tabela 10 – Distribuição da amostra conforme naturalidade.....	79
Tabela 11 – Distribuição da amostra segundo o nível de instrução.	80

Lista de Siglas

CGE - Centro de Gerenciamento de Emergências da Prefeitura de São Paulo

COP - Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima

CPTEC-INPE - Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

GEE - Gases de Efeito Estufa

IAG - Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IE - Índice de Envelhecimento

INMET - Instituto Nacional de Meteorologia

IPCC - *Intergovernmental Panel on Climate Change*

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

SASF - Serviço de Assistência Social à Família

SMDU - Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano

UNFCCC - Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima

UNIBES - União Brasileiro-Israelita do Bem-Estar Social

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO—A TEMÁTICA E SUA PROBLEMATIZAÇÃO	14
1.1 Mudanças climáticas e as cidades	14
1.2 O ‘novo’ idoso urbano brasileiro	18
1.3 Envelhecer na cidade em tempo de mudanças climáticas.....	20
1.4 O clima e o idoso urbano	22
1.4.1 <i>As abordagens quantitativas</i>	22
1.4.2 <i>As abordagens qualitativas</i>	25
1.5 A proposta desta pesquisa: o tempo dos idosos	29
1.5.1 <i>Objetivos da pesquisa</i>	34
1.6 Organização da pesquisa	35
2 OS ESPAÇOS SOCIODEMOGRÁFICOS, OS PARTICIPANTES DA PESQUISA E O PERCURSO METODOLÓGICO.....	36
2.1 A Pesquisa Qualitativa como Percurso	36
2.1.1 <i>As técnicas de coleta de dados utilizadas</i>	39
2.1.1.1 Observação participante	40
2.1.1.2 Entrevistas	41
2.1.1.3 Fontes Documentais	43
2.1.2 <i>A análise de dados</i>	43
2.2 Delimitação e Caracterização Sociodemográfica do Campo de Estudo.....	46
2.3 Desenvolvimento do Trabalho de Campo.....	57
2.3.1 <i>Observando</i>	57
2.3.1.1 O tempo e seus porta-vozes entre 2013-2014.....	58
2.3.1.2 Entrando em campo	60
2.3.1.3 Relações espaciais	68
2.3.2 <i>Entrevistando</i>	73
2.3.2.1 Seleção dos participantes.....	73
2.3.2.2 Dinâmicas da entrevista.....	81
3 NARRATIVAS SOBRE O TEMPO E O CLIMA	86
3.1 O Tempo Ontem e Hoje	86
3.1.1 <i>Memória do tempo: um dia</i>	88
3.1.2 <i>Memória do lugar: as décadas</i>	90
4 VIDA PRÁTICA	95
4.1 Rotinas das Práticas	95
4.1.1 <i>Previsão do tempo</i>	98
4.1.2 <i>Vida doméstica</i>	102
4.1.2.1 Cuidar da roupa	102
4.1.2.2 Práticas para aquecer e refrescar	103
4.1.2.3 Práticas alimentares	108
4.1.2.4 Prática de economizar água	110
4.1.3 <i>Porta afora: os espaços públicos</i>	111
4.1.3.1 Rua: Caminhar.....	113
4.1.3.2 Parques e praças: tomar sol no inverno e se exercitar	125
5 TEMPOS DO CORPO.....	131
5.1 Corpo (Des)Adaptado	131
5.1.1 <i>(In)vulnerabilidades</i>	133
5.2 Preventivamente.....	136

6 DISCUSSÃO.....	139
6.1 Sobre a prática de pesquisa	139
6.1.1 <i>Reflexividade</i>	140
6.1.2 <i>Práticas de pesquisa</i>	143
6.2 Sobre os tempos desta pesquisa	146
6.2.1 <i>Tempo Social: autonomia e sociabilidade</i>	146
6.2.2 <i>Tempos Urbanos: mobilidade</i>	153
6.3 Aproximações para Políticas Públicas	157
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	163
REFERÊNCIAS	167
FONTES	183
ANEXO I: Mapa da temperatura de superfície da cidade de São Paulo.....	185
ANEXO II: Roteiro para entrevista.....	186
ANEXO III: Mapa dos pontos de risco de alagamento nos bairros do Bom Retiro e Cambuci, São Paulo.....	188
ANEXO IV: Gráficos dos dados de temperatura e precipitação durante o período de campo.....	189
ANEXO V: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	190
ANEXO VI: Breve perfil dos participantes	192
ANEXO VII: Peças de comunicação sobre efeitos do clima na saúde	198

1 INTRODUÇÃO – A TEMÁTICA E SUA PROBLEMATIZAÇÃO

1.1 Mudanças climáticas e as cidades

Questões relacionadas às mudanças climáticas cada vez mais aparecem como preocupação, não somente entre pesquisadores, mas também nas agendas dos gestores públicos, setores produtivos e de serviços, e entre as pessoas que habitam regiões tanto urbanas como rurais.

Os extremos de temperatura, chuvas intensas ou longos períodos de seca afetam fatores de natureza socioeconômica, aprofundando desigualdades sociais e a pobreza, gerando perdas de cultivos e degradação ambiental. Contribuem também para o surgimento de agravos à saúde, seja pela ação direta dos agentes físicos, pelas transformações ambientais induzidas pelo clima ou pelas rupturas socioeconômicas provocadas pelos desastres.

Criado em 1988 no âmbito da Organização das Nações Unidas e composto por cientistas de mais de 130 países, o *Intergovernmental Panel on Climate Change* – IPCC – tem como objetivo reunir e avaliar a informação científica disponível sobre os efeitos das mudanças climáticas, destacar seus impactos ambientais e socioeconômicos e traçar estratégias para dar respostas adequadas ao fenômeno. Apesar da polêmica em torno das causas do aquecimento global, o Quinto Relatório de Avaliação das Mudanças Climáticas do IPCC (2014) ¹ reafirma que a temperatura do planeta está aumentando e que há uma contribuição antropogênica para as mudanças climáticas em curso. Há uma projeção de que este aquecimento, provavelmente resultante da emissão de gases de efeito estufa (GEE) pelas atividades humanas, irá aumentar a frequência e duração de ondas de calor, diminuir os dias frios e provocar mudanças nos regimes das chuvas.

¹ *Fifth Assessment Report* IPCC. Disponível em <<http://www.ipcc.ch/report/ar5/index.shtml>>. Acesso em dezembro de 2015.

Segundo o Painel, o fator humano é responsável pela emissão de gases que contribuem para o efeito estufa, através da queima de combustíveis nos setores de transporte, indústrias e pela queima de biomassa e florestas.

Frente a este cenário, o IPCC sugere medidas de *adaptação* para enfrentar os impactos das mudanças climáticas e da variabilidade natural do clima, e para conviver com a ocorrência de determinado evento do tempo; e de *mitigação*, para reduzir ou eliminar esses impactos.

O IPCC define “adaptação às mudanças do clima” como o processo de ajuste ao clima atual ou previsto e seus efeitos: “em sistemas humanos, a adaptação procura moderar os danos ou explorar oportunidades benéficas. Em sistemas naturais, a intervenção humana pode facilitar o ajuste ao clima esperado e seus efeitos” (IPCC, 2014)². A adaptação é de curto prazo e pode ocorrer no plano individual, das pequenas comunidades ou do Estado, e depende do contexto em que ocorre.

A atividade de mitigação consiste na intervenção humana para reduzir os gases de efeito estufa e implica em ações de longo prazo fortemente vinculadas a políticas públicas.

Atividades de mitigação em áreas urbanas são frequentemente associadas com medidas que incentivam o uso de energias alternativas e renováveis, com baixas em emissão de GEE, como uso de bicicleta e transporte público. Também incluem a redução no consumo de energia nas novas construções por meio de técnicas de climatização natural, uso de materiais reciclados, melhoria da eficiência energética de sistemas urbanos, entre tantas outras, como as ações de arborização urbana. (MARTINS; FERREIRA, 2011, p.620).

Os alertas do IPCC colocaram a temática das mudanças do clima na agenda dos governos. A Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC) assinada na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro em 1992 constitui um primeiro marco de organização internacional com o objetivo de enfrentar o problema do clima de forma articulada em escala global. Esta Convenção resultou na criação da Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima – a COP – que ocorre anualmente desde a primeira edição realizada em Berlim (Alemanha) em 1995. Congregando países, entidades privadas e sociedade civil, a Conferência representa a autoridade máxima para

² Disponível em <https://www.ipcc.ch/pdf/assessment-report/ar5/syr/AR5_SYR_FINAL_Glossary.pdf>. Acesso em abril de 2016.

tomada de decisões acerca da redução dos gases de efeito estufa. Três edições da COP podem ser destacadas por sua relevância. A COP-3 ocorreu na cidade de Kyoto (Japão) em 1997 e produziu o Protocolo de Kyoto, instrumento que estabeleceu as metas de redução da emissão de gases de efeito estufa em países desenvolvidos. A entrada em vigor do acordo estava condicionada à ratificação de 55 países que somassem 55% das emissões globais, o que viria a acontecer apenas em 2005.

A COP-15 foi realizada em Copenhague (Dinamarca) em 2009 e tinha como objetivo um acordo global para diminuir emissões, em substituição ao Protocolo de Kyoto, que expiraria em 2012. A cúpula foi considerada um fracasso ao encerrar a reunião com um impasse sobre as metas e responsabilidades. O acordo seria fechado somente em 2015 na COP-21 em Paris (França), que envolveu 195 países incluindo os Estados Unidos, e entrará em vigor a partir de 2020. Foi fixado um teto de 2°C para o aquecimento global, com projeção para 1,5°C, bem como um valor mínimo de financiamento de ações de mitigação e adaptação nos países em desenvolvimento. As críticas ao acordo incluem a retirada da ênfase na descarbonização da economia e o caráter voluntário de cumprimento das metas propostas para cada país³.

O Brasil lançou sua Comunicação Nacional de Emissões de Gases de Efeito Estufa e anunciou a regulamentação da Política Nacional sobre Mudança do Clima na COP-16 de Cancun (México) em 2010. O país apresentou uma proposta de redução de 37% nas emissões de gases de efeito estufa até 2025, e de 43% até 2030 com base nos níveis registrados em 2005, no Acordo de Paris.

O geógrafo Mike Hulme (2008) analisa que a partir dos relatórios o IPCC o tema do clima passou a ser definido por uma atmosfera globalizada e pela ideia de um objetivo de estabilização do clima no centro das políticas, a partir da institucionalização de estratégias de mitigação e adaptação. Os pesquisadores Martins e Ferreira (2011) argumentam que há, mais recentemente, um reconhecimento da necessidade de uma governança da mudança climática que opere não apenas em nível nacional e internacional, mas em esfera local. Este enfoque tem levado a um crescente interesse em pensar a mudança climática também como problema urbano, e o debate sobre cidades e mudança climática vem recebendo cada vez mais atenção na comunidade

³ Para maiores detalhes sobre o acordo COP-21, acessar <<http://www.cop21paris.org/about/cop21/>>

científica internacional, tanto pela vertente dos aspectos mitigatórios quanto adaptativos.

As mudanças climáticas em contextos urbanos trazem uma preocupação a mais do ponto de vista populacional, tanto pelo impacto das pessoas *sobre* o clima quanto no impacto sofrido *pelos* efeitos do clima. Quanto ao primeiro aspecto, de acordo com Nobre et al. (2010, p.5),

Em 2008, atingimos uma marca historicamente importante com mais de 50% da população mundial vivendo em cidades [...]. Do ponto de vista das mudanças climáticas, independentemente do crescimento populacional, a transição urbana em si mesma já é um fator que contribuirá para o aumento das emissões de gases de efeito estufa. Isso porque os modos de vida associados à urbanização consomem inerentemente mais energia.

Esta realidade apresenta-se de forma especialmente relevante no Brasil, onde um processo de urbanização recente e intenso já resulta em mais de 80% dos brasileiros vivendo em áreas urbanas (IBGE, 2010).

Já em relação aos efeitos sobre a população observa-se que, em cidades com grande concentração populacional, os eventos extremos relacionados ao clima já afetam um grande número de pessoas - porém de maneira desigual, ao atingir com mais intensidade grupos considerados particularmente vulneráveis. Nesse contexto, delineia-se um conceito de vulnerabilidade ao clima amplamente aceito no Brasil, sintetizado por Sette e Ribeiro (2011, p.47) como

[...] o resultado da exposição física frente a um perigo natural e sua capacidade de recuperar diante dos impactos negativos de um desastre, sendo, também, as características de um grupo, ou mesmo uma pessoa, em poder se antecipar, resistir e solucionar os impactos, podendo ser eles os agravados pela influência do clima.

Nos países periféricos, a vulnerabilidade da população é potencializada pelas baixas condições socioeconômicas, uma vez que a capacidade de enfrentamento e adaptação às mudanças climáticas é influenciada pela riqueza, tecnologia, educação, informação, habilidades, infraestrutura, acesso a recursos e serviços, e capacidade de gestão (IPCC, 2014); e as cidades ainda estão pouco preparadas para enfrentar tais perigos.

Os segmentos de idosos e crianças são considerados grupos especialmente vulneráveis ao clima, por adicionar fatores de risco intrínsecos a sua condição etária aos citados

anteriormente (CARMO, 2009; BARATA et al., 2011; SHEFFIELD; LANDRIGAN, 2011). O grupo dos idosos, de interesse desta investigação, e sua relação com o clima em contexto urbano será abordado com mais detalhe a seguir.

1.2 O ‘novo’ idoso urbano brasileiro

Do ponto de vista demográfico, o Brasil vive um processo de ‘agrisalhamento’ com o aumento da proporção de idosos na população. O agrisalhamento de uma sociedade resulta da combinação entre a diminuição da taxa de natalidade e o aumento da expectativa de vida, e provocou uma mudança radical na estrutura etária de países industrializados do hemisfério norte no século XX (GIDDENS, 2012, p.223).

A conceituação etária de idoso varia entre os países; no Brasil, o Estatuto do Idoso (Lei nº 0.741 de 2003)⁴ define como tal o indivíduo com idade igual ou superior a 60 anos, entendimento este que norteia as políticas públicas. É importante destacar que este é um intervalo etário bastante amplo, que se estende dos 60 aos 100 (ou mais) anos, o que torna tal segmento bastante heterogêneo. Vale ressaltar também que o idoso brasileiro ‘vem envelhecendo’, já que, desde a década de 1990, a proporção do grupo com idade superior a 70 anos vem aumentando (IPEA, 2012).

Portanto, o Brasil está deixando de ser um país jovem; a transição demográfica para um país com mais idosos do que crianças ocorre de forma acelerada. Tomando por base a série histórica do IBGE 1999-2009, a população idosa brasileira, que já apresentava crescimento de 10% em 2010, terá maior ritmo de crescimento a partir de 2020, passando de 28,3 milhões (13,7%) para 52 milhões (23,8%) de idosos em 2040 – quase um quarto do total de habitantes do país. Esses resultados projetam para 2020-2030 uma estruturação etária da população brasileira com predomínio da população adulta e crescimento da população idosa. A partir da década de 2030, haverá uma inversão na

⁴ Para consulta ao documento, acessar
<https://www.faneesp.edu.br/site/documentos/estatuto_idoso_normas_correlatas.pdf>.

pirâmide, com diminuição paulatina da população em idade produtiva e predomínio de idosos em relação ao número de crianças (MENDES et al., 2012; IBGE, 2015).

Com 84% da população brasileira residindo em cidades (IBGE, 2010) e este cenário demográfico pode-se dizer que urbanização e envelhecimento populacional constituem duas tendências do século XXI para o Brasil.

Do ponto de vista social, este é um grupo que não envelhece restrito às suas casas como ocorria em gerações anteriores, e que se move ativamente na cidade pelo imperativo das tarefas diárias ou pela busca do lazer (ALVES, 2009; DOLL, 2009). Esta acessibilidade a espaços urbanos – públicos ou privados – tornou-se facilitada por uma agenda nacional de políticas públicas que confere apoio e auxílio à mobilidade, principalmente ao idoso de baixa renda, pela gratuidade em transportes públicos ou a priorização em atendimentos. Programas do governo e da sociedade civil, norteados pela concepção de envelhecimento ativo da Organização Mundial da Saúde oferecem suporte ao lazer, atividade física e socialização fora de casa⁵.

De interesse para o tema da pesquisa, o “Guia Global: Cidade Amiga do Idoso” (OMS, 2009) aponta o clima como uma preocupação adicional à qualidade de vida nas cidades no que tange à locomoção, pela possibilidade de queda em ruas com neve, e à moradia, pela falta de aparelhos de ar condicionado em regiões quentes.

Uchôa et al. (2003) chamam a atenção para o processo de envelhecimento reforçar as desigualdades em termos de qualidade de vida e bem-estar. As tensões na relação do idoso com o espaço urbano no Brasil – da invisibilidade à vida em ‘guetos’ – são amplamente descritas. É na área das ciências humanas e sociais, particularmente na antropologia urbana, que os estudos sobre a velhice no Brasil se voltam mais profundamente para os temas relacionados ao cotidiano urbano contemporâneo, como a experiência da cidade e gerações, e territórios e sociabilidade, como demonstra a revisão de Barros (2006). A restrição aos espaços de vizinhança (ALVES, 2011) e a cultura do medo (ECKERT, 2002) fazem parte desta relação complexa.

Mas há também uma perspectiva positiva de apropriação do espaço urbano com a conquista de territórios de pertencimento (PEIXOTO, 2000) e a produção ativa do

⁵ Para uma revisão abrangente destas experiências no Brasil, consultar Rosa et al., 2013

espaço urbano. Como relatam Cerqueira et al. (2011, p.160) em seu estudo sobre os cotidianos do envelhecer no centro de São Paulo, mesmo em uma cidade opressiva como esta “os velhos, personagens habituais no espaço público, possuem estratégias singulares no enfrentamento das cenas urbanas que estão incessantemente em construção”.

Na área da saúde, o reconhecimento de uma realidade demográfica de aumento acelerado da população idosa urbana no Brasil tem incentivado a crescente produção de estudos locais com foco em seu bem-estar; porém, ainda predominam as pesquisas sobre adoecimento em contextos de ambientes urbanos, e sobre desafios do envelhecimento para a gestão pública da saúde, revelando espaço para investigar a relação do idoso com a cidade em novas e múltiplas dimensões.

1.3 Envelhecer na cidade em tempo de mudanças climáticas

“Velho é uma coisa! Sempre com malha de lã!”, me diz rindo Isabel, de 83 anos, que caminha no bairro do Cambuci, em São Paulo, em uma tarde ensolarada da primavera de 2013; e esclarece que não está com calor. Ela fala de si, mas também brinca com um estereótipo bastante disseminado de que o idoso sempre tem frio e enverga um casaco, independente das condições meteorológicas. A poucos metros, Maria do Carmo, 80 anos, passa com um vestido a caminho do supermercado, e justifica a roupa leve: “hoje o tempo está ótimo, o clima está ótimo”.

O encontro desta pesquisadora com essas duas mulheres durante a fase de campo indica o caminho trilhado pela presente pesquisa sobre a experiência do idoso com o clima. No início do percurso deste trabalho, em 2012, com interesse em estudar o entrelaçamento dos temas ‘mudanças climáticas’, ‘modos de vida em cidades’ e ‘saúde’, encontrei uma produção acadêmica com foco no idoso composta majoritariamente por estudos com abordagens quantitativas e ênfase na vulnerabilidade do idoso ao clima, tanto em relação à morbidade quanto à mortalidade, globalmente (SEMENZA et al., 1996; VANDENTORREN et al., 2006; BACCINI et al., 2008; DIPPOLITI et al., 2010; KLENK et al., 2010; MICHELLOZZI et al., 2010; BECKER et al., 2011; LAIDI et

al., 2012;) e também no Brasil (GOUVEIA et al., 2003; SILVA; RIBEIRO, 2012; SOARES et al., 2012; SALDIVA; COELHO, 2014).

Através das lentes da vulnerabilidade adotada em tais estudos, ‘clima’ passou a significar doença e morte na velhice. Contudo, como sugerem Isabel e Maria do Carmo em sua rotina de octogenárias urbanas e independentes, a experiência do clima é algo mais: a interação com este elemento da natureza é cotidiana, sensória, subjetiva e objetiva, contínua, ocorre em todos os espaços e envolve materialidades, permeia dizeres e fazeres.

A pesquisadora brasileira Maria das Graças Barros Sartori, em seu trabalho seminal “Clima e Percepção”, contextualiza a relação entre clima e saúde, apontando suas dimensões emocionais além daquela biomédica.

De todas as influências geográficas a que o homem está submetido, o clima parece ser o mais poderoso. [...] Os efeitos são, às vezes, suaves e generosos, outras vezes extremamente vigorosos [...] A saúde, energia e conforto humanos são mais afetados pelo clima do que por qualquer outro elemento do meio físico. As funções fisiológicas do corpo humano respondem às mudanças do tempo e a incidência de certas doenças mostra intensa correlação com o clima e as estações do ano. A escolha da quantidade e tipo de vestuário e de comida igualmente tende a refletir o tempo e o clima. Mesmo o estado mental e emocional é influenciado pelas condições climáticas. (2000, p.93).

Em 2008, Hulme destacou a necessidade de se investigar como clima e cultura estão conectados aos lugares, garantindo que os significados locais sejam preservados e indexados às dimensões físicas normalmente associadas ao tema das mudanças climáticas. Posteriormente, outros pesquisadores, como Maller e Strengers (2011) e Head (2010) situaram nesta mesma perspectiva os estudos qualitativos sobre adaptação no âmbito das mudanças climáticas, apontando que para a compreensão, não apenas de como as pessoas se engajam na moderação de sua própria vulnerabilidade, mas das questões de saúde de forma ampliada, as pesquisas devem coletar dados aprofundados em ambientes da vida cotidiana e com atenção às práticas em escala local.

Neste contexto, evidencia-se uma necessidade de se examinar as relações de idosos urbanos com o tempo meteorológico e clima sob a perspectiva da vida cotidiana, uma vez que as pesquisas quantitativas dominantes na investigação do tema clima-saúde-idoso não capturam a ambientação da vida prática, os modos de fazer, a vida simbólica,

e fatores históricos e culturais, ao situar a temática dentro no âmbito da vulnerabilidade física e/ou socioeconômica, refletida em indicadores de morbidade e mortalidade.

A partir desta constatação começa este estudo; de modo que a perspectiva de explorar como se constitui a relação com o clima no cotidiano urbano destas pessoas dentro do contexto histórico, social e cultural, gerando insights sobre o tema da adaptação em tempos de mudanças climáticas na área da saúde e contribuindo para o debate sobre o envelhecer na cidade se tornou, então, o tema central desta pesquisa.

1.4 O clima e o idoso urbano

1.4.1 As abordagens quantitativas

O debate em torno das mudanças climáticas, que ganhou corpo durante as duas últimas décadas, acompanhou-se do reconhecimento da importância de compreender a relação entre clima e saúde no contexto urbano.

O IPCC projeta que o aquecimento global levará ao aumento da frequência e duração de ondas de calor, à diminuição dos dias frios, e provocará mudanças no regime das chuvas. Tais eventos relacionam-se com uma série de riscos à saúde, que serão potencializados em áreas urbanas, em razão da alta densidade populacional. Os agravos à saúde podem ocorrer por efeito direto de um evento meteorológico como temperaturas extremas, tempestades e enchentes, ou indiretamente pela falta de água, aumento da poluição e de infecções (KOVATS et al., 2003).

Cabe aqui uma distinção entre *tempo* e *clima*. Segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), tempo é o estado físico das condições atmosféricas em um determinado momento e local; isto é, a influência do estado físico da atmosfera sobre a vida e as atividades do homem. O clima é o estudo médio do tempo para determinado

período ou mês em certa localidade. Este conceito pode ser sintetizado no aforismo ‘clima é o que esperamos; tempo é o que temos’⁶ (DUNKLEY, 2015).

Ainda que persistam controvérsias na produção acadêmica⁷ a respeito da teoria do aquecimento global e da sua relação com mudanças climáticas, estudos de vertente epidemiológica vêm demonstrando o impacto de determinados elementos do tempo meteorológico, como o calor e o frio, na saúde das pessoas, especialmente idosos.

No caso dos idosos, há uma ênfase na produção acadêmica internacional quanto à vulnerabilidade ao calor, em decorrência do impacto das mortes após ondas de calor observadas na Europa e Estados Unidos nos anos 2000 (BACCINI et al., 2008; DIPPOLITI et al.; 2010), e das projeções de aquecimento global. Contudo, o frio também é uma preocupação. Em revisão recente de literatura sobre clima e saúde em contextos urbanos, Silva et al. (2014) observam que a morbidade e mortalidade de idosos acima de 65 anos aumentam tanto em baixas quanto em altas temperaturas, por seu efeito direto ou indireto, em países de clima temperado.

Há de fato uma diminuição na temperatura corporal de pessoas saudáveis a partir da sexta década de vida, quando comparadas a pessoas mais jovens. Mas o componente mais significativo da vulnerabilidade física é a perda da plena capacidade de regulação térmica que ocorre com passar dos anos, de origem multifatorial, e que resulta em menor eficiência na manutenção da temperatura central e na aclimação do corpo ao frio e ao calor. A este fator somam-se agravantes como o uso de alguns medicamentos, a presença de doenças de base, a maior suscetibilidade a infecções respiratórias no inverno e a eventos cardiovasculares e cerebrovasculares nos extremos de temperatura (TOMLINSON et al., 2011; BLATTEIS, 2012; LAAIDI et al., 2012; BECKER et al., 2011; SOARES et al., 2012).

A vulnerabilidade orgânica ao calor e ao frio pode ser ampliada no ambiente urbano por aspectos socioeconômicos, principalmente a pobreza. No caso das mortes por calor, há fatores de risco específicos implicados, como morar sozinho, em andares altos e sem ventilação adequada (SEMENZA et al., 1996; NAUGHTON et al., 2002; KOPPE et al., 2004; VANDENTORREN et al., 2006). Esta realidade tem levado os países afetados a

⁶ Do original [*climate is what we expect, weather is what we get*]

⁷ As tendências desta produção foram quantificadas em revisão de Cook et al., 2013

instituir políticas públicas de apoio ao idoso em eventos extremos de temperatura extrema, como sistemas de alerta no calor⁸. O efeito ilha de calor, uma característica climática das áreas densamente urbanizadas, também vem sendo diretamente associado ao aumento da morbidade e mortalidade em idosos, isoladamente ou ao somar-se ao fenômeno das ondas de calor (KOPPE et al., 2004; TAN et al., 2010; TOMLINSON et al., 2011).

No Brasil, a academia tem se interessado em avaliar o impacto das condições atmosféricas na saúde do idoso, correlacionando-as com internações ou com a ocorrência de patologias em diversas cidades⁹. Atenção é dedicada aos idosos residentes na cidade de São Paulo, onde o clima tropical atenuado pela altitude se expressa com extremos de temperatura entre 2°C e 40°C, tempo frio e baixa umidade relativa do ar no inverno, e calor e chuvas intensas no verão (SOBRAL, 2005).

Em relação à temperatura, Silva e Ribeiro (2012) avaliaram as internações hospitalares por doenças respiratórias e circulatórias em adultos acima de 60 anos, residentes na região sul/sudoeste de São Paulo. A pesquisa apontou que condições atmosféricas urbanas podem ser agravantes da saúde da população, seja pela poluição, seja por outros parâmetros, como o desconforto térmico e as amplitudes térmicas diárias. Bell et al. (2008) examinaram a mortalidade relacionada ao calor em São Paulo, Santiago (Chile) e Cidade do México (México); os resultados indicaram o alto risco de mortalidade relacionada ao calor para o grupo etário de 65 anos e mais, principalmente por causas cardiovasculares e respiratórias. São Paulo apresentou maior aumento no risco da mortalidade por unidade de aumento da temperatura.

Gouveia et al. (2003) realizaram estudo relacionando as diferenças socioeconômicas, mortalidade e temperatura na cidade de São Paulo. Foi observado aumento na mortalidade por todas as causas acima de 65 anos relacionado ao aumento e queda da temperatura, sem diferença entre os grupos socioeconômicos.

Já Saldiva e Coelho (2014) avaliaram o risco de morte em dias de baixa umidade relativa do ar em São Paulo e constataram um aumento para o grupo dos idosos.

⁸ Ver como exemplos os planos implantados na Itália (MICHELLOZZI et al., 2010) e Estados Unidos (SHERIDAN, 2007)

⁹ Para revisão de literatura, acessar Silva et al. (2014) em <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-1092.htm>>

Uma segunda vertente de estudos relacionando clima e saúde do idoso, agora no campo da arquitetura e planejamento urbano, incorpora a preocupação com o conforto térmico das pessoas mais velhas no ambiente doméstico. Em geral, os idosos parecem ter uma percepção de conforto térmico diversa das pessoas mais jovens devido a uma combinação de fatores físicos e comportamentais. Porém, as diferenças individuais observadas nas pesquisas são grandes demais para conclusões inequívocas sobre o tema (HOOF; HENSEN, 2006). As propostas para manutenção do bem-estar térmico residem em soluções de *design* arquitetônico e na tecnologia, sendo o uso do ar condicionado para aquecimento e resfriamento um recurso fundamental em países desenvolvidos.

Estudos europeus quantitativos realizados em áreas abertas indicam que a temperatura ambiente e a radiação solar são importantes para as condições de conforto da população em geral; porém também sinalizam que a percepção térmica de um espaço aberto pode ser influenciada por fatores como a naturalidade do indivíduo, as expectativas em relação ao ambiente, experiências passadas, a percepção de controle do ambiente, e estímulos do ambiente (NIKOLOPOULOU; STEEMERS, 2003; NIKOLOPOULOU; LYKOUDIS, 2006). Em um raro estudo sobre o conforto térmico de idosos em espaços abertos, realizado em Glasgow na Escócia, Kruger et al. (2012) apontam haver uma tendência de pessoas acima de 64 anos serem mais sensíveis ao frio e ao calor do que aquelas mais novas.

1.4.2 As abordagens qualitativas

Algumas abordagens qualitativas produzidas no hemisfério norte e na Austrália enfrentaram a questão de trazer o sujeito à cena através de estudos que investigam a experiência dos idosos ao tempo na cidade. Há um enfoque em práticas específicas para um elemento específico do tempo, a temperatura, ou seja, manter-se aquecido em dias frios ou resfriar-se em dias quentes, em consonância com as preocupações expressas em pesquisas quantitativas (ABRAHAMSON et al., 2008; BROWN; WALKER, 2008; WOLF et al., 2010; DAY; HITCHINGS, 2011; BITTNER; STOBEL, 2012; BANWELL et al., 2012). Estes estudos em geral consideram o cotidiano dos mais velhos em espaços fechados, como a casa e as instituições asilares, e buscam

compreender de forma mais aprofundada comportamentos de adaptação ao frio e ao calor que possam subsidiar políticas públicas de proteção e intervenção no âmbito da saúde.

A pertinência de se compreender a perspectiva do sujeito nesta temática pode ser ilustrada pelo trabalho de Abrahamson et al. (2008). Os pesquisadores investigaram qual a percepção de risco à saúde de um grupo de idosos ingleses selecionado junto aos serviços de saúde, pela potencial vulnerabilidade a ondas de calor e, portanto, alvo das políticas de proteção em saúde. Em seus resultados, observaram que uma parcela dos idosos entrevistados não se considerava vulnerável; e a maioria deles entendia que intervenções do Estado no sentido de protegê-los durante as ondas de calor eram desnecessárias e não efetivas.

Ao avançar além da fronteira da vulnerabilidade orgânica, estes estudos constatarem que o tema da experiência do tempo e clima, quando avaliado pela perspectiva dos idosos, deve ser compreendido de forma complexa, situado social e culturalmente. E deles emergem dois conceitos fundamentais para esta temática: a noção de corporeidade e a importância do espaço na experiência.

O conceito de corporeidade¹⁰ (*embodiment*) é amplamente utilizado nas ciências sociais e humanas e revê a noção de corpo, adotada pelas ciências naturais, como uma dimensão vivida passivamente. A pesquisadora Guita Grin Debert (2011, p.78) esclarece que “[...] o corpo não pode ser visto como objeto a-histórico, biologicamente dado, não cultural, ou como uma substância puramente dada (reino da natureza) em cima da qual vai se inscrever a ordem da cultura”.

Em 1990, Csordas apresentou o conceito de corporeidade como um novo paradigma metodológico para antropologia, a partir do exame crítico do trabalho do filósofo Merleau-Ponty e do sociólogo Pierre Bourdieu: Merleau-Ponty elaborou a questão da corporeidade na problemática da percepção e introduziu a noção de pré-objetivo; Bourdieu situou a corporeidade no discurso da prática e no conceito de *habitus*. Csordas concluiu que para os dois autores, mesmo que vinculados a diferentes campos do conhecimento e com orientações empíricas e teóricas diversas, há uma mesma intenção de colapsar ou superar a dualidade corpo-mente nestas abordagens, e propõe um

¹⁰ Também traduzido como corporificação

paradigma de corporeidade para o estudo da cultura, integrando percepção e prática. Nas palavras da antropóloga Sarah Pink (2011, p.345), este movimento permitiu reconhecer que “conhecimento não era algo simplesmente da mente, mas ‘saber’ está integrado em práticas corporificadas, e pode não ser expresso necessariamente em palavras faladas”.

Na mesma década, o conceito de corporeidade passou a figurar em um número crescente de pesquisas na área da sociologia, aproximando o corpo da reflexão sociológica. “O corpo é uma entidade social e biológica”, define Chris Shilling (2002, p.107), pesquisador de referência para o tema da sociologia do corpo, identificando nele uma dimensão socialmente construída. Ele acrescenta que o conceito de corporeidade se descolou das disciplinas de origem e tornou-se um recurso conceitual positivo que pode dar suporte a pesquisadores ao abordar problemas teóricos em suas disciplinas particulares.

Day e Hitchings (2011) traduzem a ideia de experiência corporificada em seu estudo: ao examinarem elementos que estruturavam a rotina de práticas relacionadas ao aquecimento durante o inverno, utilizando entrevistas em profundidade e um diário fotográfico elaborado por idosos ingleses, concluíram que as práticas eram moldadas não apenas por uma questão fisiológica, mas de identidade. Havia uma resistência dos participantes em aderir ao uso de roupas ou objetos que reforçassem estigmas relacionados à velhice, mesmo dentro de casa, embora os participantes reconhecessem sua utilidade para a proteção em dias de frio.

Pesquisas de orientação biomédica voltadas ao envelhecimento se traduzem em geral em uma ênfase na quantificação da fragilidade – a doença, a incapacidade e a morte – e reforçam uma construção unidimensional, biológica, do que é envelhecer. A pesquisa qualitativa, ao utilizar-se do conceito de corporeidade, pode explorar o envelhecimento sob outros ângulos, e avançar na compreensão de como os aspectos físicos, culturais e sociais estão relacionados e interconectados em determinados fenômenos relacionados a este sujeito.

Não se trata de negar as alterações do corpo que acompanham o envelhecimento; afinal, envelhecer é também um fenômeno biológico que pode ser reconhecido por particularidades e sinais do corpo e, no território dos estudos do clima e saúde, pode ser

expresso, por exemplo, como uma mudança na forma como o corpo responde às variações de temperatura ambiente. Mas de compreender como os métodos se complementam: as pesquisas quantitativas indicam a intensidade do fenômeno, o quanto se espalha por um grupo ou camada, como atinge grupos e camadas diferentes (QUEIROZ, 2007); e as pesquisas qualitativas possibilitam uma avaliação crítica sobre, por exemplo, qual a contribuição da fisicalidade para o tema das práticas relacionadas ao tempo meteorológico e como o sujeito contempla esta dimensão (DAY; HITCHINGS, 2011).

O segundo conceito, relativo à noção de experiência situada, insere a questão das contingências do espaço. Brown e Walker (2008) exploraram etnograficamente a construção da vulnerabilidade ao calor nas rotinas cotidianas de moradores e do staff de uma casa de repouso em uma cidade inglesa afetada por ondas de calor; seus resultados apontam que medidas de adaptação a esta situação são um desafio social derivado da forma como moradores e cuidadores se relacionam, mas também de questões ligadas ao ambiente, como deficiências na infraestrutura.

O estudo de Van Cauwenberg et al. (2012) investigou as percepções e as práticas de idosos relacionadas ao caminhar em determinado ambiente físico e social de uma cidade belga. Nas entrevistas, feitas enquanto o pesquisador caminhava com os participantes (*walking-along interviews*), o tempo surgiu como um elemento que interferia na prática do caminhar como meio de transporte no inverno porque o dia escurecia rápido, aumentando a sensação de insegurança, ou por causa do medo de uma queda quando havia gelo nas calçadas; e nos dias chuvosos, pelas poças de lama que se formavam nos caminhos e a sensação de umidade nos ombros. Por outro lado, caminhar era mais prazeroso e estimulante no verão e na primavera em função da beleza do trajeto, que apresentava uma vegetação exuberante.

As pesquisas de Brown e Walker (2008) e de Van Cauwenberg et al. (2012) indicam os aspectos contextuais da experiência do tempo; ela tem relação com o lugar onde se dá, uma vez que o clima apresenta características específicas em uma determinada região – definindo as condições meteorológicas que afetam e preocupam população, pesquisadores e governo naquela localidade; mas também por condições ambientais específicas de um lugar, seja um espaço fechado, como o residencial de idosos, ou um aberto, como a rua.

Sartori (2000) situa este aspecto na realidade brasileira. Contemplando simultaneamente um trabalho de campo meteorológico e perceptivo, associando a coleta de dados meteorológicos da região de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, a abordagens qualitativas, ela investiga a percepção ambiental dos residentes da mesma região, demonstrando que há uma percepção específica do clima em ambiente rural e urbano.

Portanto, a experiência do tempo meteorológico não pode ser totalmente descolada dos aspectos climáticos e materiais de um ambiente, uma vez que ela se modifica de um espaço para outro, seja ao morar na cidade ou no campo, estar em casa ou frequentar um espaço público aberto, ou habitar diferentes tipologias de residências.

Ao entrelaçar os temas do envelhecimento, clima e cidade, pode-se entender que a experiência urbana do tempo para os idosos no seu cotidiano é complexa e composta por uma triangulação de componentes físicos ou orgânicos, subjetivos, e ecossistêmicos – estes últimos referindo-se ao social e o ambiental. Ao abordá-la do ponto de vista do sujeito, não sendo possível isolar estes três componentes, pode-se lançar mão do conceito de corporeidade para contemplar a dimensão corpo/mente da experiência, situando-a em um contexto ambiental definido.

1.5 A proposta desta pesquisa: o tempo dos idosos

Recentemente, Elisa de Vet ressaltou a ausência de estudos qualitativos que gerassem *insights* sobre a experiência do tempo de forma complexa e abrangente; ou seja, levando em conta o fluxo de atividades interconectadas que compõem a vida cotidiana e a variabilidade dos elementos meteorológicos com os quais nos deparamos ao longo do dia ou dos dias.

[...] a maioria das pesquisas sobre tempo e vida cotidiana se relaciona a práticas específicas, hábitos ou rotinas. Enquanto a costura destes estudos pode compor uma ideia de como o tempo influencia o cotidiano como um todo, o entendimento de interconexões, de aspectos intrínsecos e de efeitos nos fluxos nunca pode ser completamente examinado. Por esta razão, abordagens mais holísticas ao tempo e ao cotidiano são necessárias [...] (2013, p.199).

O universo de pesquisas qualitativas que investiga a experiência do idoso urbano relacionada ao tempo meteorológico reforça a constatação de Vet, pois fragmenta o tema em ângulos específicos de abordagem ao pesquisar preferencialmente um único elemento do clima, a temperatura, em um espaço fechado, o domicílio ou a casa de repouso (exceção feita ao estudo de Van Cauwenberg et al. mencionado anteriormente).

Ao abordar práticas e percepções em relação a eventos climáticos extremos e disruptivos, como um período de calor ou frio intenso que pode conduzir à internação ou à morte, tais pesquisas não contemplam a variedade de elementos meteorológicos tal qual se apresentam no contexto real do cotidiano destes idosos: os dias são chuvosos, secos, o tempo muda de modo imprevisto. Esta noção de instabilidade torna a relação cotidiana com o tempo potencialmente mais complexa.

Ao privilegiar o ambiente doméstico, os estudos explicitam uma preocupação com o espaço onde o idoso permanece a maior a maior parte do tempo e onde há um risco de adoecimento e morte em condições extremas de temperatura. No entanto, não dar atenção à circulação em espaços públicos abertos significa ignorar a mobilidade do idoso no mundo contemporâneo, sustentar uma preconcepção de vida inativa e recolhida, e por consequência ignorar as condições do ambiente externo com o qual ele se relaciona no cotidiano, diversas daquelas encontradas dentro de casa. A investigação das diferenças entre práticas relacionadas ao tempo em espaços externos e internos, e de como estas práticas estão interconectadas, pode revelar mais sobre o que significa envelhecer na cidade e não apenas em casa.

E, por fim, se adaptação ao clima significa também explorar oportunidades benéficas, como define o IPCC, haveria práticas que utilizam os elementos do clima “a favor”, por exemplo, no lazer? Explorar este novo ângulo da relação do idoso com o tempo meteorológico contempla uma visão ampliada de saúde, indo além da dimensão da vulnerabilidade.

Este projeto de pesquisa propõe uma contribuição ao investigar a experiência do tempo meteorológico no cotidiano dos idosos por uma perspectiva mais holística, integrando os aspectos climáticos locais às percepções e práticas culturais relacionadas ao modo de vida deste grupo, e situando-o no contexto social e urbano em que vivem.

Simone De Beauvoir escreveu que “existir, para a realidade humana, é temporalizar-se” (1990, p.445). A associação entre envelhecimento e tempo cronológico é mais do que naturalizada, é esperada, e transparece, por exemplo, na identificação da passagem do tempo com os ciclos da natureza: se faz ‘70 primaveras’, se está no ‘inverno da vida’. Quais seriam os outros tempos, além do cronológico, envolvidos na experiência do tempo meteorológico? Esta pesquisa caminhou no sentido de puxar os fios de tempos potencialmente envolvidos na experiência do idoso, e compreender como eles se entrelaçam no tecido do cotidiano: o tempo biográfico, de conhecimentos e vivências acumulados; o tempo biológico, do corpo envelhecendo; o tempo social em seus aspectos relevantes aos modos de fazer; e o tempo meteorológico que se apresenta no dia a dia. Trata-se de explorar neste tema, por assim dizer, qual seria este tempo complexo dos mais velhos.

Para este objetivo, foi conduzida uma pesquisa de caráter qualitativo que investigou por mais de um ano o cotidiano de idosos moradores da região central da cidade de São Paulo, uma área densamente urbanizada que concentra moradores acima de 60 anos.

São Paulo é considerada uma megacidade¹¹, com 11.251.110 habitantes, sendo que mais de 1.3 milhão de seus moradores tem idade superior a 60 anos, e 609.000 estão acima de 70 anos (IBGE, 2010). Os distritos mais centrais da metrópole são aqueles que *primeiro* evoluíram em seus Índices de Envelhecimento (IE), indicador definido pela porcentagem da população de 60 anos e mais em relação à população e 0 a 14 anos. O número de distritos com IE igual a 80 ou mais vem se ampliando desde os anos 1990, conforme ilustrado nos mapas da Figura 1. A expectativa média de vida na cidade está em torno dos 77 anos (IBGE, 2014), sendo mais alta para as mulheres (80,4 anos) do que para os homens (73,9 anos).

¹¹ Segundo a ONU-Habitat, megacidade é aquela com mais de 10 milhões de habitantes. Disponível em <<http://inhabitat.com/un-report-finds-the-number-of-megacities-has-tripled-in-since-1990/>> Acesso em dezembro de 2015

Figura 1 – Evolução do Índice de Envelhecimento na cidade de São Paulo entre 1991 e 2010
Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU)¹².

Estas regiões mais envelhecidas do ponto de vista etário apresentam heterogeneidade quanto à taxa global de crescimento populacional. Quando analisado o intervalo de 1980 a 2010, pode-se observar que a maioria dos distritos permaneceu estável ou teve sua população total aumentada; mas uma parcela dos distritos segue perdendo residentes e encolheu na última década (Figura 2).

¹² Disponível em: <http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/informes_urbanos/pdf/5.pdf> Acesso em dezembro de 2015

Figura 2 – Evolução das Taxas Geométricas de Crescimento Anual dos distritos da cidade de São Paulo entre 1980 e 2010

Fonte: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU)¹³.

Habitar e circular no centro da cidade tem implicações contextuais específicas, notadamente um perfil climático de ilha de calor urbana que se desenvolveu associado às características de urbanização desta região de São Paulo no século XX. Este cenário e o papel de suas materialidades foram investigados nas rotinas fora de casa. E os moradores do centro residentes na região há mais de 30 anos foram considerados potenciais espectadores históricos do clima local, sendo esta vivência local parte da sua experiência do clima.

Esta é uma pesquisa com caráter exploratório, e a resposta empírica aqui construída fundamenta-se na adoção de uma perspectiva etnográfica. Tal abordagem implicou na imersão desta pesquisadora em campo e na relação pesquisadora-pesquisado para construção do conhecimento, permitindo buscar as conexões entre clima e cultura para o grupo social estudado em seu *setting* natural da vida cotidiana.

¹³ Disponível em:

<http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/mapas/7_taxas_de_crescimento_populacional_anual_1980_10315.pdf> Acesso em fevereiro de 2016

A teoria das práticas sociais conforme definição do filósofo Theodor Schatzki (2001) informou a análise das práticas relacionadas ao tempo/clima como quadro teórico principal; este autor define práticas como corporificadas e como “matrizes de atividade humana mediadas materialmente e organizadas centralmente em torno de entendimentos práticos” (2001, p.16). A linguagem é uma atividade discursiva, portanto também foi considerada uma prática. A adoção da noção de corporeidade nesta teoria está fundamentada no entendimento de Schatzki (2001, p.28) de que “o corpo é o ponto de encontro de mente e atividade, e da atividade individual e sua reprodução no social”. Este referencial mostrou-se útil ao contemplar as diversas dimensões das práticas investigadas.

Esta pesquisa também discute as potencialidades e limites de uma abordagem metodológica que se proponha a investigar esta experiência de natureza complexa – tanto na natureza multifacetada da experiência do cotidiano quanto na variabilidade e imprevisibilidade de um fenômeno da natureza, o tempo meteorológico.

1.5.1 Objetivos da pesquisa

A partir do exposto anteriormente e da pergunta de partida ‘como os idosos moradores da região central de São Paulo experimentam as diversas condições de tempo meteorológico (calor, frio, chuva, seca, umidade) e o clima no seu cotidiano?’, foram determinados os seguintes objetivos de pesquisa:

1. Caracterizar e analisar como o idoso, em suas práticas cotidianas, lida com o tempo meteorológico e suas variações no seu modo de vida. Investigar a relação entre práticas cotidianas e tempo meteorológico no espaço público e domiciliar, e compreender quais são as estratégias de adaptação.
2. Compreender como os idosos relatam suas experiências biográficas relacionadas ao tempo meteorológico e clima, suas práticas e memórias sociais; e investigar qual a percepção das mudanças do clima no bairro e na cidade onde moram.

3. Analisar o alcance da informação sobre clima, proteção à saúde e políticas públicas voltadas à população idosa moradora de um centro urbano caracterizado pelo fenômeno de ilha de calor, a partir da contribuição experiência do idoso.

1.6 Organização da pesquisa

Este estudo está organizado em cinco capítulos, a partir CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO.

CAPÍTULO 2, OS ESPAÇOS SOCIODEMOGRÁFICOS, OS PARTICIPANTES DA PESQUISA E O PERCURSO METODOLÓGICO. Descreve como se desenvolveu o processo de trabalho. Aborda o referencial teórico da pesquisa qualitativa; introduz o território de pesquisa selecionado, com suas características geoclimáticas, sociais e demográficas; explicita os critérios de seleção dos participantes da pesquisa; e descreve a prática do trabalho de campo de observação e entrevista.

CAPÍTULO 3, NARRATIVAS SOBRE O TEMPO E CLIMA. Explora a prática narrativa das rotinas, eventos e percepções sobre clima e tempo, e como os sujeitos de pesquisa relembram e elaboram sua experiência de clima na cidade e no bairro onde vivem.

CAPÍTULO 4, VIDA PRÁTICA. Analisa a vida cotidiana pela perspectiva das práticas preventivas e adaptativas que se relacionam ao tempo meteorológico e clima dentro do modo de vida do grupo estudado, em ambiente doméstico e em espaço público.

CAPÍTULO 5, TEMPOS DO CORPO. Explora as conexões entre a história do corpo e tempo climático, situando as práticas preventivas adotadas no cotidiano.

CAPÍTULO 6. Discute questões relacionadas ao método, com ênfase na reflexividade e na abordagem teórica das práticas. Os achados de pesquisa são então estruturados em dois eixos principais: o tempo social e o tempo urbano; as implicações destes achados para políticas públicas de saúde e urbanismo encerram o capítulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

2 OS ESPAÇOS SOCIODEMOGRÁFICOS, OS PARTICIPANTES DA PESQUISA E O PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 A Pesquisa Qualitativa como Percurso

A pesquisa qualitativa não constitui um grupo definido de técnicas ou filosofias de pesquisa, mas se origina em um amplo espectro de tradições intelectuais e acadêmicas, e é utilizada em diferentes disciplinas das ciências humanas, sociais e da saúde. Segundo Denzin e Lincoln

[...] é uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. [...] seus pesquisadores buscam entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (2006, p.17).

Minayo destaca o posicionamento desta modalidade de pesquisa em relação às abordagens quantitativas:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis [...] A diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região "visível, ecológica, morfológica e concreta", a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas. (2001, p.22).

Pais (2009, p.142) ressalta que a diferença entre estas duas metodologias está nos desenhos de partida e na diversidade de opções que se colocam à partida, prevalecendo nas abordagens qualitativas uma "lógica de descoberta". Pesquisas desta natureza podem ser utilizadas quando relativamente pouco é sabido sobre um fenômeno e também para agregar

novas perspectivas ao que já é conhecido, e podem adotar várias linhas teóricas. No entanto a maioria das pesquisas qualitativas envolve um conjunto de características comuns:

- É conduzida pelo contato intenso do pesquisador com um ‘campo’ ou um ambiente de vida real; a pesquisa constitui-se em um processo interativo do pesquisador com a realidade estudada, portanto não é livre de valor;
- Os métodos de geração de dados são múltiplos, flexíveis e sensíveis ao contexto onde foram produzidos na tentativa de assegurar a compreensão do fenômeno;
- O papel do pesquisador consiste em obter um panorama holístico ou integrado do objeto de estudo, levando em conta sua complexidade e incluindo a percepção dos participantes;
- O maior foco é compreender a cultura e o comportamento humano do ponto de vista dos que estão sendo estudados;
- Os temas emergentes são frequentemente revistos com informantes. (GEERTZ, 1973; MASON, 2002; DENZIN; LINCOLN, 2006; MILES et al., 2013).

A abordagem qualitativa e compreensiva apresentou-se adequada para investigar de forma indutiva a experiência cotidiana dos idosos ao tempo/clima, com foco no processo vivenciado pelos sujeitos e nos significados, situando-a em um contexto social, histórico e urbano específico.

Para a presente iniciativa, foi adotada, então, uma *perspectiva etnográfica*. Geertz (1973) define cultura como teias de significados tecidas pelo homem, significados dados a si mesmos e a suas ações, e que podem ser apreendidos através de um registro qualitativo e escrito, a etnografia. Entendida como disciplina ou campo, a etnografia

[...] envolve a concepção, conceptualização, condução, interpretação, escrita e reporte associados a um estudo amplo, em profundidade e de longo prazo de um grupo social ou cultural [...]. Adotar uma *perspectiva etnográfica* significa desenvolver uma abordagem mais focada para estudar aspectos particulares do cotidiano e práticas culturais de um grupo social. (GREEN; BLOONE, 1997, p.183).

O estudo de caráter mais focado permanece comprometido com a experiência em primeira mão através do uso da observação participante que caracteriza a pesquisa etnográfica, e com os pressupostos da antropologia relacionados aos conceitos de

etnocentrismo, relativismo e cultura (LAVILLE; DIONE, 1999; HARMMERSLEY; ATKINSON, 2007; NAKAMURA, 2011).

A etnografia envolve um posicionamento do pesquisador ao entender que o conhecimento pode e deve ser gerado por meio da observação ou participação em ambientes de vida real e situações de interação, porque nem todo o conhecimento pode ser produzido de forma articulada e reconstruído em entrevistas. A perspectiva etnográfica desta pesquisa pressupõe, portanto, conhecer o universo investigado ‘de dentro’ e assim “penetrar nos meandros da cotidianeidade” (PAIS, 2009, p.143) dos idosos aqui investigados.

As relações entre clima, pessoas e lugares vêm sendo exploradas etnograficamente com a imersão de antropólogos por longos períodos em ambientes naturais que apresentam fenômenos climáticos extremos. O trabalho de Ingold e Kurttila (2000) tornou-se um marco neste sentido: os pesquisadores investigaram a percepção do clima em comunidades que habitam o extremo norte da Noruega e o emprego dos conhecimentos populares relacionados ao tempo em diversas atividades realizadas no cotidiano. Nas décadas seguintes Palframan (2015) estudou a adaptação de uma comunidade indígena do Lesoto às mudanças climáticas; Joseph et al. (2012) avaliaram a experiência do clima no cotidiano de trabalhadores da saúde em uma região rural do Canadá; Winarto et al. (2011) estudaram o aprendizado ‘agrometeorológico’ dos agricultores em Java. Com foco em um único elemento, Low e Hsu (2007) compilaram uma série de estudos etnográficos sobre o vento.

Em tempos que requerem estudos sobre mudanças do clima sob uma perspectiva cultural, a abordagem etnográfica mostra-se particularmente útil para explorar o conceito de adaptação, como descrevem Roncoli et al. (2009, p. 89):

‘Estar lá’ está sendo crescentemente adotado além da antropologia por outros cientistas sociais, como sociólogos e geógrafos culturais, que estudam a vulnerabilidade e adaptação às mudanças ambientais globais [...] Em particular, as interações no campo proporcionaram a ela *insights* sobre a forma como os significados culturais permeiam os modos de vida, e as adaptações refletem ação no modo como as pessoas se empenham para fazer o melhor nas suas circunstâncias. (em tradução livre por esta pesquisadora).¹⁴

¹⁴ Do original [“*Being there*” is increasingly being embraced beyond anthropology by other social scientists, such as sociologists and cultural geographers who work on vulnerability and adaptation to

Uma perspectiva etnográfica também fornece uma resposta empírica para o estudo de práticas no cotidiano, tema central no estudo da experiência do clima. Situando o pesquisador próximo a este cotidiano, às rotinas, ao comum, pode-se conhecer a prática corporificada em seu ambiente natural, no momento em que ela se desenvolve. É possível compreender como significados e interpretações refletem e guiam as relações entre pessoas, pessoas e objetos, pessoas e espaços.

2.1.1 As técnicas de coleta de dados utilizadas

Galanti (1999) define de forma bastante objetiva três tarefas da pesquisa de caráter etnográfico: 1) observar o comportamento das pessoas; 2) estudar o que as pessoas fazem, acreditam e pensam; e 3) fornecer uma interpretação aos dados anteriores. Estas tarefas, no entanto, implicam na complexa articulação do conceito de ‘experiências próximas’ dos sujeitos investigados, capturados na experiência de campo, ao conceito de ‘experiência distante’ criado teoricamente para a compreensão da vida social (LAGE, 2009).

Para cumprir tais tarefas, optou-se neste trabalho por coletar dados por meio de observação participante, entrevistas e fontes documentais, descritas a seguir. Este estudo apresenta uma estratégia de pesquisa indutiva cujo desenvolvimento não pode ser completamente previsto, o que permitiu que as técnicas de coleta de dados utilizadas pudessem ser modificadas conforme novas informações ou *insights* relevantes surgissem durante o processo. O trabalho transcorreu conforme o cronograma descrito na Figura 3.

global environmental change [...] In particular, field interactions provided her with insights into the way livelihoods are infused with cultural meanings and adaptations reflect agency in the way people endeavor to make the best out of their circumstances].

Figura 3 – Cronograma do trabalho de campo

2.1.1.1 Observação participante

A técnica de observação participante pressupõe uma complexidade do tema abordado e permite a obtenção da maior quantidade de dados sobre o cotidiano em estudo e os atores sociais envolvidos (MINAYO, 2007). Consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo estudado, que passa a participar da experiência no local para compreender a organização do grupo, suas relações, comportamentos, valores e crenças (LAVILLE; DIONE, 1999; MAYAN, 2001; QUEIROZ et al., 2007). O pesquisador “entabula conversação com alguns ou todos os participantes desta situação estudada e descobre as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos que observou” (BECKER, 1994, p.47). Neste processo “ele ao mesmo tempo, pode modificar e ser modificado pelo contexto” (CRUZ NETO, 2001, p.60).

O ‘estar lá’ e o compartilhamento do cotidiano com o sujeito de pesquisa permitem a abordagem empírica da vida diária conforme ela se desdobra em tempo real, e a captura de eventos mais fugazes e imponderáveis que podem escapar na narrativa obtida pela entrevista, bem como informações não verbais e comportamentos não plenamente conscientes.

Esta aproximação ganha relevo na medida em que a experiência dos sujeitos de pesquisa que está sendo investigada ocorre em um contexto urbano como áreas de circulação pública abertas, em que a interação com tempo meteorológico é direta. A observação participante permite explorar como as pessoas agem e interagem em ambientes ‘naturais’, incluindo a apreensão de características físicas, espaciais, temporais e organizacionais do espaço que possam ter relevância para a experiência (MANSON, 2002).

Tal técnica foi selecionada e empregada nesta pesquisa para conhecer o território e delimitar o *setting* mais restrito de pesquisa, definindo o recorte espacial; conhecer a dinâmica de circulação dos idosos neste ambiente; explorar as experiências e práticas relacionadas ao tempo nos espaços públicos por meio do compartilhamento e da participação direta quando possível, e recrutar entrevistados. O período de campo estendeu-se de julho de 2013 a outubro de 2014, de modo a cobrir todas as estações do ano, e foi registrado em diário de campo de forma detalhada e através de fotografias tiradas pela pesquisadora. Sobre o diário de campo Cruz Neto enfatiza que:

[...] é pessoal e intransferível. Sobre ele o pesquisador se debruça no intuito de construir detalhes que no seu somatório vão congregam os diferentes momentos da pesquisa. Demanda um uso sistemático que se estende desde o primeiro momento da ida ao campo até a fase final da investigação. Quanto mais rico for em anotações esse diário, maior será o auxílio que oferecerá à descrição e à análise do objeto estudado. (2001, p.63).

2.1.1.2 Entrevistas

A entrevista é “uma forma de interação social que valoriza o uso da palavra, símbolo e signo privilegiados das relações humanas, por meio da qual os atores sociais constroem e procuram dar sentido à realidade que os cerca” (FRASER; GONDIM, 2004, p.139). Há portanto uma relação de troca em que o interlocutor pode exprimir suas percepções de um acontecimento ou situação, interpretações e experiências, processo facilitado por perguntas do tipo ‘aberto’ (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2003).

Por meio das narrativas orais de idosos residentes na região central da cidade, buscou-se aprofundar aspectos identificados durante a fase de observação participante em espaços públicos, e investigar as concepções e percepções em relação aos temas clima/saúde e clima/cidade.

Foi o momento da pesquisa em que foram exploradas as práticas cotidianas de âmbito doméstico, uma vez que não foi possível, por limites de acesso, desenvolver um trabalho de observação participante no interior das residências semelhante àquele realizado em espaços públicos.

A modalidade de entrevista semiestruturada, opção utilizada nesta pesquisa, permite que o entrevistado discorra com liberdade sobre um tema, mas também concede ao

entrevistador algum nível diretivo com base em um conjunto de questões previamente definido, nem totalmente abertas nem encaminhadas como perguntas precisas (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2003; BONI; QUARESMA, 2005). Deste modo, o roteiro na entrevista semiestruturada “deve se constituir de tópicos que servem de orientação e guia ao entrevistador, mas permite flexibilidade nas conversas e a absorção de novos temas” (MINAYO, 2007, p. 191).

O roteiro desta pesquisa (ANEXO II) inicia-se com uma pergunta para quebrar o gelo ou, como descreve LALANDA (1998, pg. 876), “aquecer os motores” e introduzir o tema do clima: ‘Qual é a sua estação do ano favorita, e por quê?’. Em seguida, são feitas perguntas cobrindo três dimensões da experiência cotidiana do tempo meteorológico: ‘corpo’, ‘casa’ e ‘espaços públicos’. Na vida cotidiana, estas dimensões não podem ser separadas completamente. Porém, tal estratégia foi necessária para facilitar o andamento da entrevista, abrindo os tópicos de conversa. Foi elaborado um bloco de perguntas sobre lembranças do tempo, com foco na biografia pessoal e na vida passada na cidade de São Paulo, e um último bloco sobre concepções relacionadas ao clima em termos globais e locais.

A seleção de entrevistados na pesquisa qualitativa é feita a partir de uma lógica diferente daquela das abordagens quantitativas, que buscam representatividade estatística dentro da lógica da aleatoriedade. Os participantes são selecionados intencionalmente com base no seu potencial de informar; inclusive, conforme ressalta Maxwell (2008), amostras deste tipo são selecionadas *porque* podem fornecer informações que não poderiam ser obtidas de outra forma. A amostragem deve “manter a preocupação com abrangência e diversidade do grupo, e o número de entrevistados deve ser suficiente para permitir reincidência e complementaridade das informações” (MINAYO, 2007, p.197). Os critérios de seleção utilizados estão detalhados no CAPÍTULO 3, juntamente com o processo de recrutamento.

As entrevistas ocorreram na segunda metade do trabalho de campo, a partir de março de 2014, e encerraram-se em outubro do mesmo ano. Sempre que autorizado, foi realizada no domicílio do entrevistado.

2.1.1.3 Fontes Documentais

Procedeu-se a uma pesquisa documental para obter uma compreensão mais abrangente do contexto, e assim: a) caracterizar a área de estudo, no centro de São Paulo, do ponto de vista geográfico e climático, utilizando-se, por exemplo, mapas e registros de temperatura da base de dados da prefeitura municipal e de institutos meteorológicos; b) detalhar o perfil sociodemográfico da região estudada, tendo por base dados do IBGE; e c) obter informações de caráter histórico sobre a região de São Paulo onde ocorreu a pesquisa, a partir de fontes disponíveis em meio impresso e eletrônico.

2.1.2 A análise de dados

A análise temática é um método que identifica e analisa temas entendidos como padrões dos dados qualitativos, em busca de um sentido para o discurso. Estabelece temas e categorias de análise que emergem do conjunto de materiais. A fase de análise é, portanto, interpretativa, ao buscar o nível mais geral, o código partilhado, a lógica comum subjacente a um conjunto de falas (ZALUAR, 1986).

Segundo Bardin (1975, p.105), a construção de um plano de análise envolve um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção ou recepção destas mensagens. Estas etapas incluem:

- a) Pré-análise: a preparação do material, a escolha dos documentos e a transcrição das entrevistas; a leitura flutuante para tomar contato exaustivo com o material; e a operação de recorte do texto em unidades comparáveis de categorização para análise temática.
- b) Exploração do material: as operações de codificação, enumeração, classificação e agregação. Para realizar o recorte do material, torna-se necessária sua leitura e a demarcação dos "núcleos de sentido", ou seja, das unidades de significação.
- c) Tratamento dos resultados obtidos, inferência e interpretação: a identificação de temas previstos e emergentes; a elaboração de um roteiro temático; e a

hierarquização dos temas e estabelecimento de relação entre eles. O tema é a unidade de significação final.

Durante a fase da análise dos dados desta pesquisa foi adotado um foco nas práticas que emergiam dos dados gerados no trabalho de campo: a experiência diária do tempo se mostrava capturada nos dizeres e fazeres corporificados e situados. A memória de rotinas e eventos, bem como as concepções sobre clima se revelaram através de uma prática narrativa com contornos específicos. Antes de ser uma opção redutora do escopo da pesquisa, esta foi uma opção estruturante utilizada na composição da tese.

Há uma longa tradição de pensadores no campo das práticas. Uma primeira geração inclui, entre outros importantes pesquisadores, Michel de Certeau e Pierre Bourdieu, que apresentam perspectivas diversas sobre o tema.

Em “A Invenção do Cotidiano” (1994), Certeau desvela a vida cotidiana como um local de resistência e apropriação, celebrando a liberdade das práticas. Ao analisar o cotidiano através de estratégias e táticas que informam as artes do fazer, o autor reposiciona o cotidiano como movimento, espontaneidade e não apenas ‘rotinização’ no espaço público e privado. Certeau insiste na centralidade do agenciamento humano, embora demonstre as limitações da estrutura no livre arbítrio.

Com orientação teórica diversa, Bourdieu (1990) argumenta que práticas são pré-cognitivas, enraizadas no que denominou ‘*habitus*’, fornecendo uma explicação para a regularidade e previsibilidade da vida social. Propôs um caminho entre o binarismo da estrutura e da ação, que permite aos praticantes seguir no cotidiano através de comportamentos não mais conscientes e refletindo um processo de aprendizado. Para esse autor, algumas estruturas econômicas e sociais caracterizam condições da existência que produzem as estruturas do *habitus*, o que por sua vez são base da percepção e apreciação das experiências posteriores. O *habitus* revela uma capacidade do *sociação*, porque as categorias de ação são partilhadas por toda a sociedade; e de *individação*, porque cada pessoa, em sua trajetória única, internaliza uma combinação incomparável de esquemas (WACQUANT, 2009, p.68, *grifo do próprio autor*).

A partir do trabalho de Theodor Schatzki (2001), práticas sociais passaram a ser definidas também como conjuntos de ações humanas que podem formar categorias para análise sociológica. Não há uma definição única do que é prática e quais são as práticas; o autor

descreveu aspectos comuns às teorias das práticas que tiveram início no século XXI: práticas são matrizes de atividades que podem ter enfoques variados, ou seja, como atividade, como saber tácito e como humano e não humano. O contexto social, ou campo, é um arranjo de práticas corporificadas e materialmente mediadas. O *locus* do social é então composto por uma malha não só de nexos de práticas, fazeres e dizeres, mas também de arranjos materiais (objetos, artefatos, corpos), com componentes que incluem “conhecimento, significado, atividade, ciência, poder, linguagem, instituições sociais e transformação histórica” (SCHATZKI, 2001, p.2-3). Colocando a prática como centro da análise, busca-se compreender a relação entre o detalhe da atividade humana e aspectos sociais mais amplos.

Para Schatzki, as dimensões que compõem uma prática são:

- a) entendimentos práticos, ou atividades corporificadas e rotinizadas, guiadas pelo hábito; envolvem coletividade, cultura;
- b) inteligibilidade prática, ou o que guia a atividade prática para o indivíduo, o que faz sentido para ele, que pode não ser o mais racional ou normativo;
- c) regras, conhecimento e linguagem que determinam como fazer algo, o que é permitido ou não; e
- d) significados, que envolvem o engajamento com a prática através dos significados a ela atribuídos.

Posteriormente, outros teóricos ligados a linhas de pesquisa sobre consumo e conforto redefiniram os componentes das práticas sociais com algumas variações agrupando-as em competências, significados e produtos (SHOVE-PANTZAR, 2005); e entendimentos, engajamentos, procedimentos e itens de consumo (WARDE, 2005). Estes pesquisadores, além de Reckwitz (2002), valorizam objetos, materiais e infraestrutura ligados às práticas de forma mais contundente do que o proposto por Schatzki. Por outro lado é Reckwitz que entende o discurso como um tipo de prática, dentre outras, isto é como um dos elementos constitutivos da inteligibilidade, ao lado das atividades corpóreas ou objetos.

A articulação teórico-metodológica entre a perspectiva etnográfica e a teoria das práticas sociais é possível quando práticas são entendidas como dotadas de significados de natureza corporificada e material que podem ser capturadas pelo pesquisador no

trabalho de campo. Os estudos de Rantala e Markuksela (2011) e de Vanini et al. (2010), que também abordam a experiência ao clima, são exemplos desta aproximação.

Esta chave de compreensão das práticas como malha de fazeres e dizeres e arranjos materiais foi o fio condutor da análise dos dados obtidos em campo. O enfoque sócio material auxiliou a capturar elementos relevantes para a experiência multidimensional do tempo no cotidiano dentro e fora de casa, por meio de seus componentes de conhecimento prático, entendimentos sociais ou comuns, regras, significados, e aspectos materiais; e manteve a perspectiva corporificada e situada das práticas, tão relevante quando se fala de tempo meteorológico. Três temas foram identificados: práticas narrativas, práticas cotidianas de antecipação e adaptação, e práticas relacionadas ao corpo.

Explorar as memórias do tempo meteorológico e do clima na própria biografia e nos lugares em que se viveu conduziu à discussão da narrativa sobre o tema como um tipo de prática.

A vida cotidiana revelou um arranjo de práticas corporificadas antecipatórias e adaptativas, interconectadas, com dimensões sociais e materiais na sua relação com a moradia e a cidade.

E por fim, os tempos do corpo desvelaram a tensão entre resiliência e vulnerabilidade, levando à discussão de práticas preventivas, tendo em vista o corpo como um dos elementos constitutivos da prática, e parte integrante do espaço de inteligibilidade.

2.2 Delimitação e Caracterização Sociodemográfica do Campo de Estudo

São Paulo possui um clima tropical atenuado pela altitude, com médias anuais de temperatura entre 18°C e 20°C, temperatura máxima absoluta de 40°C e mínima de 2°C (SOBRAL, 2005). Há registro em jornais da ocorrência de neve e frio excepcional em 25 de junho de 1918, fato comentado pelo escritor Oswald de Andrade em seu diário:

“Três graus abaixo de zero! Encontrei a Morgada transformada em geleia”¹⁵. O clima paulistano é frio e seco no inverno e quente e chuvoso no verão, com períodos de transição no outono e primavera.

A variabilidade de condições atmosféricas observada ao longo de 24 horas, muitas vezes com mudanças abruptas, é uma característica marcante da cidade traduzida na afirmação popular de que “em São Paulo se vive as quatro estações do ano em um dia”.

Segundo os climatologistas, o clima conhecido pelos moradores já está mudando: há o registro do aumento de 2°C nos últimos cinquenta anos no centro da cidade de São Paulo e da ocorrência mais chuvas intensas. Projeções para o clima nos moldes daquelas feitas pelo IPCC indicam uma tendência de agravamento, com aumento dos dias e noites quentes e diminuição dos dias e noites frios nas próximas décadas, bem como aumento de chuvas e precipitações intensas, com risco de enchentes e inundações (NOBRE; YOUNG, 2011; NOBRE et al., 2010).

Para compreender esta mudança é necessário dar atenção a como evoluiu o *clima urbano*: o aumento da urbanização e a forma como esse processo se deu na região central da cidade contribuiu para mudanças no microclima local, amplificando - segundo grande parte dos pesquisadores - o fenômeno global do aquecimento. A geógrafa Magda Lombardo foi a primeira pesquisadora a descrever o efeito de ‘ilha de calor urbana’ em São Paulo:

[...] é no centro das áreas urbanas, nos lugares pobres em vegetação, que as temperaturas atingem valores máximos. Por outro lado, os valores mínimos são registrados em áreas verdes e reservatórios de água. (LOMBARDO, 1985, p.25).

Conforme as áreas urbanas se desenvolvem, os edifícios, estradas, pavimentações e outras infraestruturas substituem espaços abertos e vegetação. Superfícies que antes eram permeáveis e úmidas tornam-se impermeáveis e secas. Durante o dia, os materiais escuros como o asfalto e os telhados absorvem e armazenam calor. Após o pôr do sol, estes materiais mantêm a temperatura alta.

¹⁵ ANDRADE, Oswald de. *O Perfeito Cozinheiro de Almas deste Mundo*. 2014, p.52. “Morgada” é uma bebida alcoólica

A região central da cidade de São Paulo é a que apresenta menor cobertura vegetal em m^2 por habitante (Figura 4) e as maiores temperaturas aparentes de superfície. Boa parte dos distritos centrais apresenta índices de cobertura vegetal abaixo do mínimo de $12 m^2$ por habitante preconizado pela Organização Mundial da Saúde, com valores entre 0 e $10 m^2$.

Figura 4 – Mapa da cobertura vegetal (m^2) por habitante por distrito da cidade de São Paulo
Fonte: Atlas ambiental da cidade de São Paulo¹⁶.

¹⁶ Disponível em: <<http://atlasambiental.prefeitura.sp.gov.br>> Acesso em julho de 2015

O mapa do Atlas Ambiental da Cidade de São Paulo (1999) identifica as regiões onde foram registradas as mais altas temperaturas aparentes de superfície; quanto mais avermelhada a cor no mapa, maior a temperatura (detalhe do mapa, com a região central da cidade em destaque, na Figura 5)¹⁷. Novamente, distritos centrais como Brás, Pari, Belém, Bom Retiro e Cambuci estão entre aqueles mais afetados; a diferença de temperatura entre o centro mais densamente construído e poluído e as regiões periféricas com maior presença de vegetação e menos poluição pode chegar a 10°C (SOBRAL; SILVA, 1989).

Figura 5 – Detalhe do mapa de temperatura aparente da superfície alvo de registro de São Paulo. Recorte da região central da cidade.

Fonte: Atlas Ambiental da Cidade de São Paulo¹⁸.

¹⁷ Uma atualização deste mapa encontra-se no ANEXO I. Extraído da tese de doutoramento de BARROS, H. (2016).

¹⁸ Disponível em: <<http://atlasambiental.prefeitura.sp.gov.br/mapas/105.pdf>>. Acesso em julho de 2015

Além do impacto na temperatura, o fenômeno de ilha de calor diminuiu o nevoeiro e a garoa típica no centro da cidade de São Paulo. Também incrementou a formação de chuvas intensas e concentradas e prejudica a dispersão de poluentes atmosféricos, o que pode causar impacto na saúde da população (RIBEIRO et al., 2010; NOBRE et al., 2010; JACOBI, 2013).

A temperatura de superfície é uma referência geral das condições térmicas de uma região registrada por satélite sobre os telhados e copas de árvores, ou seja, ela não se correlaciona necessariamente com a experiência do tempo ao nível do pedestre, que pode ser influenciada por fatores locais como a presença de vento, árvores e sombra. Esta relação entre dados e percepção de temperatura na região central da cidade de São Paulo ainda necessita ser melhor compreendida. Jesus (2011) contribui ao avaliar a percepção ambiental de pessoas que frequentam a região da subprefeitura Sé, no centro de São Paulo. A pesquisadora aponta que 100% dos entrevistados concordam que a temperatura da área central está aumentando a cada ano, e essa percepção ambiental foi associada, na maioria das vezes, diretamente ao excesso de áreas construídas e à ausência de áreas verdes. Adicionalmente, quase a totalidade dos entrevistados alegou que as altas temperaturas interferiam diretamente na sua saúde.

No início do século XX, os bairros da Mooca, Brás, Belenzinho, Tatuapé, Cambuci, Pari e Bom Retiro, localizados no centro da cidade, compunham “a mancha fabril no tecido da urbe” (TOLEDO, 2015, p.118). Esta área, de vocação fabril nos seus primórdios, enfrentou um período de desindustrialização e queda na densidade demográfica a partir dos anos 1960. Beneficiária de políticas de revalorização urbana e de incentivo à reocupação a partir dos anos 1990, a região voltou a atrair moradores e encontra-se em um momento de transição, com vários distritos apresentando reversão da tendência de queda demográfica (IBGE, 2010; RUBBIA, 2011). É uma região ‘agrisalhada’, quando comparada ao restante da cidade, fato expresso nos altos Índices de Envelhecimento de seus distritos. Não é raro encontrar quem resida lá há décadas.

Por ser uma região com concentração de moradores idosos e com um cenário climático com condições variadas de tempo e influenciado pelo modelo de urbanização, o centro da cidade apresentou-se como campo natural e interessante para esta pesquisa. Ao delimitar o recorte espacial, optou-se por dois distritos de perfil mais residencial e

comercial entre os oito que compõem o conjunto da subprefeitura Sé (Figura 6): Bom Retiro e Cambuci.

A opção por dois distritos diferentes buscou garantir a diversidade do cenário urbano e também dos seus moradores. Mesmo fazendo parte de um mesmo conjunto de distritos centrais, há uma variedade na tipologia de moradias, na paisagem e na infraestrutura que diferencia o Bom Retiro do Cambuci. Com dois distritos também se buscou ampliar a diversidade dos participantes da pesquisa, não limitando a amostra a moradores de um grupo específico quanto à origem, etnia ou condição socioeconômica.

A escolha destes dois distritos também foi determinada por uma questão de ordem prática da pesquisa: as suas dimensões, localização e condições de acessibilidade tornavam estes bairros viáveis para o desenvolvimento do trabalho de campo, uma vez que a pesquisadora não reside no centro da cidade e várias horas de pesquisa poderiam ser consumidas apenas no deslocamento.

Figura 6 – Mapa das regiões, subprefeituras e distritos do município de São Paulo, e detalhe da subprefeitura Sé com os Distritos de Bom Retiro e Cambuci.
Fonte: Prefeitura de São Paulo¹⁹.

O Cambuci é um dos bairros²⁰ mais antigos da cidade, e tem esta denominação devido à grande quantidade de árvores de mesmo nome que existiam na região, das quais se extraía a madeira, e cuja semente era misturada à aguardente²¹. Nos seus primórdios situava-se no limite da cidade e era uma região de passagem para tropeiros e viajantes que chegavam

¹⁹ Disponível em: <http://subprefeituras.sp.gov.br/mapas/3_regioes_subprefeituras_e_distritos_2009_8.pdf>. Acesso em julho de 2015

²⁰ O termo distrito refere-se à unidade administrativa da prefeitura de São Paulo. Bairros são unidades geográficas e correspondem em grande parte aos limites do distrito. São utilizados de forma intercambiável neste estudo.

²¹ Dados históricos relacionados aos bairros do Bom Retiro e Cambuci coletados na produção de TOLEDO (2015) e no site Banco de Dados Folha, História dos Bairros Paulistanos. Disponível em <<http://almanaque.folha.uol.com.br/>> Acesso em janeiro de 2016

a São Paulo. No século XIX, várias fábricas se instalaram na região, ocupando o lugar das chácaras e atraindo uma grande massa de trabalhadores imigrantes, especialmente italianos e sírio-libaneses, para viver no bairro; a Liga Operária e o movimento anarquista estiveram fortemente vinculados a ele. Algumas características deste período, como velhos galpões e sobrados operários persistem até hoje. As fábricas foram embora nos anos 1970 e o Cambuci tornou-se um bairro de serviços, concentrando hoje uma grande variedade de comércio no eixo da Avenida Lins de Vasconcelos e em torno do Largo do Cambuci.

No século XX, a região do Bom Retiro era composta por chácaras e sítios, entre eles a Chácara Bom Retiro, que deu nome ao bairro, e cujo traçado urbano remonta ao século XIX (TOLEDO, 2015, p. 33) A chegada da Estrada de Ferro São Paulo Railway atraiu depósitos e indústrias e propiciou o florescimento do comércio; imigrantes portugueses, judeus e sírio-libaneses se estabeleceram em torno de um ativo comércio de roupas que se somava a pequenas indústrias de confecção e tecelagem. Os ingleses também trouxeram os campos de futebol para o bairro, lembrados até hoje pelos moradores mais antigos. A maioria dos residentes do bairro no final da década de 40 era de origem judaica, em decorrência da imigração decorrente da Segunda Guerra Mundial. Posteriormente, chegaram italianos e gregos e, nas últimas décadas, sul-coreanos, chineses e bolivianos. As diversas ondas migratórias conferiram um caráter multicultural ao bairro. Tornou-se também um polo educacional, cultural e de lazer a partir do início do século XX, ao abrigar o Ginásio do Estado, o Liceu de Artes e Ofícios e a Escola Politécnica (ibid., p.155); e mais recentemente grandes museus e o Parque da Luz. Hoje, o bairro é conhecido como centro comercial de moda, com vendas de roupas para o atacado e varejo.

Dados demográficos de 2010 do IBGE indicavam 6.810 moradores acima de 60 anos no Cambuci, sendo 56% de mulheres, e um Índice de Envelhecimento de 101. No mesmo ano, o Bom Retiro apresentava 4.746 habitantes acima de 60 anos, a mesma proporção de mulheres encontrada no Cambuci, porém com mais crianças e adolescentes na sua composição e, portanto, um Índice de Envelhecimento menor, de 67 (Tabela 1).

Tabela 1 – Dados demográficos por unidade territorial, Bom Retiro e Cambuci, 2010.

Dado demográfico	BOM RETIRO	CAMBUCI
Número de habitantes	33.892	36.948
Número de habitantes > 60 anos	4.746	6.810
Homens > 60 anos	2.072	2.963
Mulheres > 60 anos	2.674	3.847
Índice de Envelhecimento	67,69	101,28

Fonte: Dados obtidos do Sistema Infocidade, Prefeitura de São Paulo, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU) em 2015²².

Ambos os bairros são distritos de classe média, cujos imóveis dividem-se entre alugados e próprios na mesma proporção (Tabela 2) e mais de 50% dos domicílios particulares permanentes declara renda entre 02 e 10 salários mínimos (Tabela 3). Quanto à classificação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)²³, o Cambuci está incluído na categoria *IDH muito elevado*, e o Bom Retiro, na categoria *IDH elevado*.

Tabela 2 – Domicílios segundo condição de propriedade por unidade territorial, Bom Retiro e Cambuci, 2010.

Domicílios segundo condição de propriedade	BOM RETIRO	CAMBUCI
Total de domicílios	10.608	12.636
Próprio de algum morador – já pago	4.088	6.680
Próprio de algum morador – ainda pagando	941	1.014
Alugado	4.656	4.004
Cedido por empregador	217	375
Cedido de outra forma	165	418
Outra condição	541	145

Fonte: Dados obtidos do Sistema Infocidade, Prefeitura de São Paulo, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU) em 2015.

²² Disponível em <<http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/>>

²³ Atlas Municipal de Trabalho e Desenvolvimento da Cidade de São Paulo, 2007. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/trabalho/informacoes/atlas_municipal/> Acesso em julho de 2015.

Tabela 3 – Classes de rendimento nominal mensal domiciliar (salário mínimo), domicílios particulares permanentes por unidade territorial, Bom Retiro e Cambuci, 2010.

Classes de rendimento nominal mensal domiciliar (salário mínimo)	BOM RETIRO	CAMBUCI
Até ½	178	30
Mais de 1/2 a 1	551	393
Mais de 1 a 2	1.290	1.032
Mais de 2 a 5	3.195	3.350
Mais de 5 a 10	2.667	3.432
Mais de 10 a 20	1.273	2.607
Mais de 20	280	1.296
Sem rendimento	1.184	503
Total	10.620	12.645

Fonte: Dados obtidos do Sistema Infocidade, Prefeitura de São Paulo, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU) em 2015.

Em relação ao nível de instrução 65% da população do Bom Retiro e 75% da população do Cambuci possui pelo menos o fundamental completo. As maiores diferenças de escolaridade estão nos extremos das faixas do nível de instrução: o Cambuci apresenta proporcionalmente menos residentes sem instrução ou com o ensino fundamental incompleto, e mais moradores com ensino superior completo (Tabela 4).

Tabela 4 – População de 10 anos ou mais por nível de instrução, unidade territorial, Bom Retiro e Cambuci, 2010.

População de 10 anos ou mais por nível de instrução	BOM RETIRO	CAMBUCI
Total	29.584	32.818
Sem instrução	10.172	8.239
Fundamental completo	6.082	5.923
Médio completo	8.303	10.208
Superior completo	4.697	8.222
Não determinado	330	226

Fonte: Dados obtidos do Sistema Infocidade, Prefeitura de São Paulo, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU) em 2015.

O Cambuci é uma região onde ainda se encontram muitas casas e edificações mais baixas, enquanto o Bom Retiro é mais verticalizado e compacto.

No Cambuci, as casas constituem 1/3 dos domicílios, com apenas 10 a 50 edifícios com mais de cinco pavimentos por km². Esta paisagem de casas, entretanto, apresenta uma tendência de mudança, já que a região vem sofrendo processo de valorização imobiliária com adensamento vertical. Apenas entre 2004 e 2014 foram contabilizados 19 lançamentos residenciais verticais (Figuras 7 e 8). No Bom Retiro, predominam os apartamentos sobre as casas; há de 50 a 150 edifícios com mais de cinco pavimentos por km², muitos deles com comércio no térreo (Figuras 9 e 10). Ao contrário do Cambuci, sua área construída não se ampliou significativamente com novos lançamentos na última década.

Figura 7 – Casas típicas do Cambuci

Figura 8 – Casas e novos edifícios misturados na paisagem do Cambuci

Figura 9 – Prédios residenciais típicos do Bom Retiro.

Figura 10 – Prédios de uso misto no Bom Retiro

Segundo dados da prefeitura de São Paulo, não há favelas nestes distritos, e sim alguns domicílios coletivos e improvisados, em um percentual em torno de 3% em ambos os bairros. A presença de habitações do tipo casa de cômodos, cortiço ou cabeça de porco é mais frequente no Bom Retiro.

Ambos os distritos são pouco arborizados se tomado como referência o índice de 12 m² de área verde por habitante recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O Bom Retiro, com 7,54 m² de área verde por habitante, encontra-se em situação menos crítica que o Cambuci, com apenas 2,32 m² por habitante.

Do ponto de vista do clima urbano, Bom Retiro e Cambuci estão situados no epicentro da ilha de calor, e são dois dos distritos com mais elevada temperatura aparente de superfície da cidade (RUBBIA, 2011). Tanto o Bom Retiro quanto o Cambuci têm um longo histórico de inundações após tempestades; há o relato de uma enchente histórica em 1929 que demandou a remoção de 170 famílias²⁴ do bairro do Bom Retiro. O ANEXO III apresenta o mapa com os pontos de risco para alagamento nestes distritos.

2.3 Desenvolvimento do Trabalho de Campo

2.3.1 *Observando*

O período de observação participante desta pesquisa teve duração de 14 meses completos, de meados de julho de 2013 até outubro de 2014.

Foram dedicados em média quatro dias por semana para as visitas ao campo no Bom Retiro e no Cambuci. As incursões foram feitas alternando-se os bairros visitados durante a semana, e buscando variar os dias da semana e os horários. As observações foram realizadas nos espaços públicos (conforme FERRARI, 2004, p. 209)²⁵ e privados,

²⁴ Jornal O Estado de São Paulo. Disponível em <<http://acervo.estadao.com.br/> 19/02/1929> Acesso em dezembro de 2015.

²⁵ Em seu Dicionário de Urbanismo FERRARI define espaço público como “qualquer área urbanizada inalienável, sem edificação e destinada ao uso comum ou especial dos munícipes, como praças, parques, ruas, jardins, lagos etc.”.

porém acessíveis, em períodos médios de seis horas, e registradas de forma sistemática em diário de campo, elaborado ao fim do dia com notas descritivas e reflexivas.

As notas descritivas incluíram todos os elementos, ações e eventos de alguma forma relacionados à experiência do tempo no cotidiano. Indicaram também a modificação das práticas observadas no transcorrer das estações do ano: onde os idosos circulavam, qual trajeto faziam a pé, onde permaneciam por mais tempo; que roupa vestiam, se portavam guarda-chuva ou outros acessórios; quais os gestos que faziam, se apresentavam sinais físicos de desconforto; se falavam sobre o tempo, o que falavam, e qual a linguagem; o que comiam e o que bebiam. Também incluíram registros sobre a relação das pessoas com os espaços físicos frequentados, e configurações materiais que pudessem se articular com as práticas relacionadas ao tempo.

Os dados relativos à temperatura ambiente, sensação térmica e umidade relativa do ar na cidade de São Paulo foram consultados via telefone celular no momento de início do período de campo e anotados em diário. Estes dados foram obtidos através de consulta ao aplicativo do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE-CPTEC). Nos dias em que não foi possível fazer a conexão ao aplicativo, foram registrados os dados de temperatura obtidos do termômetro de rua, e os dados completos foram recuperados retrospectivamente.

As notas reflexivas incluíram apontamentos sobre a impressão da pesquisadora a respeito do tempo em cada visita e seu traje a cada dia; as dificuldades encontradas no decorrer da observação, na execução das visitas a campo ou na relação com os participantes; detalhes e reflexões sobre o processo de recrutamento e a dinâmica das entrevistas; os estranhamentos e os *insights*; e como a pesquisadora era afetada pelo que estava ocorrendo.

Todo o período de observação participante foi documentado com fotografias tiradas pela pesquisadora com a câmera do telefone celular.

2.3.1.1 O tempo e seus porta-vozes entre 2013-2014

Não era possível saber antecipadamente quais seriam as condições meteorológicas

experimentadas no período da pesquisa; o histórico climático da cidade de São Paulo trazia a expectativa de um balanço de dias frios e secos no inverno, e dias quentes e úmidos no verão, sendo as estações do outono e primavera de transição, sem temperaturas extremas. Não foi o que ocorreu: observou-se o predomínio do calor durante o ano, e 2014 foi marcado por um período de estiagem recorde, com 10 meses de chuvas irregulares.

O verão 2013-2014 foi o mais quente desde que se iniciaram os registros de temperatura há 71 anos, com média de 31,3°C; tendo sido o dia 17 de outubro o mais quente de 2014, com 37,8°C apontados na estação Santana (INMET) e 39,3°C na estação Jaçanã/Tremembé, segundo o Centro de Gerenciamento de Emergências da Prefeitura de São Paulo (CGE).

No dia-a-dia, tanto a mídia impressa como o rádio e a televisão repercutiram a temática de vulnerabilidade do idoso ao clima na cidade, dando voz à opinião dos especialistas médicos e às pesquisas acadêmicas, com ênfase nas práticas preventivas e nos aconselhamentos.

Crianças e idosos são pessoas que merecem cuidados especiais no verão. A perda de água e nutrientes é mais comum nessas faixas etárias. Em casos extremos, a desidratação pode levar à morte [...] Pessoas com mais de 60 anos precisam estar atentas e se hidratar mesmo sem sede [...]. (Rádio CBN, 16 de janeiro de 2014).

A temperatura mais baixa verificada durante o período de campo foi registrada em 24 de julho de 2013, quando a máxima à tarde foi 8,5°C (INMET). Gráficos com os dados de temperatura e precipitações registrados pelo INMET na cidade de São Paulo durante os meses do trabalho de campo estão no ANEXO IV.

Como descreve o Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da USP (IAG) o ano de 2014 foi seco e com chuva 13,3% abaixo da média climatológica – o ano mais seco desde 2003. Os meses de janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro tiveram umidade relativa média abaixo da média e da normal (IAG, 2014)²⁶.

²⁶ Boletim disponível em <<http://www.estacao.iag.usp.br/Boletins/2014.pdf>> Acesso em fevereiro de 2016

Esse ano também apresentou o segundo verão mais seco desde 1933/1934, com volume de chuvas e umidade relativa do ar abaixo da média. Esta condição levou a Secretaria de Saúde do Município de São Paulo a analisar os indicadores de saúde do período e detectar um aumento nos óbitos em fevereiro de 2014 em todas as faixas etárias, com destaque para os maiores de 60 anos²⁷.

As anotações em diário de campo refletem os extremos de temperatura, o ar seco e a variabilidade de condições atmosféricas durante o dia, mesmo durante o inverno: “Hoje a temperatura caiu 14°C em duas horas, de 32 para 18°C às 13h”. (31/07/2014, Bom Retiro).

2.3.1.2 Entrando em campo

Os dois primeiros meses de campo foram dedicados ao reconhecimento do território, percorrendo as ruas de cada um dos bairros – Cambuci e Bom Retiro – com o auxílio de um mapa e tentando conhecer sua estrutura, geografia, particularidades de configuração, praças e parques. Uma vez familiarizada com os bairros, buscou-se compreender suas dinâmicas de ocupação no cotidiano, como e quando as pessoas circulavam, onde se sentavam, as áreas saturadas e as áreas desertas. Foi localizado um ponto mais movimentado em cada bairro, organizado em torno de uma rua ou avenida com grande oferta de serviços e trânsito de pessoas e, necessariamente, daqueles mais velhos. A partir de setembro de 2013 e pelos 12 meses seguintes, a rotina de observação passou a ser focada nestas áreas delimitadas.

No bairro do Bom Retiro, a observação concentrou-se nos arredores da Rua Três Rios, entre a Rua Bandeirantes e o Parque da Luz, região que está destacada na Figura 11.

²⁷ Boletim da CEINFO disponível em http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/publicacoes/Boletim_Analise_09.pdf Acesso em fevereiro de 2016

Figura 7 – Mapa do distrito do Bom Retiro, subprefeitura Sé, cidade de São Paulo
Fonte: Prefeitura de São Paulo²⁸. (Coordenadas -23/-46).

As figuras 12 a 15 registram trechos da Rua Três Rios; a Casa do Povo, que promove atividades frequentadas por idosos do bairro; e um projeto fotográfico que ilustra o caráter multicultural do bairro, expondo retratos de seus moradores nos muros.

²⁸ Disponível em
<<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/se/noticias/?p=36878>> Acesso em
julho de 2015.

Figura 8 – Rua Três Rios no inverno, Bom Retiro

Figura 9 – Rua Três Rios no verão, Bom Retiro

Figura 10 – Projeto fotográfico sobre os moradores do Bom Retiro

Figura 11 – Casa do Povo, Bom Retiro

No bairro do Cambuci, a região escolhida foi a do entorno da Avenida Lins de Vasconcelos, entre a Rua Robertson e o Largo do Cambuci, destacada na Figura 16.

Figura 12 – Mapa do distrito do Cambuci, subprefeitura Sé, cidade de São Paulo.

Fonte: Prefeitura do Município de São Paulo²⁹. (Coordenadas -23/-46)

As Figuras 17 e 18 registram trechos da Avenida Lins de Vasconcelos e as ladeiras típicas do bairro do Cambuci.

²⁹ Disponível em

<<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/se/noticias/?p=21962>> Acesso em julho de 2015.

Figura 13 – Avenida Lins de Vasconcelos no verão, Cambuci

Figura 14 – Avenida Lins de Vasconcelos no inverno, Cambuci

Figura 16 – Circulação na Avenida Lins de Vasconcelos, Cambuci

Figura 15 – Ladeiras do Cambuci

Uma vez delimitadas as áreas de observação, esta pesquisadora passou a frequentar tanto espaços públicos abertos (ruas, praças e parques) como aqueles acessíveis ao público, mesmo sendo privados: restaurantes, supermercados, igrejas, padarias, lotéricas, bancos, centros culturais, farmácias, bares, salões de beleza, lojas e feiras livres.

Frequentar significou alternadamente permanecer e deslocar-se nos espaços. A convivência com os idosos do bairro foi sendo descoberta e partilhada em encontros

fortuitos ou regulares, como os que ocorreram ao participar dos grupos de bingo e na aula de biodança na Casa do Povo no Bom Retiro, e das oficinas no Polo Cultural do Idoso no Cambuci.

No Bom Retiro, foi possível adotar a estratégia de observar por algumas horas em um local de passagem, o que se mostrou bastante útil para entender rotinas e fluxos. Durante períodos mais longos em um banco na Rua Prates, foi possível observar vários idosos que passaram e depois retornaram com sacolas ou trazendo os netos da escola. No Cambuci não se verificou uma área de observação em local tão conveniente; a geografia dos serviços e equipamentos mais dispersa da região exigiu deslocamentos quase que constantes ao longo da avenida, acompanhando o movimento.

A chegada ao bairro ocorria por ônibus ou metrô; já os trajetos dentro do bairro foram feitos preferencialmente a pé, em várias ocasiões acompanhando o percurso de um pedestre idoso. Lugares, bem como pessoas, tornaram-se progressivamente familiares e, após alguns meses, esta pesquisadora passou a ser reconhecida e cumprimentada por pessoas da comunidade.

Não que tenha sido simples. A sensação de inclusão no campo não apenas fisicamente, mas principalmente a aproximação dos participantes desta pesquisa desenvolveu-se em longa construção. No começo da observação, esta pesquisadora optou por sair a campo algumas vezes levando seu cachorro de estimação, caminhando com ele por ruas e parques, pois a percepção inicial era de que a interação frequente e natural com os idosos não se completava, e demandava um elemento facilitador para aproximar, estabelecer contato e conversar.

Falar do tempo parecia ser um gatilho tão fácil... Interações informais comentando o tempo costumam ser naturais em nossa cultura, e elas de fato ocorreram desde o início do campo. A tentativa de entabular qualquer conversa a partir do comentário inicial sobre as condições meteorológicas é que se mostrou infrutífera na maioria das vezes: as pessoas não demonstravam disponibilidade para alongar a conversa após um breve comentário climático (“solzinho gostoso!”). Comentar o tempo mostrou-se mais um rito ou uma forma de interação breve e educada através de um tópico neutro e seguro, e menos a abertura de uma porta para o diálogo.

Com a experiência, ficou patente que, de maneira inversa, comentar sobre algo que ocorria no momento ou sobre a prática que se desenvolvia no local partilhado – a compra, a atividade física, a refeição – era gatilho mais eficiente para estabelecer um contato além do cumprimento e, então, falar sobre o tema do tempo meteorológico. A partir do momento em a pesquisadora passou a frequentar efetivamente das rotinas de idosos no bairro, incluída em grupo, os contatos se tornaram mais naturais.

No início do processo, entretanto, a presença do animal se mostrou muito eficaz: vários idosos se aproximaram para fazer algum comentário ou falar de seus bichos. Os cães podem fornecer assunto comum para todas as gerações...

As gerações! Havia a preocupação de que o olhar da pesquisadora, de geração mais nova, fosse direcionado por ideias pré-concebidas sobre o cotidiano dos mais velhos (estão lá no imaginário coletivo a padaria, a farmácia, a igreja e a praça), deixando escapar os contextos realmente relevantes. Este processo de autoanálise mostrou-se um exercício permanente durante a pesquisa e certamente não isento de falhas. A pesquisadora em sociologia do envelhecimento, Laura Hurd Clark (2010), demonstra como, a despeito de toda a sua experiência com o tema, ela ainda podia carregar conceitos estereotipados sobre envelhecimento [*ageism*] de forma tão internalizada a ponto de não os identificar de imediato durante a realização de seu trabalho de campo; e que somente a vigilância constante e crítica permitiram o reconhecimento, mesmo que *a posteriori*, deste tipo de mecanismo.

Neste contexto e como estratégia para obter um olhar ‘de dentro’ das rotas de circulação cotidiana dos participantes desta pesquisa, foi solicitado a algumas moradoras de ambos os bairros que auxiliassem na elaboração de uma cartografia com os trajetos e destinos mais comuns realizados por elas no bairro. A cartografia de uma mulher de 77 anos residente no Cambuci exemplifica a variedade de espaços frequentados por ela, com distâncias de até 4 km percorridas a pé.

Figura 17 – Cartografia de uma moradora do Cambuci
 Fonte: Dados da autora

No Bom Retiro, um casal de moradores exerceu o papel de informante e aproximou esta pesquisadora do cotidiano dos mais velhos no bairro. Milton e Iracema, nos seus 70 anos, frequentam diariamente uma lanchonete a uma quadra de sua casa. Sentam-se nas mesas da calçada embaixo de um toldo; chegam por volta de 15 horas e lá permanecem por uma hora. “Sentamos aqui porque o coreano tirou as mesas da calçada”, disse Iracema. Durante o período em que permanecem lá, observam o movimento e conversam com conhecidos que passam pela rua. Este casal foi visto na maioria das tardes de campo no Bom Retiro. Eles se mostraram interessados e colaborativos com a proposta de pesquisa e, em conversas com a pesquisadora, falaram de sua rotina e da vizinhança, os lugares, suas impressões e a relação com o tempo. Esta autora voltou a procurá-los diversas vezes para repercutir observações feitas no trabalho de campo.

Por fim, *quem* observar é um aspecto relevante no processo de observação participante de idosos em locais abertos, onde circulam pessoas de todas as idades. O olhar naturalmente é direcionado por critério visual, para quem *parece* idoso, o que normalmente significa um conjunto de dados que pode incluir cabelos brancos, rugas, determinada postura, um acessório ou a forma de interagir com outra pessoa mais jovem. Estimar a idade acionando este tipo de repertório faz com que se olhe preferencialmente para um determinado grupo – aquele dos mais velhos entre os idosos –, e mesmo entre estes perde de vista quem não se encaixa no estereótipo, quem não porta os signos da velhice de séculos passados, qualquer que seja a data de nascimento. Não é possível perguntar a idade daqueles que se observa ou com quem se conversa episodicamente– embora ela tenha sido revelada espontaneamente, várias vezes, durante a observação – e o critério visual não é suficiente para estimá-la. Revendo as anotações no diário de campo, esta pesquisadora notou que os idosos com os quais interagiu na rua e declararam a idade frequentemente tinham mais de 75 anos: ou seja, apesar do esforço para observar e interagir com pessoas de todas as décadas do grupo classificado como idoso, é possível supor que aquelas mais distantes dos 60 anos tenham composto a maior parte do grupo observado em áreas abertas. Já nas situações de interação mais prolongada, rotineiras, conhecer e reconhecer ‘idosos’ de todas as cronologias mostrou-se um exercício mais abrangente e possível.

2.3.1.3 Relações espaciais

A técnica de observação participante nesta pesquisa foi particularmente útil para investigar as *espacialidades* da vida cotidiana fora de casa e sua relação com o tempo. O termo se refere a dois ângulos explorados: compreender os princípios da ocupação dos diversos espaços, e apreender a característica e a qualidade da interação com o ambiente construído, ruas e áreas verdes em diversos cenários de tempo meteorológico.

Alguns exemplos colhidos *in loco*. O retorno frequente ao Parque da Luz, no Bom Retiro, ao longo das estações do ano, permitiu identificar como a sua ocupação se ajusta espacialmente em função das diferentes condições meteorológicas. Homens idosos frequentam este parque rotineiramente; e suas escolhas sobre onde sentar são feitas também em função do tempo, criando uma mudança na paisagem humana nos dias quentes e frios.

Opto por voltar ao Parque da Luz no mesmo horário do outro dia, mas em um dia bem mais frio. Reconheço vários dos idosos do outro dia que estive aqui. A diferença é que hoje eles se aglomeram nos bancos ao sol, e vários bancos na sombra estão vazios. (Diário de Campo, Bom Retiro, 28/08/2013, 15h, 14°C).

‘Estar lá’ também permitiu observar a experiência física ao caminhar em condições meteorológicas adversas e os fatores que amenizam ou intensificam o esforço. O desconforto de caminhar na rua em um dia muito quente pode ser amenizado pela utilização de pontos de apoio para descanso no trajeto: um recurso para se abrigar do sol é o uso das cadeiras na área externa de estabelecimentos comerciais. Ali, os idosos fazem pausas breves na caminhada, protegidos do sol, uma vez que as calçadas na região observada geralmente incluem poucas áreas sombreadas.

Notei que o Bar e Lanchonete Super, na esquina da Rua Amazonas com a Rua Três Rios, tem cadeiras de plástico e mesas na calçada sob um toldo, e muita gente senta nestas cadeiras apenas para descansar ou falar ao telefone. Hoje havia três homens idosos que conversavam sem consumir nada, de pé sob o toldo. Uma senhora se sentou por alguns minutos, levantou-se e foi embora. Parece útil para que os idosos possam descansar durante o seu percurso – tal como ocorre no banco colocado em frente ao supermercado Extra, no Cambuci. (Diário de Campo, Bom Retiro, 21/10/2013, 15h, 32°C, Figura 22).

Figura 18 – Homem se protege do sol no Bom Retiro.

Aguardar o ônibus em um ponto que não oferece nenhuma proteção também faz com que os idosos recorram às raras copas de árvores próximas, às sombras dos beirais das edificações (Figura 23) e até mesmo a uma finíssima sombra projetada pelo próprio poste do ponto de ônibus (Figura 24) para evitar o sol, conforme ilustram as imagens abaixo, registradas no verão de 2014 no Cambuci.

Figura 19 – Idosos se protegem do sol, Avenida Lins de Vasconcelos

Figura 20 – Idosos se protegem do sol, Avenida Lins de Vasconcelos

Este tipo de ajuste às condições instaladas pelo tempo, com posicionamento do corpo em busca de conforto, foi comentado pelos participantes da cena no momento em que ela ocorria, em geral com referências ao incômodo do tempo experimentado. Já os entrevistados, falando em outro espaço e em outro momento sobre sua experiência passada na rua, não lembraram ou verbalizaram tais desconfortos, bem como outros detalhes da sua interação cotidiana com materialidades da cidade. Foi na observação participante que se configurou a oportunidade para investigar estes movimentos banais, fugazes, ou não plenamente conscientes.

Outra dimensão das espacialidades relacionadas ao tempo se refere, não ao ajuste do corpo que se adapta durante a caminhada ou à espera do ônibus, mas a intervenções

observadas no espaço público. Neste plano, a intervenção na paisagem urbana configura um gesto ativo para melhorar o conforto através de um banco construído por moradores sob uma árvore na calçada ou de cadeiras trazidas de dentro de casa e colocadas na calçada. Maria, 70 e poucos anos como ela mesma definiu, moradora do Cambuci, comentou:

Saí de casa porque lá dentro está muito quente, não aguento. À noite durmo no sofá. A gente tem ventilador, mas não dá conta. Aqui nesta sombra está um pouco mais fresco. Dei um pulo no Extra e morri de calor, as mulheres estavam todas se abanando, porque ainda tem a iluminação. Prefiro o frio.

No momento em que ela e esta pesquisadora se encontraram, ela estava sentada em banco construído pelos moradores de seu prédio sob a copa de uma árvore na calçada da Avenida Lins de Vasconcelos (Figura 25). Maria disse que o banco foi projetado como recurso para o calor dentro de casa e ela, atualmente desempregada, permanece lá por longos períodos em dias quentes.

Figura 21 – Banco construído pelos moradores, Cambuci

Uma cena frequente no Bom Retiro é a de idosos que trazem cadeiras para fora de suas casas – em geral apartamentos (Figura 26) – e tornam a calçada o seu quintal. Relataram que lá podem “tomar um ar”, se refrescar no verão e tomar sol no inverno, além conversar e acompanhar o movimento.

Figura 22 – Cadeiras na calçada na Rua Newton Prado, Bom Retiro

Diferente do que foi observado no bairro do Cambuci, no Bom Retiro “as calçadas não são apenas de passagem, mas de permanência”. (Diário de Campo, 01/10/2013).

A observação recorrente de espaços públicos e privados nestes bairros denotou a ocupação diversa por homens e por mulheres mais velhos. Mais homens do que mulheres eram vistos em espaços abertos, como parques e praças, e nas ruas. Quanto às mulheres... foram mais difíceis de encontrar! Não eram percebidas imediatamente nestes locais mais acessíveis e abertos; estavam dentro das lojas, supermercados, oficinas, sempre ocupadas em alguma atividade e em momentos de socialização em espaços fechados. Nas ruas, estavam sempre em trânsito, enquanto os homens mais velhos interrompiam seus percursos com momentos de encontro e interação, produzindo contextualmente espaços próprios nas vias. Em um dia de inverno, estavam conversando em uma roda na rua e aproveitando uma nesga de sol para se aquecer (Figura 27); em um dia de verão procuraram uma sombra para fazer o mesmo. As mulheres, na rua, em movimento (Figura 28).

Figura 23 – Conversa na Rua Prates, inverno de 2013, Bom Retiro

Figura 24 – A caminho das compras, verão de 2014, Bom Retiro

2.3.2 Entrevistando

2.3.2.1 Seleção dos participantes

Guita Grin Debert aponta que

[...] a idade não é um dado da natureza, nem um princípio naturalmente constitutivo de grupos sociais, nem ainda um fator explicativo dos comportamentos humanos [...] um processo biológico é elaborado simbolicamente com rituais que definem fronteiras entre as idades pelas quais os indivíduos passam e que não são necessariamente as mesmas em todas as sociedades. (2011, p.78).

A definição legal de idoso como a pessoa acima de 60 anos no Brasil obedece a um critério cronológico que atende principalmente a necessidade de se estabelecer direitos e deveres dos cidadãos, sendo uma referência para a formulação de políticas públicas. Em muitos países desenvolvidos, a idade de corte para o grupo considerado idoso é de 65 anos. Sabe-se que este tipo de classificação estabelece um grupo amplo e heterogêneo, uma vez que agrega indivíduos com três décadas ou mais de diferença, gerando ressalvas às tentativas de uniformizá-los em abordagens que considerem a totalidade deste universo.

Há toda uma discussão na antropologia que reconhece a artificialidade na construção de um conceito etário de velhice, em oposição a outros enfoques menos estáticos e totalizantes como as noções de estágio de maturidade, ciclo de vida e geração. O próprio recorte etário da legislação brasileira para assegurar direitos básicos passa a “disseminá-lo, no imaginário social, como uma fase constituída por características e qualidades próprias” (ROZENDO; JUSTO, 2011, p.49).

Além de contribuir para esta normatização em faixas etárias, o discurso científico também legitima uma autonomização da velhice com conotação negativa, como argumenta Debert,

[...] a constituição de um campo de saber claramente delimitado, em que cada uma das disciplinas, à sua maneira, contribui para definir a última etapa da vida como uma categoria de idade autônoma, com propriedades específicas, dadas naturalmente pelo avanço da idade e que exigem tratamentos especializados, como o desgaste físico e os médicos; a ausência de papéis sociais e os sociólogos; a solidão e os psicólogos; a idade cronológica e os demógrafos; os custos financeiros e as ameaças à reprodução das sociedades e os economistas e especialistas na administração pública. (1994, p.25).

Ciente das limitações implicadas em definições etárias ou socioculturais de idoso e velhice citadas acima, mas também diante da necessidade de adoção de critérios claros de seleção dos entrevistados para esta pesquisa, foram considerados os seguintes pontos:

- a) Dados da produção acadêmica consultada. Para o processo de seleção de participantes, considerou-se que a grande maioria dos estudos nacionais e internacionais que relaciona morbidade e mortalidade ao clima adota um corte

etário de 65 anos, quando define a população estudada, e correlaciona a chegada a esta idade com o início do período de aumento de risco. Portanto, 65 anos tornou-se um ponto de referência nesta temática;

- b) Tempo de residência no bairro. Era de interesse desta pesquisa investigar a relação do idoso com o tempo meteorológico em um contexto urbano específico, o bairro onde mora e por onde se desloca no cotidiano. Para que houvesse uma relação de proximidade e familiaridade com o entorno habitado, foi considerado pré-requisito um período mínimo de residência de cinco anos nos bairros do Bom Retiro ou Cambuci; e
- c) Uso do espaço urbano público. A relação com o espaço urbano foi fundamental para definir o grupo de participantes como pessoas que preservam uma rotina fora de casa; foram excluídas, portanto, aquelas que portassem algum tipo de fator ou condição que impedisse a mobilidade na cidade, ou que vivessem exclusivamente restritas a suas casas.

À época da pesquisa, tanto homens aos 65 anos quanto mulheres aos 60 podiam utilizar o transporte público gratuitamente em São Paulo, o que constitui um elemento facilitador para o deslocamento urbano³⁰, e isso foi levado em consideração.

O processo de recrutamento dos participantes entrevistados está intimamente ligado ao período de observação participante. Somente após permanecer no campo por alguns meses, conhecê-lo do ponto vista territorial, entender quais os locais de circulação dos idosos no bairro e quais pessoas e instituições poderiam facilitar o acesso ao sujeito de pesquisa é que foi possível iniciar o recrutamento para a entrevista.

Um total de 37 idosos foi entrevistado entre março e outubro de 2014, todos residentes na área delimitada oficialmente como distritos do Bom Retiro e do Cambuci. Todos os entrevistados circulavam regularmente por espaços públicos; alguns declararam andar com dificuldade na rua e necessitar do auxílio de um acompanhante em algumas situações.

As entrevistas se encerraram quando o grupo de entrevistados se mostrou suficientemente abrangente e diverso, e quando se atingiu um critério de saturação, ou seja, quando com base no conhecimento construído pela pesquisadora ao longo de seu

³⁰ Posteriormente, esta regra mudou e a idade mínima para o uso do transporte gratuito por homens passou a ser 60 anos. Disponível em <<http://bilheteunico.sptrans.com.br/comoObterIdoso.aspx>>. Acesso em dezembro de 2015.

processo de pesquisa "se conseguiu compreender a lógica interna do grupo". (MINAYO, 2007, p.198).

Foi possível recrutar cinco pessoas em abordagem direta da pesquisadora em locais públicos. Esta foi a forma menos efetiva de recrutamento; houve muitas recusas sob a alegação de falta de tempo e interesse, e negativas com a emissão de sinais de desconfiança ou medo durante a abordagem. Três destas pessoas concordaram com a entrevista após encontrar a pesquisadora mais de uma vez em lugares públicos.

Os outros 32 participantes aceitaram falar após a intermediação de uma terceira pessoa em quem confiavam: gestoras e funcionários do Serviço de Assistência Social à Família – SASF, órgão da prefeitura de São Paulo, nas suas unidades Bom Retiro e Cambuci; sacerdotes, que divulgaram a pesquisa em suas missas; e a gestora e uma colaboradora do Centro de Convivência de Idosos da UNIBES (União Brasileiro-Israelita do Bem-Estar Social) no Bom Retiro (Tabela 5). Além de facilitadoras no contato com os idosos residentes no bairro, quebrando barreiras de acesso, estas pessoas contribuíram com informações valiosas a partir de sua experiência de atuação no bairro.

Tabela 5 – Forma de recrutamento dos participantes.

Forma de Recrutamento	Número de participantes	% de participantes
Contato direto	5	14
Igreja	2	5
Centro de convivência	11	30
Serviço Social – SASF	19	51

Fonte: Dados da autora

A autorização para entrevistar os idosos atendidos pelo SASF seguiu um protocolo junto à Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social da Prefeitura do Município de São Paulo. A tramitação do pedido levou quatro meses e a aprovação ocorreu em abril de 2014. O SASF presta apoio social às famílias de alta vulnerabilidade. Aos idosos, especificamente, garante o acesso a vários benefícios sociais, como a moradia social (Figuras 29 e 30), leite de graça e cesta básica, e realiza atividades que proporcionem oportunidades de socialização. A instituição teve papel fundamental ao permitir o acesso a alguns idosos em condições de maior vulnerabilidade social que, por residirem em áreas

consideradas “mais perigosas” no bairro dificilmente seriam localizados e entrevistados. Com isso, contribuiu para a diversidade da amostra. Na maioria das vezes, um orientador socioeducativo uniformizado do SASF acompanhou a pesquisadora até a casa do entrevistado. Em quatro entrevistas, este acompanhante permaneceu dentro da casa, o que pode ter influído no desenvolvimento dos depoimentos, embora a relação de proximidade e confiança entre entrevistados e funcionários do SASF fosse explícita.

Figura 25 – Moradias sociais. Condomínio República Melhor Idade, Cambuci

Figura 26 – Moradias sociais. Condomínio do Gato, Bom Retiro

Um total de quatro dos 37 entrevistados eram homens e 75% dos participantes encontravam-se na faixa etária de 70 a 89 anos; a distribuição da amostra de entrevistados por faixa etária e sexo está indicada na Tabela 6.

Tabela 6 – Perfil dos entrevistados por faixa etária e sexo.

Faixa etária	Número de mulheres	Número de homens	Total
65-69 anos	5	1	6
70-79 anos	12	1	13
80-89 anos	14	1	15
90-99 anos	2	1	3

Fonte: Dados da autora

Há predomínio de mulheres sobre homens nas idades mais avançadas no Brasil, em uma expectativa de vida até 8 anos maior (IPEA, 2011), sendo natural que elas constituam a maior parte da população em diversos ambientes urbanos e, portanto, de amostras de pesquisas. De modo geral, as mulheres mais velhas são mais conectadas socialmente que os homens, e as que mais frequentam grupos de convivência, movimentos sociais e trabalhos voluntários (NERI, 2009).

Cabe apontar que, para o processo desta pesquisa, a frequência majoritária de mulheres em ambientes como a igreja e o centro de convivência – locais que se tornaram fontes de entrevistados – resultou no acesso a um grupo menor de homens. E quando abordados, os homens demonstraram maior resistência do que as mulheres à ideia de participar de uma entrevista. O encontro com José, um idoso que estava na fila da UBS Cambuci para retirada de medicamentos, ilustra esta dificuldade.

P – Onde encontro mais idosos aqui no Cambuci?

R – No Parque da Aclimação e na Igreja do Carmo. Por que você quer saber?

P – Gostaria de entrevistá-los para uma pesquisa com moradores do Cambuci.

R – Então pode me entrevistar, tenho 82 anos e moro aqui! (*rindo*).

P – Posso? Vamos marcar?

R – Agora não, minha mulher está me esperando... Tchau. (Diário de Campo, 18/07/2013).

Do total de entrevistados 20 residiam no Bom Retiro e 17 no Cambuci; a proporção de pessoas que moravam em casas foi maior no Cambuci, como esperado pela própria configuração do bairro (Tabela 7). Vinte e cinco entrevistados aceitaram que o encontro ocorresse dentro de suas moradias. As demais entrevistas foram realizadas em diferentes lugares como a padaria ou o centro de convivência. Em um caso a entrevistada optou por ficar no portão da casa durante a entrevista, não permitindo a entrada.

Tabela 7 – Distribuição da amostra por bairro de residência e tipologia de moradia.

Bairro de residência	Tipologia da residência	Número de participantes	% de participantes
CAMBUCI	Casa	5	14
	Apartamento	12	32
BOM RETIRO	Casa	2	5
	Apartamento	18	49

Fonte: Dados da autora

A maior parte dos participantes, 62%, relatou residir com parceiro/a ou outros familiares (Tabela 8); cabe ressaltar que entre os idosos que moram sozinhos há vários acima de 80 anos.

Tabela 8 – Distribuição da amostra por coabitação.

Coabitação	Número de participantes	% de participantes
Moram sozinhos	14	38
Com parceiro(a)	4	11
Com familiares	19	51

Fonte: Dados da autora

Um total de 23 entrevistados relatou ter mais de 30 anos de residência no bairro (Tabela 9).

Tabela 9 – Distribuição da amostra conforme tempo de residência no bairro.

Tempo de residência no bairro	Número de participantes	% de participantes
5 -29 anos	14	38
30-59 anos	10	27
60 anos ou mais	13	35

Fonte: Dados da autora

Vinte entrevistados nasceram em São Paulo, 12 são naturais de outras cidades do país e cinco de países da Europa; este último grupo é formado por moradores do Bom Retiro. A distribuição dos participantes quanto à naturalidade está indicada na Tabela 10.

Tabela 10 – Distribuição da amostra conforme naturalidade.

Naturalidade	Número de participantes	% de participantes
Brasil		
Município de São Paulo	20	54
Região Sudeste (exceto município de São Paulo)	6	16
Região Nordeste	4	11
Região Sul	2	5
Outros países	5	14

Fonte: Dados da autora

Um total de 21% dos participantes declarou não ter instrução ou não ter completado o primário; dentre eles, duas mulheres não tinham educação formal; a maior parcela tinha completado o primário. O nível de instrução, conforme referido pelos participantes, está indicado na Tabela 11.

Tabela 11 – Distribuição da amostra segundo o nível de instrução.

Nível de instrução*	Número de participantes	% de participantes
Sem instrução/ primário incompleto	8	22
Primário Completo	16	43
Ginásio Completo	5	14
Colégio Completo/Normal	6	16
Superior Completo	2	5

Fonte: Dados da autora

**Conforme formação referida pelos entrevistados*

Dos 37 entrevistados, 07 exerciam uma atividade remunerada à época da pesquisa: um vendia doces na rua, duas trabalhavam em loja da família, duas faziam artesanato, uma era diarista, e uma fazia bicos de costura.

Entre os 31 que declaram não trabalhar, a maior parcela, 23 pessoas, obtinha renda da aposentadoria pelo INSS; quatro mulheres recebiam pensão do marido, e quatro recebiam o benefício de assistência social (BCP LOAS), concedido aos maiores de 65 anos com renda familiar mensal inferior a ¼ do salário mínimo.

Seis participantes declaram não receber nenhum tipo de benefício/aposentadoria e, destes, três não trabalhavam. Apenas três dos 23 que moravam com algum familiar não dispunham de renda através do trabalho ou aposentadoria/benefício, sendo a maior parte contribuinte de uma parcela significativa da renda familiar.

Metade dos entrevistados declarou ser proprietário de sua casa durante a narrativa da vida no bairro, embora este dado não tenha sido questionado diretamente. Sete entrevistados habitavam moradias de locação social: quatro eram moradoras em um

residencial para idosos no Cambuci, ao qual tiveram acesso por serem idosas de baixa renda, e destas, três tinham familiares morando na mesma casa; três mulheres residiam sozinhas no Condomínio do Gato, no Bom Retiro.

Dois terços dos entrevistados declararam espontaneamente ter uma ou mais doenças crônicas, sendo mais frequente diabetes, hipertensão, artrite e problemas respiratórios; em dois casos, foi relatado um câncer em tratamento.

Os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Informado para a entrevista (ANEXO V), após sua leitura e devidos esclarecimentos. Uma cópia do termo foi deixada com o entrevistado. No caso de duas mulheres que não sabiam ler e escrever, foi solicitada uma declaração gravada de consentimento. Todas as entrevistas foram gravadas, e posteriormente, integralmente transcritas. Os nomes dos entrevistados foram substituídos na confecção do texto desta pesquisa para preservar o sigilo. Um breve perfil dos 37 entrevistados com os dados principais está no ANEXO VI. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da USP, conforme parecer número 312.971/2013.

2.3.2.2 Dinâmicas da entrevista

O tema e os propósitos da entrevista foram retomados ao início de cada encontro, enfatizando que se falaria sobre o que pensavam e o que faziam em relação ao tempo meteorológico em seu dia-a-dia.

Muitos dos entrevistados classificaram o assunto como algo sobre o qual nunca tinham pensado e não sabiam falar, e revelaram receio quanto ao processo da entrevista: “É porque eu não sou assim, bem uma observadora, sabe? Eu não noto as coisas; que nem entrevista, é a primeira que eu tô dando pra falar tudo isso que eu tô falando” (Neiva).

Alguns conferiam a ‘adequação’ da sua resposta: “... ou tá errado eu falar?” (Inês); “Eu não tô falando muita besteira?” (Sandra).

Clima e tempo foram palavras utilizadas de forma metafórica e sensorial pelos participantes. Ao ser questionado se sentia calor, Álvaro comentou sobre uma reação a

um medicamento: “Que eu me trato também, que eu tomei uma injeção aí, dá de minuto, aí dá aqueles calor brabo”. Depois sobre a mudança do clima,

Tá, o clima tá mudando [...] De um tempo pra atrás era muito respeito, respeitava todo mundo; agora não, ninguém tá mais respeitando o outro. Aqueles mais novos respeitavam os mais velhos, ninguém soltava malcriação pros mais velhos, os novos de agora tão tudo malcriado.

‘Quente’ e ‘frio’, por exemplo, podem qualificar uma pessoa ou um comportamento e evocar certa atmosfera: “Pintavam a rua no meio do caminho onde os carros passam, bandeira brasileira, era uma nacionalidade, era uma brasilidade, não existe mais, tá muito frio, muito gelado” (Sandra).

Quando faltaram palavras para comunicar uma ideia os entrevistados se expressaram por meio de um vocabulário corporal de gestos e expressões faciais, como abanar as mãos, ou passar a mão na testa.

P – A senhora gosta do verão? Por quê?

R – Pega na minha mão.

P – Tá gelada!

R – Sempre foi! (Fabiana).

Os entrevistados estavam interessados no encontro, mas não necessariamente no tema da pesquisa. As motivações para responder à entrevista, como ficou claro ao longo dos encontros, foram as mais diversas além da determinação em contribuir com o estudo: a vontade de conversar, curiosidade e uma oportunidade de contar a sua história.

P – A senhora quer fazer essa entrevista?

R – Eu quero.

P – Quer mesmo?

R – É bom, assim eu desabafo. (Helga).

Clima e tempo meteorológico no cotidiano não foram entendidos de imediato como matéria relevante para uma pesquisa, por ser considerado um aspecto banal da vida, algo dado, cuja experiência não merecia especial atenção nem distinção por conta da idade. “Tenho calor como todo mundo sente, mas adoro, adoro” (Lauro). “Nada, nada, nada, (sinto) só calor mesmo” (Alzira). Foi necessário ‘entrar no tema’ e certamente ‘entrar no clima’ da pesquisa durante o processo de entrevistar.

Algumas vezes, o tema se perdeu em meio a outros assuntos que os entrevistados preferiam abordar, sendo necessário ‘recuperar o caminho’ em direção aos objetivos da pesquisa: “Na parte afetiva também posso entrar?”, perguntou Júlio.

No caso específico daqueles que habitam moradias sociais e que foram recrutados através do SASF, a concordância para a entrevista pode ser justificada em parte pelo temor em negar uma solicitação que envolvia a instituição que intermediou o processo de obtenção daquela moradia. Várias dessas pessoas, ao se referirem a sua casa, o fizeram de maneira elogiosa, e foram reticentes ao comentar sobre algo que, na sua visão, pudesse revelar incômodo. Para Diana, moradora do Condomínio do Gato:

[...] é confortável aqui o prédio; olha, eu não tenho o que falar aqui do prédio, porque eu, com as condições financeiras, eu jamais teria condições de morar num apartamento desses e quanto mais no centro; então eu sou grata pelos governantes que nos deram essa possibilidade, sou super grata.

Ao se tornar mais familiarizados com a dinâmica da entrevista e principalmente ao estabelecer um engajamento com o assunto proposto, os participantes puderam falar sem necessariamente respeitar uma ordem rígida de questionamentos.

O guia de entrevista mudou ao longo do tempo, a fim de incorporar novas questões, relacionadas aos *insights* que surgiram a partir da observação participante e aos aprendizados ocorridos durante o processo de entrevistar. A condução do tema com um ponto de partida mais concreto e mais próximo foi bastante útil para situar o entrevistado e ‘dar confiança’; isto significou perguntar o óbvio ou talvez o banal sobre o tema, como falar sobre a estação do ano no momento, e tentar identificar preferências. Quando se chegava às memórias do tempo e do clima (abordadas no CAPÍTULO 3), recuperadas a partir de experiências de vida, as narrativas adquiriram um conteúdo emocional intenso: a lembrança de perdas afetivas era frequente. No roteiro original, este era o último bloco de perguntas, o que tornava o encerramento da entrevista tenso, pesado. Reconfigurou-se o roteiro, e o bloco relacionado a concepções sobre mudanças climáticas passou a ser o último, propiciando um encerramento com conteúdo mais conceitual e possibilitando finalizar a experiência da entrevista de forma mais positiva.

O modo como algumas questões eram propostas inicialmente foi alterado. Perguntas diretas sobre hidratação provocavam reações como a de Maria Berenice, que verbalizou a cobrança que enxergou implícita na abordagem do tema, e passaram a ser evitadas: “Ih, agora me cobrou de água (risos), que eu não sou muito de água, não”; adicionou a seguir “agora, quando eu não tomo muita água, que eu acho que tá precisando, o corpo tá precisando, então aí eu já dou um jeitinho de tomar um pouco mais”. Com isso, a abordagem passou a ser sobre hábitos cotidianos e a observação das dinâmicas: por exemplo, raramente ofereceram água nas residências em que a pesquisadora esteve para realizar entrevistas, mesmo nos dias muito quentes, embora tenham oferecido café.

As entrevistas duraram em média 45 minutos. Algumas vezes foram encerradas no momento que se percebeu sinais físicos de cansaço nos entrevistados, mesmo que o roteiro não tivesse sido esgotado. Em outras, o próprio entrevistado determinou o momento de encerramento ao sinalizar pelo tom de voz e pelas frases curtas, ou por um distanciamento na atitude, que não havia mais disponibilidade.

Ao anunciar o fim da entrevista, alguns participantes relaxavam visivelmente e, quando em casa, ofereceram um café ou fizeram alguns comentários mais espontâneos e pessoais, sem a preocupação de falar ‘o que é certo’, notada anteriormente. Neste momento a pesquisadora solicitava ao entrevistado que mostrasse a casa, o que foi aceito em todos os casos. Caminhando pelos cômodos, a conversa sobre o clima continuava informalmente, agregando informações suscitadas por objetos ou determinando arranjos encontrados. Algumas vezes, este *tour* também foi gravado. Os participantes comentavam sobre particularidades de sua experiência e das práticas que não tinham sido mencionadas durante a entrevista formal.

Ao mostrar o quarto após a entrevista, Nelma apontou as roupas secando sobre a cama; até então ela não tinha relatado práticas relacionadas ao cuidar da casa.

R – Eu pus essa roupa toda pra secar aqui.

P – Ah, que é onde a senhora toma sol, a senhora seca a roupa, também?

R – Não te falei que estava tomando sol quando você chegou?

P – Me diz uma coisa, a sua área de serviço não tem tanto sol quanto seu quarto, é isso?

R – Não tem sol.

P – Não tem sol por causa da posição do prédio?

R – Não; nós tinha varal aqui (aponta a janela do quarto), eles mandaram tirar.

Classicamente, a entrevista é uma prática de pesquisa em que se senta e conversa, mas ela também pode ser feita em movimento. Van Cauwenberg (2012) realizou *walk-along interviews*, em que caminhou junto com idosos de suas casas ao destino final enquanto realizava as entrevistas. O objetivo era capturar as percepções e experiências dos entrevistados à medida que interagiam com o ambiente social e físico no percurso. Evans e Jones (2011) ressaltaram que ‘entrevistas caminhantes’ [*walking interviews*] em espaços abertos agregam profundas informações sobre o ambiente e permitem investigar o papel do lugar; Garcia et al. (2012) exploraram a técnica com adolescentes para obter percepções contextualizadas sobre saúde. Stevenson (2014) demonstrou como esta técnica pode ser utilizada para evocação de memórias pelos entrevistados acerca de um lugar.

Pink (2012) utilizou a entrevista como parte da abordagem etnográfica de práticas domésticas, tais como lavar louça e cuidar da roupa ou do jardim, movendo-se pela casa junto com o entrevistado quando a prática assim o requeria. Ferreira (2014) por sua vez esclarece que na entrevista compreensiva a coleta de dados articula formas tradicionais de entrevista semiestruturada com técnicas de entrevista mais etnográficas.

Nesta pesquisa, o movimento de andar conhecendo a casa e falando sempre ocorreu informalmente, sem um roteiro pré-definido e sem acompanhar uma prática de interesse em sua execução completa. Entende-se como um tipo particular de ‘entrevista caminhante’, um momento diferente daquele da entrevista formal, quando foi possível obter novos dados sobre o ambiente e sobre a experiência. A técnica auxiliou na investigação das práticas cotidianas relacionadas ao tempo por dois motivos: por abrir janelas que facilitaram o processo de recuperação de algumas práticas rotineiras e automatizadas; e porque, ao conversar em um espaço fora daquele da entrevista formal, os entrevistados também puderam ‘sair do *script*’.

3 NARRATIVAS SOBRE O TEMPO E O CLIMA

3.1 O Tempo Ontem e Hoje

Dizem que os brasileiros, assim como os ingleses, adoram falar do tempo. Strauss e Orlove (2003) relatam que, em várias sociedades, pessoas falam sobre o tempo meteorológico passado e futuro, e estas múltiplas temporalidades compõem um aspecto fundamental da experiência humana do tempo. Com isso, foi uma surpresa ouvir tão poucos comentários sobre o tempo nas interações espontâneas entre idosos durante o período de campo. “Foi um inverno terrível” comentou um homem com seus amigos em uma padaria; “está calor, mas nem tanto assim” replicou uma mulher ao comentário da amiga.

Falar sobre o tema em uma situação de entrevista que buscava explorar memórias do tempo e da prática relacionada a ele mostrou-se um desafio em várias frentes.

Como apontam Bezerra e Lebedeff (2013) nem toda ‘lembrança’ incorpora a memória, e parte é alterada ou cancelada. Há uma dificuldade generalizada em lembrar eventos do tempo meteorológico, mesmo que recentes, assim como é difícil lembrar matérias do cotidiano em geral e, neste grupo, incluem-se também práticas, hábitos e experiências físicas relacionadas ao tempo. Em abril de 2014 Júlio foi perguntado sobre uma condição relativamente recente do tempo:

P – Como é que foi esse último verão pro senhor?

R – Não lembro, não lembro o que comi hoje de manhã, vou lembrar?

Júlio indicou a memória como um problema durante a entrevista, bem como outros participantes da pesquisa, que atribuíram a limitação para tratar do tema a uma capacidade ‘prejudicada’ de recuperar memórias.

A memória pode ser considerada “a habilidade de adquirir, armazenar e evocar informações” (MACHADO et al., 2014, p.263). Do ponto de vista funcional, as

memórias imediatas (retidas por segundos) e recentes (minutos a horas) são pouco afetadas durante o envelhecimento. A memória de longo prazo, relativa a meses ou anos, é mais variável.

A memória de longo prazo preservada é a implícita, ou seja, aquela das respostas aprendidas, dos reflexos e dos hábitos. A memória explícita se refere a informações adquiridas que o indivíduo pode acessar e declarar, e se divide em *episódica* – para eventos datados ou informações tempo-dependentes; ou *semântica* – para eventos atemporais, organizada de forma conceitual e que permite expressar a linguagem. Idosos tendem a recordar mais facilmente as informações factuais, não ligadas a um lugar e tempo específicos, do que detalhes episódicos (MAGALDI, 2005; MACHADO et al., 2014).

Nesta pesquisa, quando a lembrança episódica foi relacionada a um evento do tempo pouco usual ou fora do comum, ela foi recuperada com mais facilidade e com precisão, como se verá a seguir, no item 3.1.1.

Embora a memória implícita esteja íntegra, falar sobre práticas pré-reflexivas e sobre hábitos envolve uma pós-racionalização difícil de articular e expressar verbalmente – e não apenas pelos idosos. A experiência do tempo envolve hábitos e práticas sobre as quais não se comenta habitualmente, e perguntas diretas nem sempre funcionam.

Novamente, um evento fora do comum pode auxiliar a lembrança de uma prática, como apontou Madalena na sua experiência em relação ao verão de 2014:

Eu vou te falar a verdade: eu, de um ano pro outro esqueço. Então, às vezes nem de um ano pro outro, às vezes de um dia pro outro. Mas acontece que esse ano realmente o calor foi demais [...] Teve dias que eu precisava tomar três, quatro banhos, não aguentava. Se eu fosse deitar sem tomar banho então eu não conseguia dormir, eu tinha que tomar um banho pra ficar sequinha, pra poder dormir.

Em seu livro “Memória e Sociedade”, Ecléa Bosi reflete que a memória só pode existir quando evocada por outra pessoa e que “se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição” (1987, p.39). Diante da dificuldade em, por vezes, provocar a memória de fatos e experiências durante as entrevistas, esta pesquisadora propôs aos participantes cenários imaginários de um dia muito quente, frio ou chuvoso, buscando a ponte para a experiência. Criar as projeções foi útil para estimular o relato de experiências e práticas, mas há uma

dificuldade em precisar se falaram sobre o que faziam de fato ou sobre o que pensariam ou saberiam que deviam fazer. Este é um pressuposto da técnica da entrevista; a narrativa, mais do que contar, reconstrói o que aconteceu, dá sentido. De qualquer forma, acionou-se um repertório pessoal de práticas e hábitos que foi tratado como a experiência reconstruída.

3.1.1 Memória do tempo: um dia

Em geral, mais do que lembrar instâncias específicas de objetos do cotidiano, as pessoas se lembram de um agregado médio de exemplares de tal objeto, chamados protótipos. O psicólogo Tevor A. Harley (2003) teoriza que os protótipos devem operar da mesma forma quando falamos sobre o clima, ou seja, falamos em geral a partir de uma memória sobre ‘meses médios’ ou uma tendência; e é impossível dissociar a memória dos fatos de conteúdos relacionados à cultura local na origem de protótipos. Ademais, o *recall* sobre eventos relacionados ao tempo meteorológico diminui progressivamente à medida que se recua no tempo cronológico (HULME, 2009).

Como dito anteriormente, as pessoas também podem se lembrar de exceções e, se tudo de que se tem lembrança são exceções (um mês de julho muito frio), as mesmas podem ser tomadas como o que é típico (todos os meses de julho são muito frios), ou seja, as memórias podem ser determinadas por eventos fora do comum.

As memórias podem ser organizadas em função do tempo meteorológico, como quando se diz ‘estava muito quente, devia ser janeiro’, revelando uma função estruturante potencial deste elemento. E, finalmente os fenômenos climáticos podem ser fonte de lembranças da infância e juventude, em associações feitas pelo conteúdo emocional presente na situação. Como lembrou Fátima sobre sua infância no Rio de Janeiro:

Quando eu era pequena, uma vez eu estava na rua com minha mãe, nós tínhamos ido ao mercado, caiu um toró muito forte, mas inundou, inundou [...] aquilo me deixou muito preocupada com o meu pai, que o meu pai trabalhava na rua, preocupada com o meu irmão, aí aquilo mexeu muito comigo. Quando cai um temporal assim, que eu tô na rua, eu, se eu puder vir pra casa o mais depressa possível eu venho, eu fiquei com aquele trauma.

Para os entrevistados desta pesquisa as memórias de eventos distantes foram sempre evocadas a partir da conexão de fenômenos meteorológicos intensos e fatos biográficos significativos. Quando perguntados sobre eventos do tempo que tivessem marcado a sua história, foi a chuva – que leva aos acidentes, às inundações e à falta de luz – que se fez presente em praticamente todas as narrativas, mesmo que o dia narrado tivesse ocorrido há décadas. Como contou Lauro:

R – Vou remeter a 1944 ou 45, nós tivemos um *blackout*, apagou todas as luzes de São Paulo, poderia haver um bombardeio, era guerra.

P – Poderia haver um bombardeio?

R – É, 1944. É, porque em 45 terminou a guerra, então nós ficamos todos... (pausa) e naquele dia choveu torrencialmente, entendeu? Quase ninguém saiu na rua porque não tinha luz - aí isso ficou na minha memória; mas eu tenho muito boa memória, tenho lembranças fantásticas.

A chuva também está nas lembranças de Walquiria:

Eu só lembro assim... que foi até quando a minha filha nasceu, teve uma época que chovia... janeiro, choveu muito, a gente ficou sem luz, sem gás [...] Ela nasceu em 66, foi 67. Com a nenê o meu marido comprou o negócio de querosene; todo mundo aqui comprou, porque não tinha gás, porque ficou tudo inundado aí no Glicério, ficou tudo inundado, foi uma época em que o meu pai também ficou doente. Então, marcou muito...

Evocar um evento ou um fato do passado, como o dia do casamento ou do nascimento dos filhos e pedir para relembrar o tempo no dia não produziu narrativas como estas. Houve algumas menções a que “o dia estava lindo”, “choveu à tarde”, “estava frio”, sem detalhes, ou mesmo sem memórias; a ausência de um evento climático extremo ou de um impacto negativo do evento no dia não valorizou este elemento dentro do momento lembrado.

Sobre a experiência do tempo no momento, pode-se dizer “estou morrendo de calor” ou “este tempo me mata!”; mas este momento se perde na memória se não tiver conexões com a vida que se desenrola. A intensidade de um fenômeno como a chuva intensa e seu impacto na vida cotidiana mostrou-se, para este grupo, mais marcante ao permitir, como argumenta Cornélia Eckert, tecer “na memória

narrativa um sentido cultural que ultrapasse o caráter episódico de experiências vividas” (2002, p.73).

3.1.2 Memória do lugar: as décadas

Um processo diferente é a expressão de uma ideia de tempo meteorológico ao longo de décadas, ou seja, do clima. Foi solicitado aos pesquisados que refletissem a respeito do tema da mudança do clima: o que pensavam? Como viam a questão no local onde moram? Como propõem Quinn e Adger (2013), é mais fácil encontrar entre os mais velhos aqueles que tenham morado em um mesmo lugar por toda a vida, e que poderiam observar (potenciais) mudanças no clima.

Nenhum entrevistado mencionou espontaneamente o tema de mudanças do clima ou aquecimento global durante a entrevista. Todos foram perguntados se achavam que o clima estava mudando ao longo do tempo. A maior parcela dos participantes demonstrou alguma familiaridade com o assunto e expressou um entendimento ancorado nas informações e notícias que circulam.

Então é o que falam, é assim, é os rios, você vê que nessa semana foi encontrado até um carro, não sei se você viu na televisão, foi aqui no rio, tá tão seco aqui no Paraíba! Não sei, é sujeira, é poluição, não tem esgoto suficiente, e mesmo que tenha, essa gente é tão pobre que eles abrem a janelinha, quer dizer, um buraco, e jogam o lixo lá fora, por isso que tá esse aquecimento global; a sujeira, a poluição, tudo. (Marieta).

Alguns utilizaram sua experiência pessoal para estabelecer uma percepção. Júlio, 99 anos, morador há seis décadas do Bom Retiro, explicou da seguinte forma:

Eu vivi na Polônia até os 13 anos, tinha invernos um pouco mais rígidos e tinha invernos um pouco menos rígidos, tinha verões um pouco mais quentes; a mesma coisa aqui, tem meses que o calor é maior e tem meses que (como se diz?) é mais agradável.

Uma minoria disse não conhecer o assunto ou não se interessar: “Olha, eu vou te falar a verdade, quando começa a dar essas coisas eu dou um click na televisão” (Madalena).

As evidências de mudança citadas pelos entrevistados que acham que há uma mudança no clima foram a falta de chuvas e o ‘descontrole do tempo’; uma entrevistada citou isoladamente o aumento do calor.

A falta de chuva foi o elemento mais comum: “Eu sou do tempo da terra da garoa”, disse Lucinda. Alda comentou que antigamente “São Paulo era cinza”.

O descontrole do tempo reflete-se na indefinição das estações do ano e na imprevisibilidade do tempo. “A gente tinha as quatro estações certas, hoje já não temos, temos as quatro num dia só, mas naquela época calor era calor, frio era frio, chuva a gente sabia: ‘Vai chover, estamos na época de chuva’, era bem diferente de hoje” (Silvia). Pode-se notar nos depoimentos que a alteração no regime de chuvas quase sempre compõe este cenário de descontrole do tempo.

O tempo tá muito descontrolado, você acha que agora é mês mesmo de calor, mas tem hora que cai aquela garoa. Por que, Deus que me perdoe, por que não cai a chuva de uma vez? Não dá nem pra molhar direito a rua, né? Eu fui lá na minha filha, na Vila Moraes; perto do Zoonoses começou a dar aqueles relâmpagos, o céu todo escurecendo, daí eu falei: ‘Nossa, eu não trouxe guarda-chuva, vim de chinelo’. Quando chego aqui, menina, não caiu um pinga de água aqui no Cambuci! Falei, ‘Nossa, mas lá tava dando relâmpago!’ (Joana).

Por meio das narrativas nota-se uma referência nostálgica ao clima de outras épocas, do tempo ‘da garoa’ e ‘controlado’, no mesmo tom dos comentários que foram feitos em relação a uma cidade que, no relato dos moradores mais antigos, não existe mais, tanto pelas transformações da paisagem urbana como pelas situações nela vividas com a família e amigos.

Eu frequentei muito com as crianças, eu sempre morei no bairro, Estação da Luz, maravilhoso. Eu lembro que o meu filho mais velho, ele ia pra lá, ele adorava peixe, ele chegava e tinha sempre uns peixinhos vermelhos, que ele conseguia pegar na mão, corria até em casa, que eu morava perto, pra pôr na água, aí ele dizia ‘O peixe já está na minha casa’. O maior sonho do menino era isso: ‘Mãe, peguei um peixe’, o peixe do Jardim da Luz; mas era muito bom aquelas épocas. (Silvia).

A maioria comentou sobre mudanças estruturais no bairro, mas a mudança foi traduzida com frequência na perda de alguma característica que era apreciada na região onde moram, como o desaparecimento de alguns serviços ou a alteração do perfil do bairro.

Não tinha muito asfalto, eu sou do tempo que essa avenida era tudo terra, filha, tinha paralelepípedo eu acho que até aquela escada que desce. Eu não sei se você viu que tem uma escada que vai lá pra baixo; no meu tempo de infância era escadinha de terra. (Lucinda, Cambuci).

Eu acho que agora tá deteriorando, muito bar, muita coisa [...] então as pessoas conversam muito alto e no silêncio da noite parece que eles tão no quarto [...] esse meu lado era mais residencial, agora ficou muito barzinho, esse pessoal não tem hora pra dormir. (Marieta, Bom Retiro).

Se as mudanças no clima são amplamente percebidas no âmbito da cidade de São Paulo, uma pequena parte dos entrevistados situou algum fenômeno no contexto mais delimitado do bairro.

Lauro, residente há 74 anos no Cambuci, foi o único que expressou uma percepção de um clima típico da sua vizinhança,

Daqui, a única coisa que sei é que chove pouco em relação aos outros bairros [...] Essa percepção não é questão de observar. Por exemplo, no inverno esse trecho de rua aqui é insuportável, o boqueirão é terrível.

Maria Isolda comentou a diminuição da insolação no seu apartamento com a construção de prédios no Cambuci,

Mas bater sol não bate por causa desse prédio, porque aqui no inverno é o gelo do uísque de alguém, é gelado esse apartamento [...] Agora começa a bater sol ali, que você tá vendo, mas daqui a pouco o prédio já cobre, é questão de uma hora, uma hora e meia.

Três moradoras do Bom Retiro relataram perceber o aumento de poluição na região ao longo dos anos e Fatima, 44 anos de bairro, associou esta mudança à falta de árvores,

R – Tem certas coisas que eu discordo, eu acho que deveria ter mais área verde, nós estamos com muito pouca área verde (no bairro).

P – A senhora viu as árvores sumirem ou sempre foi assim, sem área verde?

R – Não, não, antigamente tinha mais, tinha mais.

P – A senhora acha que essa falta da área verde tem algum impacto no clima?

R – Assim, na poluição, a gente sente o clima muito seco. Antigamente, com mais árvore, mais plantação, não era, o clima era totalmente diferente.

De modo que para os entrevistados o principal marcador de que o clima está mudando globalmente é um fenômeno que aconteceu com mais intensidade recentemente – ocorria especificamente no período das entrevistas – e está fortemente vinculado à cidade onde moram e onde experimentam o tempo cotidianamente: a estiagem, que contrasta com um elemento da identidade de São Paulo, a garoa. As pesquisas climatológicas, entretanto, descrevem aumento da frequência e intensidade das precipitações em São Paulo nos últimos 60 anos, porém concentradas em períodos mais curtos (NOBRE et al., 2010; LIMA, 2015).

Hulme et al. argumentam que a forma como pessoas e comunidades percebem o clima não é necessariamente moldada em uma unidade de tempo, como o intervalo de 30 anos que os climatologistas consideram necessário para descrever o clima de um lugar de forma consistente, mas é mediada pela cultura local; e que “as expectativas de clima, suas categorias implícitas de tempo normal ou anormal são, portanto, altamente influenciadas por estas experiências e memórias individuais e coletivas” (2009, p.198). Neste sentido, a noção de clima não se situa necessariamente em longas escalas temporais: seria socialmente construída.

Dentro desta perspectiva também o local de nascimento pode ser um referencial da percepção de clima (RONCOLI et al., 2009). “Não tenho problema com o frio, sou de Santa Catarina” disse Elza, 76 anos, fazendo compras no supermercado em um dia de 9°C de sensação térmica (Diário de Campo, Bom Retiro, 29/08/2013). João, 82 anos, se exercitava nos aparelhos do Parque da Luz em um dia abafado e comentou: “Sou pernambucano, lá são 365 dias de areia escaldante, esse sol daqui não é nada” (Diário de Campo, 13/09/2013, 28°C).

Barros (2006) destaca as dimensões relacional e situacional da memória, que podem ser percebidas também aqui, nas memórias do clima e do tempo. Nesta pesquisa a referência ao binômio chuva/seca surgiu em sua materialidade como elemento concreto

do tempo e em seus desdobramentos para vida dos participantes e seu grupo social; e simultaneamente, como elemento de representação da história de transformação urbana, muitas vezes com efeito disruptivo nos arranjos da cidade e modos de viver de décadas atrás.

4 VIDA PRÁTICA

4.1 Rotinas das Práticas

Enfrenta-se o tempo meteorológico diariamente, em casa ou fora dela. Este capítulo propõe uma análise das relações entre o tempo e o cotidiano dos idosos moradores do centro de São Paulo através de suas práticas. O primeiro passo foi conhecer o cotidiano deste grupo específico, e então identificar as práticas relevantes para a pesquisa. Informações sobre o dia-dia em espaços públicos emergiram a partir da observação participante e foram aprofundadas em entrevistas. Quanto à rotina doméstica, foi investigada fundamentalmente a partir das entrevistas.

No bairro do Bom Retiro, por exemplo, os comerciantes identificaram padrões de circulação de idosos ao longo do dia, indicando princípios de uma rotina fixa de saídas. No supermercado, a caixa relatou que os horários de maior afluência são o fim da manhã e o fim da tarde, e que a frequência aumenta no sábado, independente de haver ofertas. Ainda anotei em diário:

Na Farmácia Três Rios, o balconista informa que o movimento de idosos é preferencialmente de manhã e no fim da tarde. No cabeleireiro Jasmin, a recepcionista diz que o movimento de idosos ocorre de manhã, por volta das 10 horas. O jornalista da Rua Prates com Três Rios também identifica movimento durante a manhã. Na padaria San Remo, a caixa observa a presença de idosos o dia inteiro, mas que aumenta por volta das 17h. (Diário de Campo, Bom Retiro, 30/08/2013).

Quando questionados sobre sua rotina diária, os entrevistados enfatizaram a liberdade de não ter mais horários nesta fase da vida: “A hora que deu vontade eu faço” (Maria Lucia). Dos 37 participantes, 31 não trabalhavam mais e 14 moravam sozinhos e podiam, segundo narraram, realizar suas atividades dentro e fora de casa sem as amarras dos compromissos agendados ou compartilhados com a família. “Não, não tenho o mesmo horário, qualquer horário, porque agora não tenho mais quem me prenda; não

tem marido, não tenho mais; então, se eu quero eu faço, se eu não quero eu não faço, e vai que vai” (Fátima).

No entanto, ao discorrer mais detalhadamente sobre as atividades cotidianas, todos os entrevistados revelaram uma rotina razoavelmente estruturada com períodos preferenciais para as atividades. Fora de casa, os horários estabelecidos por terceiros podem diminuir a flexibilidade; “Pra UNIBES eu tenho horário, e eu tenho horário pra ir nos outros lugares”, disse Esmeralda. Mas nota-se uma organização das atividades ao longo do dia, mesmo quando executam atividades de forma independente. A mesma Fátima comentou: “Eu saio, assim, umas nove e meia; quando é dez horas, dez e meia eu já estou de volta; aí, depois eu saio pra ir almoçar onze e meia e quando é uma hora já estou de volta, saio um pouquinho”.

As casas com múltiplos residentes envolvem demandas familiares que também estruturam os horários.

[...] que nem agora, por exemplo, eu cuido do almoço porque o meu netinho chega meio dia e meia, o outro uma e meia. Agora, geralmente uma vez por semana, eu tenho umas amigas de 20 anos do Tietê, é sagrado, nós jogamos cartas; nós éramos uma turma de 12, depois ficou pra seis, agora duas já faleceram, uma faleceu em setembro, mas tem quatro que toda semana se reúnem pra jogar um baralho. Então, quer dizer, acaba o almoço, meio dia e meia, uma hora, ponho a comida na mesa e saio correndo porque minha amiga me espera na avenida de carro, na avenida não tem como parar; então eu sou obrigada, eu já entro no carro e vou jogar, toda semana. (Marieta).

As mulheres enfatizaram a oportunidade de poderem desenvolver atividades em grupo fora de casa, e a importância das práticas religiosas, entre as motivações para sair. Entre aqueles que trabalham, apenas Álvaro tem uma atividade ao ar livre. Ele vende doces em uma banquinha que coloca embaixo de uma árvore, próximo ao largo do Cambuci; desloca-se todos os dias a pé para o trabalho, permanece por três horas e retorna. Só muda a rotina se estiver chovendo; se estiver calor acha até bom sair para a rua “pra pegar um ventinho”.

Não foi possível identificar dentro do quadro de rotinas deste grupo atividades com caráter sazonal, entendidas como atividades organizadas e orientadas para uma estação do ano – por exemplo, introduzir uma modalidade de atividade física específica ou

viajar para a praia no verão. Uma entrevistada apenas lembrou que reorganiza as roupas no armário no começo do inverno e do verão.

Dentro desta rotina bem estabelecida no cotidiano, como se encaixa a relação com o tempo meteorológico?

Fora de casa é necessário entender as práticas como parte de uma ecologia maior, que inclui uma movimentação entre lugares abertos e fechados. A vida prática em espaços públicos abertos como a rua e os parques e praças, onde a interação com o tempo é direta, se mostrou um jogo de curto prazo com as condições meteorológicas: agir frente ao que se apresenta no mesmo dia ou no máximo o que se antecipa do dia seguinte visando *preservar* a rotina externa.

Neste contexto são acionadas *práticas antecipatórias* ou de previsão do tempo, e *práticas adaptativas*. As práticas sociais do cotidiano, como caminhar e desenvolver atividades de lazer em espaços públicos mostram-se sensíveis ao tempo meteorológico e são adaptadas para ser mantidas ou articuladas ao fenômeno que ocorre.

Em ambiente doméstico as práticas antecipatórias também têm sua utilidade; o objetivo, como se verá, é prever o tempo para aproveitar as condições. As práticas adaptativas aparecem em diferentes configurações: atividades como lavar a roupa e comer são modificadas em função do tempo.

O cotidiano não se constitui apenas de regularidades, mas também de rupturas (LEITE, 2010). Neste momento, entram práticas provisórias de conforto, ou seja, estabelecidas exclusivamente em função de uma condição meteorológica mais intensa em algum período dos anos e que podem sair do esperado, do rotineiro, com improvisações.

Estas práticas adaptativas diretamente relacionadas ao tempo são aquelas para aquecimento e resfriamento, e tornam-se relevantes pelo grande período que se permanece em casa. E por fim uma prática de sustentabilidade, economizar água, emergiu nesta pesquisa associada a uma condição climática particular, a seca de 2014; trata-se da única atividade relacionada ao tempo sustentada continuamente ao longo do ano.

Por fim cabe ressaltar que se o horizonte prático da adaptação não é aquele do ano ou da estação, mas aquele dos dias, no entanto ele também é estabelecido em função de experiências anteriores de aprendizado e de expectativas sobre o que o clima reserva.

4.1.1 Previsão do tempo

A observação do tempo meteorológico se dá desde o início da civilização, e a capacidade de antecipar fenômenos meteorológicos colaborou para a sobrevivência da espécie humana. O homem aprendeu a olhar os animais, a vegetação, os astros e as nuvens em busca de sinais antecipatórios do tempo, e transmitiu este conhecimento às gerações posteriores através de ditos populares. Sartori (2000, pp. 234-235) compilou diferentes provérbios relacionados ao tempo com origem no ocidente e no oriente: “asas abertas no galinheiro, sinal de aguaceiro” (Índia); “andorinhas a mil braças, céu azul sem jaça; andorinha rente ao chão, muita chuva com trovão” (China; Japão; Coreia; Rússia; Turquia; França e Suíça); “formiga carregando ovos barranco acima é chuva que se aproxima” (Índia e Japão); “mosquitos voando em bando é sinal de chuva” (China); “sapo cantando ao anoitecer, bom tempo vai fazer” (Espanha); “cabras tossindo e espirrando, o tempo está mudando” (Espanha e Brasil); “gato se lambendo é sinal de chuva” (Reino Unido, Holanda e Bélgica); “céu avermelhado de manhã, chuva de tarde; tarde avermelhada, tempo bom” (China); “quando o Sol está em casa, a chuva não tarda” (Índios Zuni, do Novo México, EUA); “um círculo grande em volta da Lua é sinal de chuva iminente; um círculo pequeno é sinal de que a chuva ainda demora” (Índia). Maia e Maia (2010, p.66) citam ainda como ditos populares no Brasil “névoa na baixa, sol que racha; névoa na serra, chuva que berra” e “céu pedrento é sinal de chuva e vento”.

Nos dias correntes, a tradição da previsão do tempo com base na observação é mais forte em regiões rurais e em comunidades que dependem de recursos naturais para sobrevivência do que em ambientes urbanos. No semiárido brasileiro, por exemplo, a experiência acumulada ao longo de gerações permite que muitos sertanejos protejam seus cultivos perante condições climáticas inóspitas ao se valer da interpretação das manifestações da natureza feita pelos “profetas das chuvas” (FOLHES; DONALD, 2007).

Nos centros urbanos, houve um distanciamento gradual da prática de observação de elementos da natureza, como animais e vegetação; as atividades de subsistência passaram a não mais depender diretamente do clima. Ademais, as edificações que oferecem proteção às intempéries muitas vezes tiram a visão do céu.

Simultaneamente, a partir do século XIX, a previsão do tempo deixou de ser um campo exclusivo da experiência prática e passou a se dar também a partir da coleta de dados da atmosfera e a sua interpretação científica, tornando as projeções meteorológicas uma arte de especialistas com domínio de tecnologias cada vez mais sofisticadas. Os boletins meteorológicos se popularizaram, e tornou-se comum acessá-los diariamente por diversos meios, substituindo a experiência sensorial e biográfica do tempo (HULME, 2009).

Na cidade de São Paulo do século XXI, especificamente, a atualização das condições de tempo é feita várias vezes ao dia por jornais impressos, internet, rádio e televisão, enfatizando frequentemente a variabilidade dos fenômenos ao longo das 24 horas e suas potenciais implicações no cotidiano das pessoas.

Assistir televisão é uma atividade intensamente popular entre os idosos brasileiros (ACOSTA-ORJUELA, 2001); raras vezes esta pesquisadora entrou em uma casa para realizar a entrevista e não encontrou a televisão ligada, qualquer que fosse o horário. Portanto, não foi surpresa que a maioria dos entrevistados citasse a televisão como sua principal fonte de informação sobre o tempo; uma parte menor declarou gostar de ouvir também a previsão no rádio, e uns poucos acompanhavam pela mídia impressa. Nenhum utilizava a internet com esta finalidade, mas a informação do tempo eventualmente vinha de um familiar com acesso a outros recursos: “Eu tenho uma neta, não é essa, a outra que tá para a escola, e ela fala: ‘Vó, amanhã vai chover’ ou: ‘Hoje, o tempo vai mudar’ [...] Ela olha no celular, né, e aí, pelo celular dá pra saber” (Maria Berenice).

Os participantes relataram o hábito de assistir à previsão do tempo em diferentes programas de TV ou rádio no mesmo dia. Uma parcela revelou que, embora fique atenta, não confia nas previsões e pode desconsiderá-las sistematicamente: “É do contrário, é assim: se ela falar que vai chover amanhã, eu falo ‘bom, amanhã eu lavo roupa, porque amanhã não chove’” (Maria Guiomar); e frequentemente balizam a

informação com outras fontes, principalmente a própria experiência e conhecimento.

Como relatou Alda:

R – Eu acho engraçado, quando vem onda de frio é que chove? Não tá certo isso daí, tem que chover sem frio, e frio geralmente vem lá do sul. Hoje a moça num programa que eu assisto aí, o Jornal do SBT, estava falando que vem uma onda de frio, aí vai chover; ah, pronto!

P – A senhora acredita nessas previsões?

R – Muitas vezes acredito, eles têm muito aparelho, têm que acertar.

Alda recorre aos telejornais, mas não despreza a informação que obtém da observação dos ipês próximos a sua casa; e comentou em um dia no final do inverno:

R – Eu acho (que tem) que observar as plantas; se vai entrar mesmo a primavera, as árvores de ipê começam a florescer, a gente vê a mudança nas plantas; mas tem umas plantas que são mais preguiçosas que as outras, elas demoram pra cair as folhas, depois demoram pra rebrotar; essa é mais preguiçosa, a que tem aqui embaixo, que faz sombra aqui na janela.

P – A partir da sua observação, a gente já entrou na primavera?

R – Pela natureza a gente sabe melhor o tempo do que as folhinhas.

Pode-se assistir à previsão apenas por curiosidade. Mas para a maioria dos entrevistados, a informação mais importante é aquela que se destina a antecipar a ocorrência da chuva. Diana prepara-se para sair de casa a partir da informação obtida do jornal na televisão:

P – Quando a senhora ouve alguma previsão sobre o tempo no jornal, isso faz diferença para senhora?

R – Sim, porque eu tento já me prevenir se eu vou sair; se vai cair a temperatura, às vezes vai vir uma frente fria, daí eu já coloco uma blusinha ou às vezes eu levo uma sombrinha.

P – Sombrinha para o sol?

R – Ou pra chuva, então eu já vou mais ou menos prevenida, né, aonde quer que eu vá, pra não ser pega desprevenida, porque eu acho que tudo isso preserva a saúde.

P – A senhora tem confiança nas previsões?

R – A gente sabe que nem sempre, mas geralmente é confiável, às vezes acontece, né?

Os sentidos do corpo humano também são vias importantes pelas quais as pessoas reconhecem manifestações particulares do tempo meteorológico, como chuva, neve, vento e temperatura. Numa expressão radical de prática corporificada, a chuva pode ser experimentada corporalmente e emocionalmente através da visão, audição, ‘do sentir’

(RONCOLI et al., 2009, p.90). É comum ouvir dizerem que há um ‘cheiro de chuva’ no ar, antecipando a precipitação.

Sartori estabeleceu a correlação de sinais percebidos pelo corpo com manifestações de elementos meteorológicos concretos em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e denominou de termosensitivas as pessoas capazes de antecipar o tempo desta forma (2000, p.81). Em seu estudo, foram particularmente comuns as queixas de fundo reumático durante períodos ventosos, úmidos e frios (ibid., p.144). Esta foi uma prática recorrente nas entrevistas desta pesquisa. As ‘dores nos ossos’ ou ‘nas juntas’ eram tomadas como indícios confiáveis da mudança do tempo para chuva ou frio.

P – A senhora consegue prever se vai mudar o tempo?

R – Tem vez que eu consigo; muda o tempo, por causa da minha coluna, as pernas começam a doer logo, aí já sabe. (Antonia).

Helga relatou como a experiência pode adquirir contornos particulares:

R – Eu sinto... quando eu era criança levei um corte do dedo, eu quase tirei fora, aí quando vai virar o tempo ou tá aquele frio, ele dói.

P – Onde é esse corte?

R – É por aqui, não sei, acho que eu engordei, ele sumiu; eu fui partir cana com aquele facão e dei no dedo, então quando muda o tempo o dedo começa a doer, aquele machucado dói.

Portanto, prever o tempo, para estes participantes, é uma prática centrada geralmente nos saberes do discurso científico sobre o tempo e clima que são disseminados pela televisão e pelo rádio. Há, porém, espaço para o conhecimento prático: dar atenção aos sinais do corpo e da natureza que são aprendidos ao longo da vida relativiza e complementa as previsões oficiais, fornecendo dados ‘mais confiáveis’.

Adotar meios para prever o tempo se mostrou uma prática articulada a duas outras relatadas adiante: cuidar da roupa e pegar o guarda-chuva para sair.

4.1.2 Vida doméstica

4.1.2.1 Cuidar da roupa

Ao circular pelo bairro do Bom Retiro, observou-se que nos dias de sol do inverno, as varandas dos apartamentos passam a exibir varais com roupas, o que não ocorre durante o verão. Nos apartamentos e casas dos entrevistados, esta pesquisadora notou todo tipo de estratégia para garantir o cuidado com a roupa: as peças circulam pela casa em busca do melhor lugar para secar – pode ser sobre a cama, o único local da casa onde bate sol, ou no terraço; a máquina de lavar roupa vai para dentro do box do chuveiro se a área de serviço não comportar este equipamento.

Estabeleceu-se uma relação direta entre o tempo e a execução das atividades domésticas em um terço das entrevistas realizadas; somente as mulheres abordaram o tema, relatando a preocupação em manter a casa sempre em ordem, e a série de tarefas que ocupa vários dias da semana, tanto para aquelas que moram sozinhas, com o cônjuge ou com outros familiares. Mesmo havendo uma proporção maior de mulheres entrevistadas, esta é uma prática rotineira submetida a uma regra social no grupo estudado nesta pesquisa: é uma tarefa de mulheres, ainda que haja homens compartilhando a casa.

Houve uma divisão na condição do tempo preferida para dedicar-se aos afazeres domésticos, incluindo limpar a casa, lavar a louça e lavar a roupa: “Ah, nos dias de frio é gostoso pra passar roupa, pra fazer limpeza, rende bastante o serviço” (Joana); “O calor só é bom pra trabalhar, limpar a casa” (Antonia); “E lavar alguma roupa, uma coisa assim, no calor, eu acho melhor” (Zélia); “Incomoda, lógico, o frio incomoda pra lavar louça” (Regina).

Vet (2012) documentou a espera dos australianos pelo tempo seco para secar as roupas fora de casa, demonstrando uma relação frequente destes elementos. Dentre todas as práticas relacionadas ao cuidar da casa, a de lavar roupa foi a mais mencionada e para a qual ficou evidente a opção pelas condições meteorológicas ‘a favor’ durante a rotina doméstica: aproveitar o tempo favorável é adicionado como um ingrediente para tornar a prática mais eficiente.

Hoje mesmo estava falando aí que o tempo vai virar pra chuva, daí ainda falei pra ele: ‘Nossa, eu não lavei nem a capa do colchão nem a

coberta que eu gosto ainda’. Quando vira o tempo, eu não gosto de lavar roupa, quando tá chovendo; eu gosto quando o tempo tá assim, que bate o vento, enxuga tudo, né? (Joana).

As mulheres mencionaram motivação para monitorar a previsão do tempo nas diversas mídias para serem capazes de organizar a atividade ao antecipar chuva. “Me programo porque aqui não tem lugar pra secar roupa, eu não tenho terraço [...] Se eu puser roupa aí, se vai chover, não seca, chove na minha roupa, me programo sim” (Alda).

O cuidar da roupa é, deste modo, vinculado à prática de prever o tempo; há um entendimento prático de que acompanhar a previsão do tempo antecipando mudanças pode facilitar a execução do ato de lavar e secar roupa. Em plena estiagem de 2014 revelou-se articulado também a outra atividade: foi contingenciado pela prática de economizar água, descrita adiante.

4.1.2.2 Práticas para aquecer e refrescar

O espaço domiciliar é aquele em que os idosos permanecem por mais tempo. O frio e o calor foram as duas condições citadas pelos entrevistados que mobilizaram ações de adaptação para melhorar o conforto em âmbito doméstico. Esta mobilização deu-se em diversas práticas combinadas e comuns ao grupo estudado em cada situação, motivo pelo qual foram aqui agrupadas em práticas para aquecer e refrescar – ou resfriar.

Na literatura internacional, as práticas para aquecer e resfriar são frequentemente estudadas sob uma perspectiva de conforto e sustentabilidade, e com base no uso do ar condicionado. São exemplos os trabalhos de Gram-Hanssen (2008) no frio e Strengers (2010) no calor. Maller e Strengers (2011) indicam essa lacuna e a necessidade de pesquisar caminhos alternativos e não tecnológicos de adaptação ao clima. As pesquisas de Sampson et al. (2013) com americanos, Vet (2013) com australianos, e de Day e Hitchings (2011) especificamente com idosos ingleses são parte de um grupo mais restrito de iniciativas que investigam possibilidades não tecnológicas de adaptação e conforto doméstico.

Para o grupo investigado nesta pesquisa, as estratégias são diferentes em cada um dos extremos de temperatura: em geral, o *aquecimento* é do corpo e não do cômodo, e se faz

com métodos ‘naturais’ ou não eletrônicos, como aumentar a quantidade de roupas e cobertores utilizados. Por outro lado, *refrescar* significa, muitas vezes, recorrer ao ventilador e abrir janelas para resfriar o ambiente, enquanto estratégias em relação ao corpo são adotadas. Como sintetizou Maria Lucia:

P – Se eu pedisse para senhora me indicar um objeto ou um lugar da casa que lembra o inverno, o que a senhora me mostraria?

R – A minha cama (risos).

P – E se eu pedisse pra senhora indicar algo da casa que lembre o verão pra senhora, o que seria?

R – O ventilador.

O apego a casa foi evidente na maioria das entrevistas, independente das condições físicas da moradia, e traduzida especialmente quando identificado um local favorito para estar. A ideia de conforto da habitação expressada pelos entrevistados não incluiu espontaneamente as condições de conforto térmico como um de seus elementos; o termo ‘conforto’ foi relacionado menos às questões materiais/ambientais da construção e mais à harmonia, à tranquilidade, ao acesso ao básico, à segurança, à ausência de dívidas – e, por fim, ao próprio fato de ter uma casa para morar. O arquiteto Aloísio Leoni Schmid contempla esta ideia mais holística de conforto quando reflete que “[...] o ambiente construído é um anteparo existencial, sendo abrigo para o corpo e para a alma” (2005, p.32). Podia-se relatar uma casa muito quente, fria ou úmida; mas “casa confortável é uma família unida e tudo certinho”, como comentou Álvaro, que havia mencionado previamente considerar que sua casa “esfria muito porque venta muito”.

Aquecer

O número de entrevistados que considera fria ou gelada a casa em que mora, quando perguntados ativamente sobre qual a característica térmica mais incômoda, foi 1/3 maior do que aquele que relatou considerar a casa abafada ou quente. Esta avaliação do conforto térmico da casa não coincidiu com a preferência pessoal por um determinado tipo de tempo meteorológico, ou seja, friorentos declarados não necessariamente se queixaram de uma casa fria. Na visão dos participantes, a casa torna-se fria por causa do vento e da ausência de sol. É importante ressaltar, entretanto, que a maioria das entrevistas foi realizada entre o início do outono e o início da primavera de 2014, período de temperaturas naturalmente mais baixas, o que pode ter estimulado a valorização desta condição.

Embora a noção de conforto térmico seja relacionada a uma ‘condição da mente que expressa satisfação com o ambiente térmico’, em uma definição comum na arquitetura (ASHRAE Standard 55)³¹, e que se relaciona mais com expectativas e preferências de cada um do que com a ideia de uma neutralidade térmica comum a todos (KOPPE et al., 2004), as práticas adotadas para atingir a própria condição de conforto são muito semelhantes.

As estratégias mais comuns para aquecer-se dentro de casa envolveram aumentar o número de camadas de roupa, colocando agasalhos e cobrindo pés, mãos e cabeça com meias, cachecol, lenço, gorro e luva; e adicionar cobertores na cama. “(Em casa é) um frio, eu ponho um cobertor no quarto, eu ponho isso daqui por cima (aponta uma manta), e um acolchoado que eu ganhei da assistência social da igreja, sabe?” (Joana).

Ao contrário do observado na pesquisa de Day e Hitchings (2011), onde seus entrevistados indicaram que determinados acessórios para o frio são evitados por reforçar alguns estigmas associados à velhice, o grupo pesquisado não fez restrições ao tipo de vestimenta utilizada em casa, tendo sido considerado válido tudo o que possa aquecer e proteger. “Também uso meia de lã, eu uso roupa de lã, eu uso xale, eu uso tudo. Às vezes, três malhas, uma em cima da outra” (Lurdes). Apenas Lauro apresentou sua norma masculina ao vestir-se para dormir: “Não. Isso jamais, o pijama de perna comprida, não [...] Dormir de meia, jamais, em tempo algum”.

Três entrevistados relataram ter aquecedor em casa; dois não utilizam e optam por outras medidas para aquecer: porque demora muito a obter o efeito ou o aparelho está quebrado – consertar é caro.

Pode-se também lançar mão de algumas estratégias específicas em momentos de maior exposição ao frio, onde a individualidade se expressa em ações mais inventivas. Lauro relatou como se prepara para o ‘banho curitibano’ no inverno:

Curitiba, você sabe que faz um frio danado. Obviamente isso é coisa do tempo dos índios, porque... você pega uma canequinha de alumínio, de lata, põe um dedo de álcool, um dedo e meio de álcool, acende no banheiro; mas deixa o vitrô um pouquinho aberto para entrar um pouco de ar. Aí, você toma o banho e pode cantar até ópera.

³¹ ASHRAE é uma sociedade americana de pesquisa de tecnologia sustentável para o ambiente construído

Refrescar

Refrescar-se dentro de casa em dias quentes passa frequentemente pelo uso de um aparelho eletrônico, o ventilador; este aparelho era visível no chão ou no teto da maioria das casas em que se realizaram entrevistas – às vezes um aparelho diferente em cada cômodo. Em apenas uma das casas foi relatada existência de ar condicionado.

Há práticas divergentes ao se utilizar o ventilador: para uma parcela menor dos entrevistados, o fato de possuir um ventilador não significa necessariamente utilizá-lo, já que o uso pode acarretar ‘efeitos colaterais’; oito entrevistadas relataram não ligar o aparelho porque entendem que o vento e a variação de temperatura fazem mal à saúde, com efeitos diversos (“seca o nariz”, “resseca a pele”, “ataca a asma”, “dá gripe”, “garganta”). Regina traduziu este aprendizado pessoal:

R – O ano passado não estava o calor de hoje e eu usava o ventilador; o meu você pode pôr na mesa, mas eu ponho no chão e com a direção no sofá, que eu fico muito à noite – é só na televisão, né? Aí batia aquele vento gostoso, ai, que bom, mas aí eu peguei uma gripe daquelas, então esse ano eu não liguei o ventilador.

P – Mas ficou bem sem ele?

R – Morrendo de calor.

Uma série de recursos diferentes pode ser utilizada para refrescar adicionalmente ou em substituição ao ventilador; no verão de 2014, considerado excepcional por alguns participantes, nem todas as práticas conjugadas aliviaram o calor. As estratégias dividem-se entre as que refrescam o ambiente, como deixar portas e janelas abertas, e aquelas voltadas diretamente para baixar a temperatura do corpo: “Ah, eu vou tomar um banho pra me refrescar” (Olavo); “Uso demais, demais, demais, o leque tá sempre na bolsa, tá sempre comigo, é meu companheiro” (Fatima).

Para os entrevistados, o calor modifica a ocupação dos espaços da casa, fazendo-se necessário buscar o local mais agradável para estar: “Eu sento lá no quintal e fico lendo, que lá dentro não dá para ficar, é um forno. E lá fora, pelo menos tem um corredor, tem corrente, eu me sento embaixo dessa árvore” (Lurdes).

O momento de dormir é aquele em que as mulheres relataram maior desconforto. Utilizam-se de todo o arsenal disponível mencionado anteriormente e, frente à dificuldade de dormir, improvisam. Helga contou que combate o desconforto com uma

toalha úmida: “eu pus um pouco na testa pra diminuir um pouco aquela sensação”.

Diana mudou o lugar onde dorme.

Eu ligo os ventiladores, mas vinha dormir na sala, ficava um pouco na sala, eu passei um bocado mal esse verão, viu? Olha, a minha cama é beliche; no frio eu não sinto frio porque daí eu durmo embaixo, e agora no verão eu durmo em cima (risos); então a gente só não dá jeito pra morte, né?

Para elas, vestir-se de maneira mais leve ajuda a adaptar-se ao calor e facilita o sono.

R – Durmo, porque durmo à vontade, né? (risos)

P – À vontade, o quê significa?

R – Assim, com uma roupa mais levinha, né? Não tiro a roupa, não durmo de calcinha, mas eu durmo com uma roupa mais levinha, bem melhor. (Iolanda).

O vestir-se para o calor é, na realidade, despir-se. Na intimidade da casa, longe dos olhos dos outros, estas mulheres colocam-se à vontade usando roupas que normalmente não usariam na rua, “No verão eu ando à vontade, até de bermuda aqui dentro” (Diana) ou despiendo-se completamente; “Eu chego em casa agora, eu tiro tudo lá [...] porque não tem ninguém em casa, tem um muro assim alto e na frente mora o meu sobrinho” (Lurdes). Joana comentou como fica confortável na sua intimidade.

O que eu faço: eu ponho uma blusinha de alça, um vestido de alça [...], eu fico bem à vontade aqui dentro, uma calcinha só, meu filho não tá aqui, meu velho também não. Não é gostoso ficar assim dentro de casa?

Em resumo, as práticas de aquecer e resfriar envolvem um conjunto de ações compartilhadas pelo grupo, e talvez por se configurarem respostas a eventos mais disruptivos do tempo no cotidiano, foram aquelas sobre as quais foi mais fácil para os entrevistados discorrerem. Este entendimento prático está refletido no manejo de artefatos como o ventilador, e em hábitos corporificados mais conscientes ou mais impulsivos, como as medidas em relação ao corpo no calor (STRENGERS; MALLER, 2011; SAMPSON et al., 2013). Há variações baseadas na experiência de vida, como aquecer o banheiro ou dormir no alto do beliche. Nos dias de calor, as mulheres

revelaram se libertar das imposições sociais do *dress code*³² para pessoas mais velhas quando estão fora de casa. Em seu espaço íntimo, sozinhas, podem ficar à vontade.

4.1.2.3 Práticas alimentares

Dois terços dos entrevistados comentaram que o que comem e bebem modifica-se de alguma forma com o tempo meteorológico; a maioria discorreu sobre o tema com prazer. A mudança no padrão tem um caráter ritualístico. Em geral, são as mesmas coisas que se busca comer, as preferidas, no frio e no calor. Esta alteração do padrão alimentar em relação à temperatura ambiente já havia sido documentada no sul do Brasil por Riboldi et al. (2013).

Silva et al. (2015), ao estudarem lembranças gustativas em mulheres paulistanas de 60 a 80 anos, ressaltaram o papel das memórias da infância na alimentação e pontuam que, mais do que visar à manutenção da vida, alimentar-se é um ato social e cultural que envolve prazer através dos sentidos acionados, hábitos adquiridos ao longo da vida e dimensões da identidade, como a religiosa.

Os participantes relataram que no frio “come-se mais”, “se tem mais fome”; pede um “café com leite à noite e um pãozinho”, bolo e chocolate, e o cardápio passa a incluir sopas, cujo preparo antecipa o ritual familiar da prática onde o ‘prazer de comer’ se une ao ‘prazer da mesa’ (BRILLANT-SAVARIN, 1975 apud SILVA, 2015).

Aí eu me programo fazendo uma sopinha, adoro, eu e minha filha e o caçula que gosta de sopa; na semana passada fiz um caldo verde, adoro cozinhar. (Marieta).

O café é um item especialmente associado ao frio. Nas ruas do Cambuci, foi possível notar as cafeterias e padarias com um número maior de pessoas mais velhas nos dias frios. Muitos idosos almoçam sozinhos fora de casa, e o café parece ser um momento de encontro. No bingo da Casa do Povo, as mulheres tomavam café para aquecer enquanto jogavam em um dia de inverno (Diário de Campo, 16/08/2013).

³² Código de vestuário.

Os homens mais velhos aparecem em maior número nos bares nas tardes de verão, para tomar cerveja. Duas entrevistadas declararam tomar vinho, mas “por recomendação médica”; Marieta fez um comentário que marcou pela excepcionalidade entre as participantes:

Olha, fim de semana eu gostava de cerveja, de uma cerveja gelada, mas faz uns oito anos que eu fiz promessa e tirei a cerveja da minha vida. Quando é assim, que a gente se reúne num churrasco na casa de uma sobrinha, ou na praia, na casa do meu sobrinho, eu tomo uma caipirinha, isso eu tomo, mas isso é agora que começa o verão, mas passado isso, não.

No calor, há uma preferência por alimentos frios como saladas e frutas, e come-se menos. “Melancia é bom no calor, né? Vou botar para gelar”, me disse um idoso na feira. Ganha força o hábito de tomar sorvete entre os mais velhos; “De vez em quando, quando tá muito calor, eu tomo aquele (sorvete) de coco queimado; é uma delícia, não?” (Nelma). Uma parcela menor declarou evitar as bebidas e alimentos gelados por receio de adoecer, mesmo no verão; “gelado faz mal” (Inês).

A escolha da comida que melhor combina com o tempo não depende apenas do desejo e do hábito, e pode ser limitada por questões médicas (como a orientação para diminuir o pão e as massas), por questão de disponibilidade (como a pouca possibilidade de variação, no caso daqueles que recebem a refeição de instituições sociais), e por questões financeiras.

R – No frio a gente pode comer tudo; agora, no calor tem que selecionar o que a gente vai comer; por isso que eu prefiro mais o frio.

P – O que a senhora come quando está calor, que a senhora falou que come só algumas coisas?

R – Como muita salada, fruta, quando tenho um dinheirinho, né? Com dinheiro. (Alda).

A prática alimentar se desenvolve como um hábito: come-se sempre as mesmas coisas, variando moderadamente nos dias quentes e frios com uma comida e bebida que combine com o tempo. Esta resposta também parece ser uma prática cujas bases estão sobre um esquema construído de experiências passadas em relação ao clima e interconectado com dimensões afetivas e sociais.

4.1.2.4 Prática de economizar água

Economizar água foi relatado como um comportamento adotado por uma grande parcela dos participantes no contexto da situação emergencial pela qual a cidade de São Paulo estava passando no período em que ocorreram as entrevistas. A estiagem de 2014 contribuiu para baixar o nível da água nos reservatórios, a ponto de comprometer o suprimento de água em diversos bairros. Uma intensa campanha foi veiculada em diferentes canais de comunicação para que se economizasse água, com o intuito de evitar o agravamento da crise hídrica³³. Schmidt (2003, pg.36) já havia demonstrado que a mídia de massa forma ativamente a opinião pública em questões de meio ambiente: “não há movimento cívico ambientalista, ou outro, cuja legitimação política e sucesso público não passe pelo suporte midiático”.

Nenhum entrevistado declarou que faltava água na sua casa. Houve, segundo os relatos, uma tomada de consciência da crise e a prática foi adotada em caráter preventivo – para não faltar água adiante: “A gente vê que as coisas não estão boas, a gente vai se prevenindo” disse Neiva a respeito da falta de água; e completou, “eu não deixo a torneira aberta, que às vezes, não é que a gente tinha o hábito, mas sem querer, né? Então eu procurei diminuir, em vez de abrir mais eu diminuí”. A maioria destacou um caráter reativo a uma situação pontual e emergencial e ninguém relatou fazer isto antes. Dirce colocou o problema em uma perspectiva global, de modo diverso dos outros participantes, e apontou para uma prática perene relacionada à sustentabilidade:

Eu faço a minha parte, porque eu acho que cada um de nós tem que se conscientizar e fazer a nossa parte, porque eu também já pouco me lixei com o planeta, mas como a gente tá vendo as consequências... a gente tá vendo os rios, que tristeza que dá os rios, o ambiente que a gente mora, né? Olha, os móveis, eu comprei pouca coisa, a maior parte eu reciclei [...] O que eu comprei, por exemplo, na Casas Bahia, é a televisão, eu tenho um aparelho de som, a minha beliche. O resto é tudo coisa que eu peguei do lixo ou coisa que me deram, que nem esse armário aqui, foi uma colega que me deu; o computador foi uma colega também que me deu; essa geladeira foi uma vizinha aqui do lado que me deu, apesar que ela não funciona, né?

³³ Ver campanha para economizar água do Governo do Estado de São Paulo em: <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/lenaimprensa.php?id=217796eq=Paulistas+aprendem+a+economizar+%E1gua>> Acesso em janeiro de 2016.

A medida mais citada para economizar água foi coletar a água da lavagem da roupa e das mãos em baldes e reaproveitar para lavar o banheiro e o quintal, e utilizar no vaso sanitário. Na cozinha, buscou-se eficiência na lavagem das louças: “Eu primeiro ensaboo todas”; “eu já lavo tudo na água quente e já enxáguo de uma vez”. A economia de água no banheiro também foi lembrada; “não demoro muito no chuveiro”, revelando um contingenciamento de umas das práticas para refrescar-se em tempo quente, ou seja, uma reconfiguração do ato de tomar banho.

Economizar água, no contexto investigado, surge como uma prática nova para os participantes. O engajamento foi motivado pelo senso de propósito, fazer o que é certo; a institucionalização da prática ocorreu a partir de campanhas em diversas mídias e de estímulos financeiros à economia. Poucos foram os que situaram a prática como um compromisso ambiental.

4.1.3 Porta afora: os espaços públicos

Sair de casa é um fato da vida para o grupo pesquisado neste trabalho. Para metade dos entrevistados é uma atividade diária, que pode ser dividida em várias pequenas incursões à rua ou organizada em uma saída mais prolongada para execução de várias atividades.

Entre os 37 selecionados para a entrevista, uma – Marília – relatou que ultimamente só saía de casa para ir ao médico e ao banco por causa de um tratamento médico. Os demais entrevistados declararam sair de casa no mínimo duas vezes por semana, pelos mais diversos motivos: trabalhar, ir às compras, encontrar amigos, visitar a família, fazer um curso, praticar atividade física, ir ao banco, à igreja, ao serviço médico ou de assistência social, ao bingo.

Caminhar é a forma de deslocamento mais utilizada pelos idosos pesquisados. O ônibus, o metrô (no Bom Retiro), o carro e o táxi aparecem de forma complementar ao andar, ou como opção quando vão a lugares mais distantes. A gratuidade do transporte público para idosos foi mencionada como grande estímulo para utilizá-lo. Duas entrevistadas comentaram fazer os trajetos diários preferencialmente de carro, transportadas pelos filhos. Ainda como alternativa para alguns deslocamentos urbanos, os entrevistados

citaram o serviço de van oferecido pela UNIBES e a carona de vizinhos. Nenhum dos entrevistados relatou utilizar a bicicleta.

Os participantes declararam que a condição do tempo meteorológico influencia pouco na decisão de sair de casa; todos relataram sair no frio, no calor ou na chuva se há um compromisso importante marcado ou uma atividade de lazer ou socialização.

Eu parto do princípio do caboclo que diz: ‘Nóis combinamo com nós ou com o tempo?’ Então, se você combinou com o tempo, você não vai pra lugar nenhum porque tá chovendo, tá garoando; isso não me causa nenhum problema, eu enfrento qualquer coisa. (Lauro).

Cinco entrevistados citaram a chuva como único elemento que pode causar impedimento temporário a qualquer circulação – mas não qualquer chuva, como explicou Sandra:

O guarda-chuvinha eu levo sempre na bolsa; pelo sim, pelo não, eu tenho guarda-chuva caso comece a chover, mas uma chuva que o guarda-chuva possa suportar; se não pode, eu fico esperando em algum lugar até que as coisas amainam um pouco... A chuva tem que ser uma chuva que um guarda-chuva resolva, ajude, entendeu? Agora, se for aquele toró, aí não dá, afinal a gente é um pouco covarde.

Sair de casa não significa uma ausência do reconhecimento de que sair no calor pode causar mal-estar: três mulheres disseram que *evitam* sair nos dias muito quentes, e duas mencionaram alterar os horários de suas atividades externas. Mônica expressiu as nuances da situação:

Como eu falei, eu não gosto de calor, não passo bem no calor, então, se tiver muito quente, eu prefiro não sair até. A não ser que tenha uma necessidade, não deixo de ir para a ACM, em qualquer tempo, frio, com chuva, calor, isso eu não deixo.

A observação reforçou a percepção de que a circulação se mantém mesmo em dias de muito calor ou frio. No dia mais quente de 2013, registrou-se a presença de homens e mulheres mais velhos nas ruas do Bom Retiro no momento em que a sensação térmica chegou a 40°C; foram às compras, ao posto de saúde e à padaria (Diário de Campo, 11/11/2013). Em um dia especialmente quente no verão de 2014, com 34°C, idosas chegavam ao supermercado Extra no Bom Retiro caminhando com dificuldade e com

sinais físicos de desconforto; “Acusam o calor [...] Não deixaram de vir” (Diário de Campo, 07/02/2014).

Hidalba, 84 anos, moradora do Cambuci, justificou sua presença na rua em um dia quente da primavera de 2013: “Saí para almoçar e agora tenho que ir ao banco. Se eu voltar para casa, perco a coragem. Então vou agora, mesmo com calor [...] eu preciso pegar a aposentadoria” (Diário de Campo, 12/09/2013, 29°C).

O frio também não surgiu como impedimento à circulação. No início da noite de 29/08/2013, em pleno inverno e com sensação térmica de 9°C, idosos eram vistos fazendo compras no mesmo supermercado Extra do Bom Retiro. Na manhã seguinte, a sensação térmica era de 10°C quando, às 8 horas, lá estavam eles bem agasalhados, com gorros, fazendo suas compras. Em um dia com máxima de 13°C e garoa fina, as ruas estavam mais vazias no Cambuci; ainda assim, havia idosos na feira (Diário de Campo, 14/08/2014).

Em uma tarde fria de inverno, todas as participantes do bingo que ocorre às sextas-feiras no salão da Casa do Povo estavam gripadas. Elas comentaram que sentiam frio, mas não faltaram ao compromisso com as amigas. Uma das mulheres relatou que não tinha ido à hidroginástica por causa do frio, mas foi ao bingo (Diário de Campo, 16/08/2013).

Talvez o elemento que tenha influenciado de maneira mais evidente o fluxo de idosos nas ruas seja a luminosidade: a maior parte do ano ele cai drasticamente a partir das seis horas da tarde; mas nos meses com horário de verão nota-se que muitos permanecem fora de casa até mais tarde, criando uma dinâmica diferente de circulação no bairro.

4.1.3.1 Rua: Caminhar

O ato de caminhar na rua se dá por duas motivações principais, segundo os sujeitos desta pesquisa: para deslocar-se entre dois lugares e para a prática de atividade física.

A maioria utiliza o espaço público como via de passagem para fazer compras, ir a um serviço, almoçar ou chegar a um local de lazer ou culto. Estes percursos podem ser feitos com paradas ou variações no ritmo da marcha, conforme a condição física:

Quando eu vou pra Drogasil, ela fica não tão longe, mas como é difícil eu andar, então eu ando vamos supor, uma quadra e descanso, encosto, faço de conta que eu estou vendo uma vitrine, vejo uma

cadeira às vezes na rua, eu pego e sento, eu descanso, aí eu fico sentada, depois eu continuo. O que levava meia hora hoje leva mais de uma hora por causa disso. (Silvia).

Apesar de caminhar na rua ter um propósito definido na saída, também serve para “bater uma perna”, passear, simplesmente sair de casa. Os idosos do Bom Retiro vão a pé até o açougue, escolhem a carne e depois pedem para entregar em casa. Maria do Carmo, 80 anos, moradora do Cambuci, contou: “Venho ao supermercado todo dia e compro um pouquinho... Não prejudica as costas, e encontro minhas amigas. Sempre paro para bater um papo”.

Com menos frequência, caminha-se na rua com a intenção exclusiva da prática de atividade física; neste caso, há rotinas planejadas, mais longas, sem interrupções ou mudanças no ritmo (Figura 31). O tempo frio é considerado facilitador, como contou Helga, que caminha por uma hora diariamente: “Eu gosto do frio, me sinto melhor, porque aí eu ando e tudo bem, e no calor eu canso muito”.

Figura 27 – Mulheres caminhando no inverno, Bom Retiro

As duas motivações podem estar presentes ao mesmo tempo – em uma saída ao supermercado, aproveita-se para fazer um pouco de exercício: “Eu ando, eu não caminho” disse Neiva, que porta uma ponte de safena, sobre o ritmo da atividade. Olavo

comentou, “Bom, quando é longe eu vou de carro, mas quando é pertinho eu vou a pé, porque eu preciso andar”.

A má qualidade das calçadas, que aumenta o risco de queda, e o medo da violência são os principais receios citados pelos que caminham na rua. Pode-se requerer o suporte de um familiar ou conhecido para apoio ou para ajudar a carregar as compras, mas a maioria dos entrevistados declarou que anda só. Na rua, frequentemente portam sacolas pequenas ou carrinhos com rodas (Figura 32). No final de semana, veem-se mais casais e grupos de idosos caminhando; durante a semana, a grande maioria dos idosos observada nesta pesquisa caminhava sozinha.

Figura 28 – Mulheres caminhando no outono, Cambuci

Os trajetos a pé seguem um desenho padrão, embora na mesma rua possa existir um lado aparentemente mais agradável para caminhar do que o outro (Figura 33). No Bom Retiro, por exemplo, a Rua Afonso Pena canaliza o vento de tal forma que no inverno torna a calçada sombreada muito fria e desconfortável. Enquanto na avenida principal do Cambuci as sombras estão apenas dentro dos estabelecimentos comerciais, no mesmo momento, na rua paralela Lacerda Franco há sombra proporcionada por prédios residenciais de vinte andares. A prioridade, no entanto, é o trajeto e não as condições de conforto da calçada. Tanto homens como mulheres, que acompanhei no seu percurso pela rua, usualmente entre a moradia e um estabelecimento comercial, optavam pelas rotas mais curtas e objetivas, como um hábito. Mesmo em dias de intenso calor ou frio, ignoraram as calçadas com melhores condições do ponto de vista do conforto, seja a sombra ou vento no verão, ou sol e pouco vento no inverno, se ao utilizá-las tivessem

que alterar rotas ou aumentar distâncias. Os trajetos são “sempre os mesmos”, disse Lucinda; “por costume” complementou Maria Lucia.

Figura 29 – Sombra e sol nas calçadas da Rua Prates, Bom Retiro

Neste ponto há que se fazer uma distinção entre os dois bairros pesquisados. A geografia do bairro do Cambuci é particularmente desfavorável à caminhada; repleta de ladeiras e com pouca sombra na avenida principal, exige bastante esforço físico no deslocamento a pé, esforço que se torna mais intenso nos dias de calor. Particularmente na região do campo do estudo, ao longo da Rua Lins de Vasconcelos até o Largo do Cambuci, foi comum observar idosos caminhando no verão com sinais de desconforto importante como suor intenso, os rostos vermelhos, a respiração difícil, arfantes. Caminhar a pé, fazer atividades em espaços abertos e esperar o ônibus pode ser bastante desconfortável sob o sol.

Vou devagarzinho, com o carrinho, puxando o carrinho. Quando tá mais fresco, eu sinto mais bem, porque o sol é um fogo quando esquento bastante, né? E quando tá mais fresco eles ficam com a feira até mais tarde, quando tá calor eles começam a ficar com pressa de arrumar as coisas logo; agora nunca mais eu fui. (Joana, moradora do Cambuci).

Cacilda, 86 anos, sai do supermercado no Largo do Cambuci com uma sacola pequena e caminha até o ponto de ônibus a uma quadra, muito lentamente. Veste regata, saia longa e sandálias, um boné branco. Quando chega ao ponto, se abriga na sombra do estabelecimento comercial em frente já que o ponto fica no sol. A cada aproximação de um ônibus, ela vem até a calçada para conferir se é o seu.

Eu não gosto deste calor, me sinto mal. Saí para comprar fígado no Extra. Estou com anemia e preciso comer fígado todo dia. O meu filho faz supermercado durante a semana para mim, mas o fígado eu vim buscar hoje. E não tinha! Ele não gosta que eu saia na rua porque já caí, mas eu saio. (Diário de Campo, Cambuci, 01/02/2014, 35°C).

O Bom Retiro, no trecho em que se concentrou a pesquisa de campo, mostrou-se uma região mais amigável para se andar por ser plano, compacto, com comércio bastante próximo da área residencial, além de contar com mais áreas sombreadas e bancos para descanso na calçada. Vários idosos comentaram que faziam tudo a pé no bairro, e que os serviços estão a poucas quadras de casa.

Eu gosto, é tanto que a minha filha às vezes cisma que quer mudar, que ficou um pouco pequeno pra nós; mas sabe, eu conheço gente que mudou daqui do bairro, principalmente os judeus, foram pra Avenida Angélica, quer dizer, também a gente não tem esse poder pra ir pra lá, mas eu digo, é tudo plano. Em uma temporada eu fiquei na casa da minha filha em Santana; é horrível, é ônibus pra subir, é ônibus pra descer. E aqui, por exemplo, vou no metrô, são duas quadras, eu vou pegar ônibus, eu desço aqui na porta, então eu já me acostumei. Às vezes a minha filha quer mudar; eu não, eu brigo pra não ter que mudar. (Marieta, Bom Retiro).

Os sinais de desconforto pelo calor não se faziam tão explícitos na face e nos gestos dos transeuntes do Bom Retiro, embora presentes em um ou outro idoso que caminhava, principalmente nos dias excepcionalmente quentes.

As estratégias de adaptação ao tempo para poder caminhar na rua são de duas ordens: ocorrem através do trajar para o frio e o calor, e das paradas para descansar e se proteger do sol nos dias quentes.

Pontos de refúgio na rua são usados para proteção da chuva, do vento e do frio. Porém, o uso de pontos de apoio na calçada como bancos na sombra e cadeiras sob um toldo foi observada principalmente no verão e nos dias de sol forte.

Yiu, um homem de 75 anos, sentou-se ao lado desta pesquisadora no banco da Rua Prates em uma tarde de 32°C e comentou: “Estou cansado, acho que é o calor. Em 44 anos que estou aqui, nunca vi um calor assim”. Levantou após cinco minutos e, aparentemente revigorado, foi embora (Diário de Campo, Bom Retiro, 12/02/2014). Este banco é colocado de manhã na calçada pelo dono da padaria em frente, retirado à noite, e permanece na sombra à tarde (Figura 34). Da mesma forma, um banco na entrada do supermercado proporciona abrigo em dias quentes no Cambuci (Figura 35). Pode-se destacar o fato de que este item do mobiliário urbano, presente nas praças e parques, tenha sido encontrado nas ruas do território de pesquisa mais frequentemente como uma iniciativa privada.

Figura 30 – Banco ‘móvel’ na Rua Prates, Bom Retiro

Há a possibilidade de utilizar as cadeiras de bares e lanchonetes. “Na Rua Prates, duas senhoras estão sentadas à mesa que está na calçada embaixo de um toldo, em frente à lanchonete. Não consomem” (Diário de Campo, Bom Retiro, 30/11/2013, 29°C). O caráter de pausa para descanso se dá pelo pouco tempo que ficam por lá.

Figura 31 – Banco no supermercado, Largo do Cambuci

Durante todo o período de observação, idosos raramente foram vistos carregando uma garrafa de água, mesmo nos dias mais quentes. Em um café da Rua Três Rios, uma mulher apontou um motivo: “Que calor. Um pouco de água tem que tomar, mas não pode ser muito, que dá vontade de ir ao banheiro toda hora” (Diário de Campo, Bom Retiro, 01/08/2013). Pode ser uma questão de distância da caminhada ou falta de hábito: “esqueço”; “é perto”, depõem. Apenas uma pequena parcela dos entrevistados afirmou levar ou comprar água quando sai à rua, como Zélia.

R – É, levo uma coisinha pendurada ou dentro daquela sacolinha ali, sempre levo; ou mesmo, entro em algum lugar e compro.

P – E a senhora não tem vontade ir no banheiro quando está na rua?

R – De ir no banheiro, tenho.

P – E a como que a senhora faz?

R – Quando tô com ele, ‘Pai, eu vou entrar nesse bar’, nesse negócio aí. Paro no bar e vou no banheiro.

Quando questionados sobre o que mudariam no seu percurso a pé, em geral os entrevistados responderam que gostariam de melhorias na calçada, ter um ponto de ônibus ou um serviço específico mais perto de casa, e segurança. Não houve referências à sombra, banheiros ou locais de descanso. Salvador et al. (2012) investigaram a correlação entre variáveis ambientais e a prática de caminhada como forma de deslocamento de idosos em Ermelino Matarazzo, bairro da zona leste de São Paulo; de forma semelhante, encontraram a percepção de segurança, a presença de iluminação pública e a proximidade de alguns equipamentos como variáveis significativas. Já Giehl

et al. (2012) encontraram o clima como barreira para a prática de atividade física de idosos em Florianópolis.

Há uma pluralidade de possibilidades no que se refere à vestimenta usada fora de casa. Em um dia de calor, pode-se ver idosos com todo o tipo de traje, dos shorts aos casacos, como ilustra a fotografia tirada no Bom Retiro em um dia de verão (Figura 36). Já no frio a mistura é rara; praticamente todos estão agasalhados, e as roupas escuras predominam.

Figura 32 – Vestimentas variadas no verão, Bom Retiro

O modo de vestir é a estratégia de adaptação que conecta o ambiente doméstico e o espaço externo. Em suas entrevistas, as mulheres comentaram que ao sair seguem a regra geral de colocar roupas mais leves no verão e roupas mais pesadas ou em camadas no inverno, revelando um conceito comum sobre como trajar-se em cada situação do clima. Acessórios como gorro e cachecol são bastante utilizados no frio. Contudo, elas declararam não utilizar óculos de sol, chapéu ou sombrinha no verão. As calças compridas são mais frequentes no inverno, com alguma resistência por parte daquelas que não têm o costume de usá-las – eventualmente por questões religiosas.

O processo de escolha da roupa para sair não segue um padrão. Para a maior parcela dos participantes, é questão de momento: a forma como a pessoa ‘sente o tempo’ dentro casa, ou o que percebe ao ‘olhar pela janela’; quando decide sair define a vestimenta a

ser usada. Este movimento pode levar a equívocos, segundo os entrevistados, como sair com muita roupa porque está frio em casa e encontrar o tempo abafado lá fora. Encontrei Rosa, 86 anos, bem agasalhada em um dia abafado no Bom Retiro, e ela me contou: “A minha casa estava gelada, saí na rua e está quente. Vai entender?”. Teresinha, aparentando 80 anos, foi à feira no Cambuci às 13h30 de um dia quente vestindo um colete de lã, e se abanava: “Sabe, eu sou uma tonta. Eu sei que não é bom sair no calor, faz mal. Mas estava tão frio na minha casa. E eu saí”.

Segundo as entrevistadas consultar a previsão do tempo é mais importante para a decisão de levar o guarda-chuva. E por fim, a escolha da roupa pode ter um caráter preventivo, em função da variabilidade das condições meteorológicas ao longo do dia.

R – Eu saio sempre agasalhada.

P – Mesmo no calor?

R – Porque eu tenho medo, que aqui o tempo é louco, ele muda, aí saio daqui está calor, quando eu vejo, está frio [...]. Eu já saio eu ponho (o agasalho) na bolsa... outro dia tomei um táxi, deixei o agasalho dentro do táxi, por isso que já gosto de pôr no corpo. (Irina).

É recorrente a fala de que a roupa do dia a dia é simples, confortável, sem luxos. Nas palavras de Sandra, roupa é “uniforme”; só um evento especial pede uma “roupa mais toalete”; “lenço, sabe, eu gosto no pescoço, que eu sinto um pouco de frio aqui; eu me agasalho com um lenço, amarro aqui o lenço, em cima de uma malha, não como enfeite”.

O tópico que mais chama atenção pela frequência na fala das mulheres entrevistadas é o cuidado em vestir uma roupa que elas consideram mais adequada à idade, não expondo demais algumas partes do corpo na rua, mesmo em dias mais quentes. Perguntada se usava roupas sem mangas, Diana comentou:

Não, geralmente com uma blusinha fina por baixo, sei lá, não sei se por causa da idade; quando eu era nova andava mais com um decotinho, cavado, essas coisas, mas depois a gente chega a uma certa idade e a gente, sei lá.

A maior preocupação é com os braços que, segundo elas, acusam o envelhecimento – “se dobrar dá dois” (Maria Isolda). Mulheres na década dos 60, 70 e 80 anos relataram

substituir as roupas com alças por mangas: “Não, eu não gosto muito de roupa sem manga, que já tô velha (risos)” (Walquiria). “No calor eu uso (alças), mas não pra sair, não, eu sou professora antiga, eu sou daquele tempo de tudo fechadinho, clássico” (Lucinda). Esta internalização da prescrição cultural sobre um modo de vestir para mulheres velhas, em estilo frequentemente recatado e clássico, foi apontada pela socióloga Julia Twigg em seu clássico estudo sobre o vestuário e a velhice (2013).

Embora o grupo de entrevistadas tenha referido uma preocupação em não expor os braços quando sai de casa, observei que nos dias em que há picos de calor a adesão normalmente baixa das mulheres mais velhas às regatas aumenta nas ruas. Acessórios para proteção do sol como óculos, sombrinha e chapéu, pouco citados nas entrevistas como objetos levados à rua, foram vistos na rua nos dias de sol intenso (Figura 37).

É como se houvesse um limiar de condições de temperatura, a partir do qual hábitos podem ser modificados; isto foi particularmente notado em dias de calor durante o verão, que se apresentavam como uma sequência de dias quentes e iam, gradativamente, mudando a cara das vestimentas. No dia 07/02/2014, o quinto dia mais quente da história de São Paulo (34°C, com sol, no momento do trabalho de campo), o diário de campo desta pesquisa registrava: “O número de sombrinhas se multiplicou, e hoje vi inclusive um homem de guarda-chuva [...] Não há mais lugar para idosos com roupas fechadas. As mulheres optam por bermudas e regatas. Os homens ainda vestem calças, mas há bermudas”. Neste dia, constava nas anotações que caminhar embaixo do sol no Bom Retiro estava muito desconfortável; e que se notava um cansaço inédito na expressão das companheiras do bingo.

Figura 33 – Sombrinha em dia de sol, Cambuci

Há certa formalidade no vestir masculino na rua em qualquer época do ano, o que significa que no verão as mangas encurtam, mas calças e sapatos permanecem. Este fato pode estar relacionado ao código de vestimenta para o trabalho, mas nem sempre. Mesmo no Parque da Luz e no Largo do Cambuci avistaram-se idosos com roupas sociais. No verão podem vestir bermudas, mas raramente um homem idoso foi visto circulando na rua com uma regata; no inverno lançam mão das sobreposições.

Os homens demonstraram preocupação em proteger a cabeça no inverno, com boné ou chapéu. Olavo mencionou como um hábito geracional:

[...] quando tá muito frio à noite, tá gelado, eu ponho um bonezinho
[...] quando eu saio na rua, quando tá aquele frio danado, caindo aquela tipo neve, muito frio. Então eu sou do tempo do Ramenzoni, que era aqui na Rua do Lavapés, era fábrica de chapéu, uma das maiores fábricas que nós tivemos, Ramenzoni. E os operários, os funcionários eram obrigados a usar chapéu, saíam tudo com chapéu na cabeça.

O tênis aparece em todos os dias do ano, independente da temperatura, em muitos pés de homens e mulheres. Relataram que é o calçado que mais atende à demanda de

conforto e estabilidade para caminhar, e pode ser combinado com os shorts, as saias ou as calças sociais. No inverno, podem ser vistos sandálias e chinelos com meias.

Foram raros os dias com alguma chuva durante os 14 meses de duração da observação participante. A terra da garoa imortalizada por Caetano Veloso na música “Sampa” apresentou longos períodos secos por 10 meses seguidos. O diário de campo registrou chuva na tarde do dia 19/11/2013, condição antecipada pela previsão do tempo. Choveu forte por 10 minutos no Bom Retiro e esta pesquisadora se abrigou em uma padaria, de onde observou o movimento. Durante este período, alguns idosos caminhavam com e sem guarda-chuva. Uma mulher que tinha passado a pé a caminho das compras antes da chuva voltou, com suas sacolas cheias. A chuva, anunciada, não afastou completamente os idosos da rua.

No dia mais frio do ano de 2013 caiu uma garoa fina.

Vi um senhor com carrinho de feira cheio, caminhando devagar, apoiado em uma mulher mais jovem. Percebi que vinha da feira na rua ao lado. Não levava guarda-chuva, apesar da ameaça da chuva [...]. Fui até a feira, estava sendo desmontada e a garoa dava uma sensação muito incômoda. Havia uma senhora voltando das compras, também sem guarda-chuva [...]. (Diário de Campo, Cambuci, 24/07/2013, 13°C).

Não levar o guarda-chuva pode ser uma opção; um casal de idosos, cerca de 80 anos, ela de bengala e apoiada nele, com sacola, andava lentamente na garoa do Cambuci. Ao ouvirem a pergunta desta pesquisadora “Querem o meu guarda-chuva emprestado?”, responderam “Não, moramos logo aí na esquina; não precisa, obrigado” (Diário de Campo, Cambuci, 22/03/2014).

Ou falta de previsão; Milton comentou que foi surpreendido pela chuva: “Outro dia tomamos chuva em plena feira, na Júlio Conceição. Tivemos que voltar para casa para nos trocarmos; nos molhamos inteiros” (Diário de Campo, Bom Retiro, 22/01/2014).

Caminhar, no sentido de deslocar-se para seus afazeres fora de casa é uma prática guiada pelo hábito na forma da sua execução; os trajetos são os mesmos, independentemente do tempo e das condições de conforto da via. Há uma motivação que sustenta a prática: manter a rotina de atividades cotidianas e encontrar o outro. Este componente relacional tem grande peso e organiza a prática, a ponto de a decisão de sair sofrer pouca interferência do tempo meteorológico, mesmo em condições menos

favoráveis. Há entendimentos coletivos sobre como tornar a prática mais confortável em dias de frio, calor e chuva, que se relacionam com a forma de vestir e o uso de acessórios.

Para as mulheres, há normas a seguir no vestir para sair, seja pelo que se considera adequado vestir em função da idade, seja pela intenção de não mostrar determinadas partes do corpo que estão, em sua opinião, envelhecidas e feias.

A configuração material do espaço percorrido no centro da cidade de São Paulo, sem sombras, árvores e banheiros públicos pode dificultar a prática da caminhada nos dias de calor; porém pode oferecer um abrigo de momento, que é improvisado pelo idoso em condições atmosféricas mais desfavoráveis.

4.1.3.2 Parques e praças: tomar sol no inverno e se exercitar

O bairro do Bom Retiro conta com um parque de 113.400 m² – o Jardim da Luz. É um espaço bastante arborizado; há uma pista para caminhada em bom estado, aparelhos de ginástica, e uma programação de atividades culturais nos finais de semana.

Ao caminhar no parque nota-se uma frequência majoritária de homens entre os frequentadores mais velhos a qualquer hora do dia, em qualquer dia da semana, em qualquer condição meteorológica – exceto na chuva, quando o movimento diminui. Conversam, ouvem música, jogam, exercitam-se ou simplesmente observam o movimento. Mário, bancário aposentado e frequentador do parque, explicou: “Aqui na praça tem dois tipos de pessoas. Os desempregados e os aposentados. Os novos são desempregados. Para os aposentados está bem vir aqui. São sempre os mesmos que vem todos os dias”.

A antropóloga Clarice Ehlers Peixoto destaca este aspecto social: “os jardins, praças e praias constituem os únicos espaços gratuitos da cidade permitindo, desse modo, aos aposentados, uma frequência mais assídua, ou seja, a manutenção de um contato cotidiano com os parceiros de espaço” (2000, p.23).

Os idosos permanecem no parque por menos tempo que os homens mais jovens, às vezes apenas meia hora, e tomam sol nos dias amenos e mais frios. Em dias quentes, sentam-se nos bancos sob a sombra de árvores.

Alguns homens caminham e outros se exercitam nos aparelhos de ginástica; neste caso não utilizam instrutores e não evitam os dias e horários mais quentes (Figura 38). José Antônio, 76 anos, vem ao parque a pé e se exercita todas as manhãs. Em um dia abafado de agosto, estava fazendo exercícios com roupa social, sapatos e meias.

P – O senhor não está com calor?

R – Não [...] o clima de São Paulo é temperado, não faz muito frio ou muito calor, foi o lugar que me dei melhor na minha vida!

P – Traz uma água?

R – Não, seria bom, né? Vou começar a fazer isso, trazer uma garrafinha de casa.

E arrematou que naquele dia não tinha a companhia de outros idosos; “Sinto falta quando eles não vêm” (Diário de Campo, 31/08/2014).

Figura 34 – Idoso se exercitando nos equipamentos do Jardim da Luz, Bom Retiro

As moradoras do bairro entrevistadas revelaram resistência ao uso deste espaço público em função do perfil de frequentadores: “só tem maloqueiro” (Lurdes), “mal frequentado” (Madalena), “gente muito baixa, tem gente muito vagabunda” (Madalena), “não ficou muito bem usado” (Sandra). Preferem utilizar a pequena Praça Coronel

Fernando Prestes (Figura 39), entre a Rua Afonso Pena e a estação de metrô Tiradentes, distante duas quadras do parque, que conta com alguns bancos.

P – A senhora quando sai para andar usa o Parque da Luz? A senhora costuma ir lá?

R – Muito pouco. De vez em quando. Eu ando mais na pracinha, perto do metrô e ainda do lado do quartel, porque eu tenho mais confiança, eu tenho medo de ir para lá no parque. Eu sei que tem gente que anda, mas eles andam muito cedo. Eu quero andar a hora que eu puder (risos). Então, eu ando mais aí na pracinha. (Walquiria).

Figura 35 – Praça Coronel Fernando Prestes, Bom Retiro

Já o Parque da Aclimação localiza-se ao sul do distrito do Cambuci, e compreende uma área verde de 112.000 m²; assim como o Jardim da Luz, conta com pista para caminhada e equipamentos de ginástica. O uso é misto, e principalmente no final de semana. Alguns entrevistados moradores do Cambuci mencionaram frequentar o parque para caminhar, usar os aparelhos ou para passear nos finais de semana, sempre com uma avaliação positiva do espaço.

Privilégio de poucos, tem o céu aberto, você não paga nada, você anda calmamente ou rapidamente; hoje tá muito bem cuidado, melhoraram bem o parque; então a pista tem um quilômetro, é muito bom. É o quintal da sua casa, que não implica um centavo. (Lauro).

Mônica, que mora a 500 metros do parque, contou que “caminha sistematicamente” nos finais de semana:

Por exemplo, quando eu ando no parque, o parque tem quase mil metros, eu vou a pé daqui lá e dou seis voltas no parque. Antigamente, essas seis voltas eu fazia em menos de uma hora. Agora, eu não faço mais, eu fico uma hora e quinze, uma hora e meia. Agora, quando você encontra alguém você não percebe, então você anda mais depressa.

Localizado no mesmo bairro, o Largo do Cambuci é constituído por uma pequena praça entre ruas movimentadas e costuma ser bem barulhento durante a semana. Há bancos e tabuleiros para jogos na sua infraestrutura (Figura 40). Tem uma frequência mais masculina, mas também conta com mulheres. Não costuma ser um local para caminhada, mas de encontro entre idosos, que ficam em grupos.

Figura 36 – Largo do Cambuci

Zélia mencionou que caminha lá como alternativa ao parque, mais distante da sua casa.

É, de vez em quando, quando dá, eu vou no Jardim da Aclimação, mas não é muito não, eu vou muito daqui pro Largo, dou a volta lá no Largo do Cambuci, que tem uma praça, dou uma volta lá, umas

cinco voltas ou mais, depois eu venho [...] Sento lá, dou uma andada; muito boa a praça.

Nenhum dos entrevistados desta pesquisa relatou ir aos parques e praças com o objetivo de tomar sol. A maioria dos participantes declarou que pode tomar sol quando sai para alguma atividade externa, sem que este seja um hábito intencional ou incorporado à rotina; a prática da caminhada é, portanto, um momento quase que acidental de exposição.

Não foi raro, entretanto, observar homens (em sua maioria) e mulheres (algumas) tomando sol no inverno. Em uma tarde de inverno, no momento mais quente, 13h, duas senhoras de cerca de 80 anos, que se identificaram como amigas de praça, sentavam-se em um banco ao sol na Praça Coronel Fernando Prestes, acompanhadas de suas cuidadoras. Um homem de boné e regata puxava os shorts para cima, expondo as pernas ao sol (Figura 41). Também havia vários homens idosos tomando sol no Largo do Cambuci no inverno, os quais vão embora à hora em que o sol desaparece. No verão preferem ficar à sombra. Álvaro comentou que “só quando tá muito frio é que eu tô caçando sol”. (Diário de Campo, 13/08/2014, 14h30).

Figura 37 – Homem tomando sol no inverno, Praça Coronel Fernando Prestes, Bom Retiro

A prática de tomar sol nos parques parece ser motivada principalmente pelo conforto, ou seja, aquecer em dias frios. E revelou-se, para o grupo investigado neste estudo, como uma atividade mais comum entre os homens, tanto em parques quanto em praças. Caminhar no parque da Aclimação e nas praças revela uma diversidade maior: as mulheres aparecem como praticantes.

A escolha de a qual parque ir, como se viu no caso do Jardim da Luz, pode ser influenciada por julgamentos e crenças a respeito do lugar; as mulheres relataram não gostar de frequentar determinados lugares. Já a motivação da socialização é determinante para os homens que frequentam os parques e pode influenciar a sua percepção de conforto.

5 TEMPOS DO CORPO

O clima entra no cotidiano dos participantes da pesquisa já pela manhã: “Eu prefiro o calor, que é mais fácil pra você levantar, tomar um banho, né? O frio dá preguiça”, disse Maria Lucia. Neiva completa: “O negócio é só o inverno mesmo, sabe? Eu não gosto... tem que levantar cedo, a gente quer ficar mais um tostãozinho na cama, entende? E o verão não, no verão a gente tem mais disposição”.

“O verão é mais alegre, o inverno é um pouco triste” reflete Olavo. Uma parcela dos entrevistados, assim como Olavo, citou que as condições atmosféricas influenciam seu humor e sua disposição. Ele acrescentou que no verão “você tem mais ensejo de passear, de ver as coisas, o dia é mais longo, você aproveita mais”. É a estação favorita de metade dos entrevistados.

O restante se divide na preferência pelo inverno ou pela meia estação: “Eu como bem, eu durmo bem, tudo bem é no inverno” (Maria Guiomar); “Eu tenho mais prazer no inverno” (Maria Isolda). O grupo que prefere o outono e a primavera – meia-estação – foi o mais pragmático: tanto o calor quanto o frio trazem incômodos, mas a primavera traz as flores.

5.1 Corpo (Des)Adaptado

Esmeralda disse que não gosta de ficar de maiô, e que por este motivo não gosta de ir à praia. “Eu tenho também pelanca aqui, sabe, nunca tive isso, de repente fiquei assim, aqui nas pernas, então acho que é velhice.” Mudanças no corpo com o envelhecimento são notadas na imagem e na performance do corpo. Diana disse que “sente mais pra abaixar, porque antigamente, nossa, o meu corpo era uma maravilha; agora, com a idade, a partir dos 65 eu comecei já sentir”.

A relação do corpo com o clima também mudou ao longo do tempo; o envelhecimento é registrado nas respostas do corpo. “Um clima muito seco nessa idade a gente já sente

uma diferença, já é mais difícil você estar respirando, tá mais abafado. Antigamente não, você não sentia nada disso, a idade já traz certas dificuldades” (Silvia).

A maior parte dos homens e mulheres passou a sentir mais frio com a idade. “Aos 18 anos a gente não tinha tanto frio, eu pelo menos. Aqui vem piorando. Faz parte com certeza da idade, a idade e a perda de massa muscular, tudo isso deve ter alguma influência na questão de temperatura, passa a sentir mais frio” (Lauro). “[...] é só no frio que eu me sinto... sinto mais” (Zélia).

Entre as mulheres há uma minoria que passou a tolerar menos o calor. Ficar sob o sol também se tonou mais penoso, mesmo para Antonia, que se tornou “frioenta” após os 50 anos: “Quando eu era nova, eu adorava sentar assim no sol e ficar, meu pai até brigava ‘Sai desse sol’, mas agora eu não consigo, não”.

Diana foi a única entrevistada a associar o sentir calor à menopausa. “Olha, como não fiz o tratamento da menopausa, eu às vezes, mesmo no frio, às vezes eu me cubro, daí chega uma hora, eu sinto aqueles calores, acordo suada, joga a coberta, sabe, é aquela briga, né, calor, frio”.

As condições meteorológicas cotidianas são registradas na experiência do corpo de maneiras diversas. Uma parcela proporcional de entrevistados citou o calor (14) e o frio (12) como as situações que mais incomodam dentro e fora de casa. Antonia e Fatima se declararam sensíveis às duas condições.

O frio “ataca os ossos”, surgem dores na coluna, nas pernas e nas articulações, que podem ser intensas: “Eu sinto aquela agonia, uma dor nos ossos assim... é demais. Semana passada fez um frio muito grande, aí as costas... eu não aguentei” (Zélia). Os sintomas são recorrentes; as gripes e resfriados, eventualmente as pneumonias, fazem parte do inverno. “Todos os anos eu tenho gripe”, disse Irina. Os idosos compartilham dicas nas suas conversas sobre como lidar com estas situações: “está muito frio, vivia gripada, mas agora descobri a solução: passar vic vaporub nos pés. Melhora a gripe em cinco minutos”, contou uma mulher às amigas (Diário de Campo, Bom Retiro, 14/08/2013).

No calor predomina uma sensação de mal-estar. O suor incomoda muito; “Eu fico muito indisposta, fico muito abafada, suar muito, aí é horrível [...] você quer passar uma

maquiagenzinha, uma coisa, aquilo mela tudo” (Marília). Os entrevistados destacaram o verão de 2014 como uma época especialmente quente ao relatarem cansaço, tontura, sonolência, dificuldade para dormir e queda de pressão; quatro deles disseram que foi pior do que em outros anos, quando não sentiram tanto. Uma participante desmaiou na rua e atribuiu o fato ao tempo.

Muito cansaço, né, muito cansaço, muita falta de ar, não tinha ânimo pra fazer nada. Foi o tempo, assim, de repente estava calor, de repente vinha, mudava a temperatura, aí mexeu muito comigo, mexeu demais [...] Cheguei a desmaiar na rua. (Fátima).

A baixa umidade do ar em função da falta de chuvas em 2014 foi bastante valorizada nas entrevistas, e mencionada em 13 relatos. A secura do ar resseca a garganta, o nariz e os olhos. Maria Guiomar descreveu a sensação: “Incomoda, porque daí eu tenho que tomar mais de dois litros de água por dia porque eu sinto sede, nessa época eu sinto uma sede tremenda, até parece que eu comi todo o sal do mundo, entende?”. O desconforto chegou a ser intenso o suficiente para levar alguns participantes ao médico; entraram em cena colírios, Rinossoro e bacias de água e toalhas no quarto. Olavo associou a secura ao aumento de poluição, o que piorou seu quadro respiratório.

A respiração fica ofegante, fica difícil, precisa beber mais água ou tomar um banho pra poder me aliviar um pouco, então o ar seco não é bom pra ninguém eu acho. Você pode ter um pouco, mas não muito, o dia inteiro de ar seco. E o ar seco que nós temos aqui é um ar muito poluído, além de ser um ar seco, até no Ibirapuera você vê aquela nuvem de poluição, em São Paulo. São Paulo pra essa finalidade é muito ruim, pra pessoa viver aqui em São Paulo, ele vive três, quatro anos a menos do que deveria viver, quem mora em São Paulo, pode ter certeza.

5.1.1 (In)vulnerabilidades

Beauvoir (1990) argumenta que a velhice é sempre o outro, pois o sujeito não a imagina em si mesmo; não vemos em nós as características atribuídas ao velho (GOLDENBERG, 2011). Featherstone (1991) propôs a expressão ‘máscara do envelhecimento’ [*mask of ageing*] para traduzir este sentimento de que há uma máscara imposta ao corpo na velhice e que esconde a identidade mais profunda, a mesma da juventude. Debert (1998) e Kertzman (2004) apontam em suas pesquisas sobre a

experiência do envelhecimento no Brasil que a percepção subjetiva do ser velho nem sempre corresponde à idade cronológica que uma pessoa apresenta.

Nesta pesquisa, de forma diversa, não houve resistência a identificar-se como idoso, uma fase percebida como de mudanças que implicam em limitações, aceitas com aparente naturalidade pelos entrevistados. Podem ter contribuído para esta este achado a idade dos participantes e alguns tópicos abordados durante a entrevista.

Em relação à idade, Venturi e Bokani (2007) observaram que é a partir dos 70 anos que estes passam a perceber-se como tal; o fato de sentir-se bem até esta década contraria a percepção que os próprios idosos têm da velhice como negativa.

Nesta pesquisa 75% dos entrevistados tinha acima de 70 anos. E possivelmente ao conectar o tema do clima a aspectos da vida cotidiana deste grupo que remetem a ‘indicadores de velhice’, porque negativos sob a sua perspectiva, como a exposição do corpo por meio do vestuário e à qualidade da experiência ao andar pela cidade, a identificação com a velhice tenha encontrado espaço.

[...] eu andava um pouco mais, com mais agilidade, mas como toda pessoa idosa, eu noto que começa a me cansar, eu diminuo a marcha. Eu resolvi diminuir, andar um pouco mais devagar, sem parar, mas vou andando, só paro na esquina pra esperar o farol virar e depois continuo. (Sandra).

Alguns poucos entrevistados se referiram ao termo ‘terceira idade’. Debert (1999) situa que este conceito foi criado na perspectiva de uma visão mais positiva em relação ao envelhecer, e é mais aceito do que os termos ‘velho’ ou ‘idoso’. “Eu estou na quarta idade, porque os filhos estão na terceira, então eu não posso tá na terceira, eu tô na quarta” (Silvia).

Entretanto, mesmo reconhecendo-se oficialmente idosos, revelaram reconhecer também uma distinção nas gerações dentro da velhice: sempre se pode ser mais velho. Maria Guiomar, 75 anos, comentou sobre as amigas,

[...] que elas são muito idosas, são bem mais do que eu, e quando elas precisam que faz compra pra elas, elas me ligam aqui. Eu saio daqui, vou no Extra que é na esquina ali, faço as compras e peço pro menino levar e vou junto, entende? Aí pra ela fazer o pagamento, pra ver se

ela não deu dinheiro a mais, ver se ela pagou direito, se ela não deu dinheiro a menos, tudo essas coisas, sabe?

Admitindo limites à mobilidade e uma diminuição de energia, expressa na mudança de intensidade e velocidade de várias atividades cotidianas, os participantes desta pesquisa enfatizaram que não se consideram incapazes por serem velhos e valorizaram a autonomia, compondo uma imagem positiva no balanço final de perdas e ganhos do envelhecimento.

Lucinda, 84 anos, comentou: “Eu desço a escada sem segurar no corrimão, tem uma vizinha de frente que fala: ‘pega no corrimão’ (risos); eu ainda não preciso gente, a hora que eu precisar eu pego”. Sentir-se capaz reforça o sentido de independência de Mônica, 81 anos:

Meu sobrinho fala, ‘A senhora não deve guiar’. E eu falo: ‘Por quê? Minha cabeça está boa, meus reflexos ainda estão bons, eu não ando mais a 120, eu ando a 100’. A estrada para Amparo tá ótima, só tem um trecho de Morungaba pra lá que é muita curva, mas eu já sei que é muita curva, então eu vou devagar. A hora que eu achar que é para parar, eu paro.

O campo da vulnerabilidade ao clima mostrou-se multifacetado, com ideias contrastantes sobre riscos do clima e do clima para o idoso. Dois grupos se formaram entre os entrevistados: uma parcela maior considerou que o clima é uma condição que afeta a todos igualmente e não é um problema maior para os velhos. Outro grupo identificou riscos na própria condição de idoso.

Brownlie (2014, p.200) aborda culturalmente a percepção e expressão de vulnerabilidades na fala dos sujeitos, apontando o peso da relativização no processo: em geral há uma equação entre o que é comum e é extraordinário, o que é objetivo e subjetivo, e a partir de qual momento da vida se está ao se declarar vulnerável a alguma situação. Este tipo de ponderação emergiu dos depoimentos na pesquisa.

Maria Lucia comentou que o marido estava de cama com uma virose, que pegou ‘por causa do tempo’. Embora ela associasse a doença ao frio – era inverno – não considerou que houvesse uma potencial vulnerabilidade subjacente; tratou como um evento normal da vida deles. Marília desenvolveu esta percepção do clima como um fenômeno universal: “[...] pela minha opinião, eu, no meu caso, quando tá tempo muito pesado,

muita poluição, isso sim, eu sinto que me afeta bastante, mas não só a mim, é criança, todo mundo, eu acho que isso é uma coisa normal”.

Outro grupo considerou que os idosos podem ter mais problemas com os aspectos climáticos do frio ou do calor, mas se colocaram de forma diferenciada no contexto, podendo se incluir ou não, como expressou Alzira: “Bom, eu pelo menos, não tenho, agora os outros idosos...”.

Nelma relatou que valoriza a previsão do tempo para escolher o vestido com o qual vai dançar no Baile do Sargento no Cambuci, toda a semana, com o namorado. Os vestidos podem ser abertos ou fechados, como ela diz, mas sempre longos como pede o evento. Fez questão de diferenciar-se do grupo de idosos que “reclamam da vida”. “Pois sexta-feira eu tava com uma gripe, que eu não podia nem parar em pé, eu não fui dançar? Fui dançar. Quando foi no sábado, eu tava boa. É assim, não se deve falar ‘Ai que dor, eu tenho isso, tenho aquilo’; não, tem que ficar na da gente”.

A percepção de uma vulnerabilidade pessoal que se refletiu na percepção do grupo, num sentido de ‘vulnerabilidade corporificada’, mais objetiva (MARTIN, 2007), foi mais frequente. Walquiria destacou o discurso médico e sua experiência pessoal para apoiar sua observação pessoal de que os mais velhos são mais suscetíveis: “Na outra semana mesmo que até fui ao médico, ele falou ‘Não, é o clima mesmo que faz isso’. Tem a perna pesada, você não consegue andar...”.

Enquanto Júlio comentou com base na sua biografia: “Se eu cheguei aos 99 anos e oito meses, então eu não sou frágil (ao clima)”.

5.2 Preventivamente

As reflexões sobre vulnerabilidade frente ao frio e calor conduziram ao tema da prevenção como *prática antecipatória*, situada em plano distinto da prática de previsão do tempo, e também da adaptação motivada pelo conforto e pela exposição imediata. Trata-se de práticas que podem ser adotadas antes mesmo que a exposição ao frio e ao calor ocorra, para evitar um dano. Frente às dimensões físicas e

simbólicas envolvidas nas concepções de clima e saúde presentes nas narrativas, e dos saberes científicos que se posicionam em relação ao tema, estas práticas preventivas antecipatórias contemplam os significados da experiência deste sujeito em investigação.

As práticas inventariadas são voltadas fundamentalmente para evitar gripes e resfriados, relacionados ao inverno e às quedas súbitas de temperatura. Há aquelas adotadas a partir de entendimentos que se revelaram coletivos: evitar as bebidas e comidas geladas durante o ano todo e sempre levar um agasalho ao sair.

Walquíria relatou que caminhava dentro de casa para se exercitar por entender que havia um risco associado ao tempo e à idade: “... eu ando aqui dentro, né? Para não pegar aquela friagem, procuro não pegar, porque se nessa idade, se pegar uma gripe já tá complicado”.

O tópico da vacinação revelou uma tensão entre as regras e normas propostas pelo discurso médico e o entendimento individual do que ‘funciona’. A maior parte se vacina para gripe, mesmo relatando descrédito em relação a tal medida. A lógica do cuidado institucional que torna a medida um padrão para os maiores de 60 anos, grupo considerado de risco, aparece como prevalente sobre a decisão do sujeito; “lá no posto é obrigado” (Helga).

Uma parcela menor relatou a ‘transgressão’ motivada por sua experiência individual e a do seu círculo de convivência: pode-se ficar doente porque se toma a vacina, contaram. Irina comentou que naquele ano não tinha se vacinado: “Não, minhas amigas tomam, uma passou mal duas vezes, foi parar no pronto-socorro, aí eu fiquei com medo. Todo ano eu tenho gripe, interessante né, que esse ano eu não tive gripe, graças ao nosso bom Deus, todo ano eu tenho”. Alda contou de modo confessional que não se vacina e tem outro método para evitar a gripe: “Como bastante alho, alho é um santo remédio, menina”.

O conceito de que alguma medida pudesse ser adotada para não ter problemas com o calor não surgiu na fala dos participantes, a não ser neste depoimento de Mônica, que sai sempre prevenida:

Estava numa fila do banco, eu senti que a pressão abaixou; então eu segurei assim (demonstra). Um senhor falou ‘Tá passando (mal)...? ’e

eu falei ‘Minha pressão deve ter caído’. Ele pegou no bolso um pacotinho de sal... agora, eu não saio mais sem o meu pacotinho... ele tá aqui, na minha bolsa tem um. Aí, ele falou: ‘Eu tenho isso que a senhora tem, essas quedas de pressão’, ele abriu o pacotinho e me deu. Eu pus na língua [...]

Estimulados a comentar práticas alimentares no cotidiano, os entrevistados diferenciaram ‘tomar água’ de tomar outros líquidos dos quais gostam mais; uma grande parcela comentou ser este um hábito irregular sobre o qual se cobram ou são cobrados, como relataram Lucinda e Sandra,

... de vez em quando eu faço isso forçada, eu vou bebericando água; não tenho aquele ímpeto, glu, glu, glu, de água não. Minha mãe já tinha bastante, muita água ela tomava e não era diabética, não, açúcar baixo, tudo, mas tinha o hábito, assim, urinava bastante, né? (Lucinda).

Eu sou um pouco chata pra tomar líquido, o médico já falou comigo ‘Dona Sandra, me conta uma coisa, a senhora gosta de tomar seu banho?’; ‘Claro, doutor’; ‘É? E por que a senhora não dá banho no seu rim? A senhora tem que tomar mais água, né?’. Então agora, quando eu lembro, eu esqueço porque não sinto sede absolutamente, mas quando eu lembro: ‘Epa, o filtro tá aí, deixa eu ir lá tomar um copo’, mas não é a quantidade que estão exigindo, eu devia tomar mais, mas não tomo. (Sandra).

Apenas Marília declarou tomar sol regularmente, em casa, como prática de saúde.

Bate sol a manhã inteira na minha janela, aí eu me sento por ali, pego um tricô, um crochê e pego aquele sol, se não tá muito legal o sol de manhã, aí de tarde bate aqui, aí eu venho, sento ali na porta, fico fazendo um tricô, um crochê, porque pra mim caminhar é ruim.

Por conta da irregularidade no hábito de tomar sol, Wilma mencionou o uso de vitamina D.

[...] só aquela meia horinha que eu ando na rua, aqui na casa não bate sol. Eu tenho esse probleminha de sol, até eu procuro tomar leite com vitamina D, algumas gotinhas de vitamina D de vez em quando, porque eu não tomo mesmo, realmente, eu não tomo muito sol.

De modo que práticas preventivas concebidas por saberes médicos compõem um conjunto maior que agrega práticas desenvolvidas a partir da experiência pessoal e dos entendimentos coletivos.

6 DISCUSSÃO

6.1 Sobre a prática de pesquisa

Retoma-se aqui a discussão de três aspectos relacionados ao método desta pesquisa, agora à luz dos dados apresentados e analisados nos capítulos anteriores: a complementaridade das técnicas de coletas de dados; a reflexividade; e a investigação da prática.

A proposta da pesquisa qualitativa é de ordem interpretativa e não busca a generalização dos resultados, e sim “dos conceitos construídos ou conhecimentos originais produzidos” (TURATO, 2005, p.510). O rigor científico é garantido por técnicas empregadas na pesquisa em todas as suas fases: a cuidadosa coleta de dados com registros sistemáticos e detalhados; a seleção criteriosa de amostras; e a análise transparente, que dialoga com referências teóricas, conceituais e históricas para melhor compreensão do fenômeno.

A obtenção de dados por meio de múltiplas fontes, e sua triangulação, foi proposta inicialmente como uma estratégia de validação dos dados na pesquisa qualitativa (DENZIN; LINCOLN, 2006); mas cada vez mais se tem entendido que triangular técnicas torna o estudo mais abrangente e estimula uma análise mais reflexiva dos dados (SOUZA; ZIONI, 2003, p.78; POPE; MAYS, 2009).

Nesta pesquisa, a complementariedade dos dados obtidos por diversas técnicas foi evidente. A fase de observação participante desta pesquisa, que incluiu a realização de cartografias, gerou uma compreensão da estrutura física e da dinâmica do bairro, que se revelou importante no momento das entrevistas, auxiliando no entendimento de trajetos e rotinas e na compreensão das narrativas locais. Por outro lado, a observação levantou questionamentos que posteriormente foram aprofundados na entrevista: por que não se veem mulheres mais velhas no parque? Por que os idosos realizam determinados percursos na rua? A importância das técnicas complementares para aprofundar a análise

pode ser exemplificada ao investigar a prática de caminhar na rua: entrevistados relataram os percursos, motivações e ritmos desta atividade, bem como a escolha do vestuário. Mas foi através da observação participante que se tornou possível entender os pontos de apoio presentes no trajeto, o desconforto causado especialmente pelo calor em determinados trechos e manifestado nos corpos em movimento. Adicionalmente, os parâmetros meteorológicos registrados em diário de campo auxiliaram a análise retrospectiva da experiência como, por exemplo, ao possibilitar a captura de mudanças na forma de vestir-se para sair à rua a partir de uma sequência de dias quentes.

6.1.1 Reflexividade

A pesquisa qualitativa “é uma atividade situada que localiza o pesquisador no mundo” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p.17). O antropólogo Gilberto Velho ressalta que “sendo o pesquisador membro da sociedade coloca-se, inevitavelmente, a questão de seu lugar e de suas possibilidades de relativizá-lo ou transcendê-lo e poder ‘pôr-se no lugar do outro’”; portanto o conhecimento pode ser comprometido pelas suas rotinas, hábitos, estereótipos (1978, p.40). Minayo e Guerriero (2014, p.1104) definem o termo reflexividade no contexto da modalidade qualitativa de pesquisa como “a atenção constante sobre como e o que ocorre no contexto empírico afeta o pesquisador e sua obra o que, por sua vez, afeta o campo e a vida social.” Como consequência, este reconhecimento de que o pesquisador não é neutro impõe a reflexividade como um tópico essencial da análise dos dados.

Nesta pesquisa, buscou-se reavaliar constantemente a posição da pesquisadora que é de uma geração mais jovem do que os participantes e de formação médica, e o impacto e desdobramentos desta identidade no processo de trabalho; tal análise tem alguns limites inerentes à cronologia do próprio processo pois, como argumentam Mauthner e Doucet (2003), o que afeta a pesquisa no momento em que está sendo conduzida pode se tornar aparente apenas bem depois de deixar a pesquisa para trás.

Ao apresentar-se aos participantes foi revelada a condição de pesquisadora, mas não de médica (embora algumas vezes, em geral pelo envolvimento de um intermediário, esta condição tenha sido explicitada). O intuito era não dar ênfase às questões médicas nas

entrevistas e assim situar o tema em um contexto mais amplo do que aquele dos cuidados à saúde. E também para que esta condição não se impusesse antes da de pesquisadora, como se observou, por exemplo, no caso de um senhor que ao saber dessa formação queria ser entrevistado para conseguir uma consulta em hospital.

Durante a interação com idosos que não sabiam de sua formação acadêmica, tanto durante a observação participante como na maior parte das entrevistas, vários comentários sobre a saúde vieram espontaneamente à tona. Os idosos, inclusive os informantes, acabaram falando de suas doenças e tratamentos; a maioria relatou algum problema de saúde crônico ou o uso de medicamento no decorrer da entrevista. Diante desta constatação, percebe-se que talvez o peso no campo desta condição tenha sido relativizado. Mas ter formação médica pode ter influído e transparecido de forma mais evidente na análise dos dados e na redação da pesquisa, da escolha dos artigos à dos temas; e também nas tensões que as concepções sobre saúde intrinsecamente ligadas à formação mais positivista da área tenham causado em relação à opção epistemológica adotada neste trabalho.

As questões relativas à diferença de idade entre a pesquisadora e os participantes foram as que emergiram primeiro e de forma mais premente durante as interações no trabalho de campo; estão abordadas no capítulo sobre percurso metodológico. Mas cabe ainda ressaltar que o diário de campo foi utilizado como instrumento de vigilância neste sentido. Por exemplo, ciente do estereótipo do idoso que sempre anda agasalhado e para não direcionar (ou minimizar o direcionamento) a observação, optou-se por registrar a roupa que os mais velhos vestiam sempre em relação aos mais jovens que estavam no entorno, encontrando as semelhanças e discrepâncias.

Durante as entrevistas, alguns participantes – uma parcela menor – demonstraram em suas falas considerar que estavam ensinando algo que a pesquisadora não saberia por ser muito nova, e contribuindo para preservar um conhecimento para outras gerações; isto foi particularmente evidente nas memórias biográficas dos participantes do Bom Retiro – onde, vale notar, a amostra foi composta com cinco imigrantes de países europeus.

Ser mulher teve papel claro na dinâmica de interações informais com homens em espaços públicos. Essa condição facilitou a aproximação, e muitas vezes foram eles que iniciaram a conversa. Com certa frequência, este movimento era feito através de uma

aproximação galanteadora. Já as dinâmicas das entrevistas com o pequeno número de homens que concordaram em participar se mostraram completamente diferentes umas das outras, sendo difícil analisar uma tendência. Se a literatura informa que homens tendem a exagerar racionalidade, autonomia e controle durante entrevistas como parte significativa da sua identidade (LEONTOWITSCH, 2011), nesta pesquisa eles se posicionaram explicitando problemas e preocupações. A maioria das mulheres entrevistadas buscou cumplicidade durante o ato da entrevista, demonstrou interesse e curiosidade sobre a pesquisadora e revelou mais da sua intimidade do que os homens, principalmente ao falar do próprio corpo.

A partir do momento em que a participação em campo tornou-se ativa, entraram em jogo todos os sentidos da pesquisadora; não apenas os sentidos clássicos como visão e audição, mas também a sensibilidade particular a diversas condições meteorológicas. Etnografia é, de fato, uma prática corporal e sensorial, como diz Sara Pink (2009).

Esta pesquisadora gosta do calor e sofre com o tempo frio e seco. Frequentemente questionava se não observava o comportamento e a forma de se vestir dos mais velhos em determinadas condições atmosféricas pelas lentes de suas próprias preferências, identificando-se em alguns momentos, estranhando em outros. Para tentar relativizar o fato observado, o diário de campo recebia anotações sobre seu traje diário, e sua sensação física e emocional em relação ao tempo para futura comparação. Outro ponto é a forma como se expôs ao tempo, diferente da experiência cotidiana da maioria dos participantes da pesquisa: permanecia por horas nas ruas para observar, exposta a todo tipo de condição climática. Em três dias a observação externa teve que ser interrompida pelo excessivo desconforto com o frio ou o calor. Portanto determinadas situações climáticas podem ter sido valorizadas por conta da experiência pessoal. Esta questão foi contemplada na interação com os participantes, colhendo suas impressões sobre o tempo em tempo real em todos os momentos possíveis.

Anderson et al. (2010) apontam a importância do local da pesquisa como elemento a ser considerado no processo de reflexividade, embora usualmente menos valorizado pelos pesquisadores do que as relações sociais, pessoas e práticas envolvidas. A experiência prévia de um dos bairros onde se deu a pesquisa – Bom Retiro – como local de lazer e cultura na vida da pesquisadora pode ter influenciado na concepção do lugar e da

qualidade de vida de seus moradores, quando comparado ao outro bairro, mais desconhecido no início do campo.

6.1.2 *Práticas de pesquisa*

Esta pesquisa investigou práticas, entre outros elementos, dentro da sua abordagem etnográfica. As práticas se impuseram como foco principal da análise posteriormente, ao avaliar o material etnográfico colhido na vida cotidiana: não sendo a experiência do tempo, na avaliação desta pesquisadora, nem mera representação, nem mera consequência da materialidade do corpo e do espaço, práticas situadas revelaram ou capturaram a multidimensionalidade da experiência do clima no cotidiano dentro do arco formado por estes extremos. Neste sentido, partilha-se das ideias de Hulme de que “a experiência sensorial do tempo condiciona respostas culturais ao se habitar *na* atmosfera, e estas respostas podem ser rituais de celebração, tecnologias materiais, memórias coletivas, práticas sociais³⁴” (2015, p.176, *em tradução livre por esta pesquisadora, grifo do autor*).

Os desenhos de pesquisa e referenciais teóricos para investigar práticas são objeto de intensa discussão na literatura das ciências sociais e humanas. Pink (2014) entende que a ênfase no processo das práticas, conforme formulada pelas correntes da Teoria das Práticas Sociais dos anos 2000, é uma rota para adentrar a complexidade da vida cotidiana, mas pode subordinar o indivíduo à prática, e privilegia a noção de estabilidade; e, como Gram-Hanssen (2008), considera que o estudo etnográfico da prática deve ser o estudo dos indivíduos e seu engajamento no processo da prática, ou seja, deve tratar a performance e a experiência individual como unidade de análise - principalmente para identificar como os indivíduos modificam e recriam práticas.

Deslocar o foco para as práticas e não para os indivíduos como unidade de análise não significou, neste trabalho, negar a agência deste ator social, nem perder de vista as variações individuais que podem surgir no grupo investigado. Ao analisar a experiência

³⁴ Do original [*It is this sensory experience of weather that conditions cultural responses to human dwelling in the atmosphere, whether these be celebratory rituals, material technologies, collective memories, social practices*]

do tempo por meio das práticas, a lógica interna do grupo pesquisado se fez ouvida, conforme era objetivo da pesquisa; e ao buscar os aspectos coletivos ou de similaridade das práticas entre os pesquisados, não se deixou de abordar as estratégias individuais ou criativas que emergiram na investigação etnográfica.

Por outro lado, o idoso aqui investigado, ao fazer parte de um grupo inserido em um contexto cultural, deve ser analisado contemplando-se as dimensões sociais e históricas que permeiam suas práticas sociais. Ao fazê-lo, emergem as questões de identidade, geração e gênero como normais sociais às práticas, dimensões frequentemente superpostas. A ênfase na flexibilidade de trajetórias individuais pode, como aponta Debert (2011), minimizar questões de desigualdade. Neste sentido, a Teoria das Práticas Sociais contribuiu, mas não esgotou o tema, sendo um dos referenciais teóricos possíveis.

O olhar por esta concepção ampliada das práticas sociais permite acrescentar aos movimentos do ator social a relação com o ambiente, seja doméstico ou público, e aponta uma questão metodológica nesta pesquisa: a utilização da entrevista como técnica única para investigação de percepções e práticas domésticas relacionadas ao tempo meteorológico.

Por meio da entrevista, pode-se acessar como as pessoas conhecem o mundo; Allain Blanchet (1985) reflete que a entrevista permite estudos de fatos e ações passadas, além de conhecimentos sociais, valores e normas. Mas a mediação entre narrativas das práticas e a ocorrência das práticas é complexa; como argumenta Tim Rapley, a entrevista como única fonte de dados pode ser inadequada para “compreender práticas vivenciadas e situadas” porque não coloca o entrevistador em contato direto com a experiência (2004, p.29), sendo mais pertinente ao estudo das representações. Esta questão pode ser recolocada também pela dificuldade em obter narrativas sobre a experiência do tempo meteorológico, de ordem física e prática, à medida que o tempo cronológico retrocede.

Para outros autores (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2003; HITCHINGS, 2012), o acesso a uma ordem da vida prática é possível por meio da entrevista; a análise dos sentidos que os entrevistados dão a suas práticas e acontecimentos são leituras da

própria experiência e, portanto, permitem a “reconstituição de um processo de ação, experiência ou acontecimento” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2003, p.193). Schraiber sintetiza esta dupla função potencial da narrativa no seu estudo sobre práticas profissionais (1995, p.72):

[...] as narrativas, além de ferramentas de aproximação das representações, foram também tomadas como instrumentos de observação da prática, sem desconhecer a ocorrência de falas mais descritivas ou mais opinativas, foi o todo do discurso conformado que se examinou. A leitura das narrativas se fez, portanto, não só quanto às representações, mas igualmente através das representações, para alcançar os procedimentos concretos pelos quais se organizaram e se transformaram os exercícios profissionais.

Idealmente, a permanência por longos períodos dentro das casas desenvolvendo um trabalho etnográfico de acompanhamento de experiências e práticas dos participantes, seria desejável e articulada com a proposta deste trabalho, mas sua implantação mostrou-se inviável no contexto – prático – da pesquisa. Esta é uma dificuldade presente não apenas aqui; dificuldades de acesso e negociação mantêm a entrevista como a técnica de coleta de dados mais utilizada em estudos urbanos voltados à investigação qualitativa da relação entre pessoas e clima na privacidade do ambiente doméstico.

Neste contexto, Vet (2013), Hitchings (2012) e Day e Hitchings (2012) propõem o uso de alternativas de registro da experiência pelos próprios participantes da pesquisa, na forma de diários escritos ou diários fotográficos elaborados em tempo real, além da filmagem de práticas. Os autores ressaltam que estas técnicas são úteis e trazem informações complementares, mas ainda devem ser utilizadas em combinação com a entrevista, pois enfrentam limitações relacionadas ao compromisso dos participantes. Portanto, na impossibilidade de conduzir observações em ambiente doméstico, devem ser consideradas outras formas de investigação oportuna do cotidiano associadas à entrevista.

A temporalidade do desenvolvimento da pesquisa é uma questão recorrente em estudos etnográficos e entrevistas, voltados ao tema do clima (SAMPSON et al., 2013; BROWN; WALKER, 2008). Pelo fato de algumas entrevistas terem sido conduzidas quando o calor não era mais uma preocupação imediata (de março a outubro de 2014), os participantes podem ter tido mais dificuldade em recuperar as experiências domésticas vivenciadas no verão. Da mesma forma, o tempo frio e seco à época pode

ter valorizado estas condições dentro das narrativas. Assim, embora o acesso a um repertório de conhecimentos e fatos relacionados ao tempo tenha sido possível, alguns elementos relativos às percepções e práticas específicas podem ter sido menos explorados.

6.2 Sobre os tempos desta pesquisa

O foco no mundo cotidiano, com seus padrões comuns e banais, pode revelar texturas e significados do envelhecer (TWIGG, 2003). Olhar para as práticas dos mais velhos em relação ao clima e tempo na cidade, no que têm de partilhado e de criativo, de regularidade e ‘disrupção’, de normas e regras, de materialidades, de competências e significados, colabora para a compreensão de como esse envelhecer se dá no lugar do social urbano.

Pois se “sempre se é velho em algum lugar e em determinado tempo histórico” (MERCADANTE, 2007, p.213), a experiência biológica do envelhecimento não deve ser a única conformadora dos comportamentos no envelhecimento, podendo ser articulada à perspectivas subjetivas e ecossistêmica. Para examinar este ponto, retomam-se então os dois conceitos norteadores apresentados no início deste trabalho, de ‘corporeidade’ e de ‘experiência situada’, agora ampliados e desenvolvidos em dois eixos temáticos para a experiência do tempo dos idosos: o tempo urbano e o tempo histórico-social.

6.2.1 *Tempo Social: autonomia e sociabilidade*

O tempo social situa-se como eixo de análise para as questões de identidade, gênero e geração que emergiram articuladas à experiência do tempo meteorológico e clima dos idosos investigados nesta pesquisa. Ainda que considere os novos modelos de velhice que vêm sendo construídos no Brasil por uma geração recém-chegada aos 60 anos (GOLDENBERG, 2011), chamada nos Estados Unidos de “geração sem idade” [*ageless*] (SMITH; CLURMAN, 2009), a pesquisa se deparou com um grupo de idosos

urbanos, majoritariamente nas décadas dos 70 e 80 anos, que reapresenta questões presentes na literatura sobre envelhecimento.

Como esclarece Jenkins (1996), identidade é a compreensão de quem somos e quem as outras pessoas são, e a compreensão delas sobre si mesmas e sobre nós; portanto, *identidades são relacionais*. Segundo o autor, as identidades são parcialmente individuais ou pessoais, parcialmente coletivas ou sociais e são sempre incorporadas, ou seja, constroem-se também nos corpos.

Diversos autores (TWIGG; MARTIN, 2014; LEVASSEUR et al., 2010; DEBERT, 1999) ressaltam a o papel da interação e da participação social como um dos vetores da estruturação da identidade na velhice, o ‘estar em sociedade’. Ferreira (1995, apud. MOTTA, 2002, p.429) propõe que “pensar-se a si próprio é, na velhice, um duplo exercício, pois à medida que o sujeito se define, o faz por contraste com o outro”.

Lopes (2009) elabora a questão destacando que é o olhar do ‘outro’ que preserva os próprios sujeitos individuais de imagens, sinônimos e adjetivos tidos como desfavoráveis, inclusive a ‘identidade de aposentado’ (MINAYO; COIMBRA JR, 2002); o ‘contraste descendente’, ou seja, a comparação com alguém considerado em pior situação é uma estratégia bastante utilizada pelas pessoas de idade neste sentido CARADEC (2011). Neste contexto, e como será visto adiante, buscar o relacional como cidadão ou nas redes de lazer, significa preservar ou modificar a identidade de forma a não assumir um papel comumente associado ao idoso de dependência, fragilidade, inatividade e vulnerabilidade.

Durante todo o processo de pesquisa, a importância da *autonomia* para manutenção da rotina dentro e fora de casa e da *socialização* como motor da vida mostrou-se relevante no cotidiano dos participantes. Para além da família, os vínculos de amizade, especialmente, surgem como ponte para obter auxílio e conforto emocional. Alves (2009) relata que a casa, as ruas do bairro e as igrejas ou templos costumam ser os locais mais citados pelos idosos brasileiros para encontro com amigos; este dado também foi encontrado nesta pesquisa, com contribuição também significativa dos grupos de convivência e do lazer em parques e praças como ambientes de exercício da amizade. Há uma construção da solidariedade identificada neste estudo em pequenos

gestos, como o compartilhamento de dicas para tratar a gripe, a ‘mãozinha’ entre vizinhos, as visitas em casa ou o auxílio que Maria Guiomar dá às amigas mais velhas.

A identidade na velhice pode ser discutida na perspectiva do leque das teorias psicossociais do envelhecimento (WADENSTEN, 2006). Em uma ponta do espectro está a teoria do desengajamento, que tem origem na década de 60, e propõe que os indivíduos se desconectariam da atividade social à medida que envelhecem, em um processo natural e adaptativo até a morte. Na outra ponta está teoria da atividade, que critica o posicionamento deste desengajamento ao elaborar uma definição de velhice em que o indivíduo deve permanecer ativo e envolvido na sociedade para manter autoestima e satisfação na vida; em uma leitura estrita esta teoria subsidia o conceito de envelhecimento ‘bem-sucedido’.

Ocupando uma posição intermediária neste arco e questionando esta dicotomia, pode-se situar a teoria da continuidade. Seus defensores propõem um balanço ao colocar o envelhecimento como parte integrante da vida, e como uma fase onde estratégias de adaptação conectadas às suas experiências permitem a manutenção da continuidade de um modo de vida – hábitos, preferências e compromissos; desta forma ressalta-se a importância de se preservar papéis e capacidades para a manutenção da identidade.

Embora todas as teorias mencionadas sofram críticas (ADAMS et al., 2011), e que estes vários ‘modelos’ teóricos de envelhecimento possam coexistir, os achados desta pesquisa dialogam com a perspectiva de continuidade, especialmente nas estratégias para manutenção de um modo de vida autônomo e social. Não há frio, calor ou chuva que impeça os participantes de sair de casa quando a atividade é valorizada. Pode-se ir ao parque em um horário de muito calor ou ao bingo em um dia especialmente frio em que todos estão gripados, sabendo que os outros estarão lá. A ida às compras no supermercado ou ao banco ocorre regularmente, conforme planejado. Há, se necessário, um processo de negociação com o tempo meteorológico, que é simultaneamente antecipatório e adaptativo: pode-se evitar algum horário, procurar refúgios na rua, levar guarda-chuva, adotar estratégias como levar um pacote de sal na bolsa. É possível reconhecer aqui o que destaca Doll (2009): frequentemente, é a percepção de reconhecimento e de integração social que proporciona satisfação, mais do que a atividade em si.

Esta abordagem, entretanto, deve considerar que os participantes deste estudo compõem um grupo que, por definição, já frequenta espaços públicos urbanos, portanto sem limitações graves que os mantenham restritos às casas ou leitos, e sem condições socioeconômicas de extrema vulnerabilidade que impeçam esta movimentação.

Barros (2011, p.46) traz o olhar antropológico para a temática do envelhecimento urbano ao acrescentar que a sociabilidade faz parte do processo de constituição de identidades sociais e também, de forma indissociável, de distinções sociais. Assim, a abordagem antropológica da identidade social na velhice contemporânea brasileira também privilegia a perspectiva relacional, onde o envelhecimento é definido “como um processo de dimensões objetivas e intersubjetivas, realizado em diferentes contextos socioculturais, e em situações interativas nas quais são relevantes as distinções de classe, gênero, geração e raça/etnia”. Sobre este tema, Motta (1999) destaca que estas dimensões não podem ser analisadas isoladamente e que, em cada uma destas categorias – classe, gênero, geração e raça/etnia –, o conceito de experiência é fundamental, pois permite apreender semelhanças e diferenças no interior de cada uma delas.

Da mesma forma, as dimensões de gênero e geração associadas à experiência do tempo/clima nem sempre podem ser dissociadas. Nesta pesquisa, as atividades diárias e sociais do grupo estudado e a ocupação de espaços podem ser analisadas pela identidade de gênero: fora de casa observa-se uma presença masculina mais constante em espaços públicos como o parque e a rua e mais feminina nas oficinas culturais, igrejas, bingo e aulas de ginástica. Se a circulação dos idosos em espaços associativos cria ambientes que podem funcionar como “guetos de idosos” (CORREA, 2009, p.52), estes guetos parecem ser essencialmente femininos no centro de São Paulo. Este modelo de organização do lazer na velhice foi registrado por Motta (2002, p.45) ao notar que as mulheres passam a buscar atividades de “clara liberação existencial, de lazer e cultura”, enquanto os homens preferem se reunir em outros lugares para outras atividades.

Motta (1999, p.201) ainda destaca que “a identidade de gênero parece ser realmente constitutiva da sua identidade (geracional) de idosas”. A autora desenvolve esta ideia de centralidade do gênero ao observar que

[...] trajetórias sociais de gênero são determinantes na situação real e nos sentimentos dessas pessoas como idosas – ultrapassando, não raro, a diversidade de situação de classe – quando homens e mulheres se

colocam diferencialmente quanto a possibilidades e sentimentos de bem-estar, liberdade e auto realização na velhice. (ibid.).

Esmeralda ilustra esta trajetória da vida passada dentro de casa e voltada à criação dos filhos, e da posterior ‘liberação’ observada na vida de muitas idosas. Perguntada sobre mudanças no bairro em que residiu por décadas, ela respondeu que não saberia falar: “Olha, eu não posso te dizer, porque naquela época eu era bem mais jovem; agora, eu comecei a vir pra UNIBES faz uns três, quatro anos, que antes eu não ia em lugar nenhum, eu não sabia de nada”.

A maior presença e permanência dos homens em espaços públicos mais abertos, por sua vez, revelou que este grupo tem uma interação mais direta com as diversas condições meteorológicas, e estratégias características para adaptação e ‘uso a favor’ do tempo na cidade, seja na conversa ao sol de inverno na rua, nas cadeiras colocadas na calçada para tomar um ar ou ao tomar sol para aquecer no parque.

O espaço doméstico se mostrou normativo quando o cuidar da casa foi, para os participantes, uma questão das mulheres, mesmo entre aquelas que habitam com companheiros ou parentes do gênero masculino. Não que seja esta uma face do contexto social local: Jean-Claude Kauffman (1998), por exemplo, discutiu as relações de gênero nos cuidados da casa, e o papel da mulher em cuidar da roupa em casais franceses; Bourdieu (1980) o tinha descrito previamente no contexto do *habitus* que rege as divisões de trabalho doméstico.

Pelo olhar das práticas em relação ao tempo, a rotina de cuidados com a roupa revelou-se uma prática corporificada feminina de atenção e rápida adaptação às mudanças das condições atmosféricas. Mas o espaço doméstico também se configurou um lugar de uma prática libertadora, pois foi na intimidade de suas casas que as mulheres desta pesquisa expressaram a possibilidade de estar à vontade com seus corpos, vestir roupas leves, ou despir-se dentro de casa no verão.

Os domicílios também são os locais que propiciam relações intergeracionais aos participantes desta pesquisa, especialmente às mulheres que convivem com filhos, sobrinhos e netos, o que permite, por exemplo, o acesso indireto à tecnologia da internet e seus usos na previsão do tempo. Os espaços de convivência extradomiciliares são

majoritariamente organizados em nichos de atividades voltados aos velhos – com exceção das praças e parques que, como havia notado Eckert (2002), podem ser frequentados gratuitamente e assiduamente, e onde os homens mais velhos estabelecem contato com gerações mais novas.

Para Beauvoir (1990, p.268), as regras sociais são uma característica da velhice: “impomos-lhes regras com relação ao vestuário, uma decência de maneiras e um respeito às aparências”. Twigg (2013) esclarece que identidade e status são conferidos a um grupo com base na sua ordenação etária, e também geracional, o que prescreve obrigações e comportamentos apropriados ao longo do curso de vida, inseridos em um sistema de desigualdade desfavorável para aqueles mais velhos. Esta dimensão idade/geração se sobressai no universo das relações de poder, por ser investida de um caráter temporal “ao mesmo tempo ‘natural’ e social” (MOTTA, 1999, p.202), que dá força ao estabelecimento e manutenção de um lugar social.

O vestir-se para sair revelou comportamentos adotados com o sentido de adequação à idade e formalidade, tanto para homens como mulheres participantes desta pesquisa; também significou, no caso das mulheres aqui investigadas, uma resistência à utilização de algumas peças específicas de roupa para circular em dias quentes: regatas, bermudas vestidos sem mangas. Este comportamento de cobrir o corpo ao envelhecer pode ser relacionado à “valorização da juventude e o horror às marcas do envelhecimento que caracterizam as sociedades contemporâneas”, apontado por Debert (2011, p.66). Neri (2009) ressalta a ligação entre as dimensões de geração e gênero nesta temática ao pontuar que a perda da beleza e do vigor físico onera mais às mulheres do que aos homens, causando o impacto de uma autoimagem mais negativa.

Particularmente a respeito dos códigos de vestimenta, Twigg argumenta que, ao entrevistar mulheres velhas, observou que elas

[...] falam de seus corpos assumindo que são fontes de aversão para a sociedade mais amplamente, de modo que esconder-se e cobrir-se com a roupa e sair de vista é considerada a melhor resposta da perspectiva de todos. (2013, p.34).

A autora apresenta o vestuário na velhice como uma questão complexa que pode implicar em uma identidade etária, em referências de um tempo histórico vivido, e

mesmo em mudanças de identidade que podem ocorrer individualmente; no entanto, identifica uma semente de mudança de comportamento em épocas mais recentes, ao apontar que algumas mulheres resistem a este discurso prevalente por meio do exercício da escolha no mundo contemporâneo.

Cabe sublinhar que a análise de Twigg refere-se a mulheres de outra nacionalidade e que vivem em outro clima e contexto cultural; e que durante o trabalho etnográfico em São Paulo, notou-se um número expressivo de mulheres mais velhas circulando em dias de *intenso* calor com roupas sem mangas e de bermudas, itens de vestuário considerados ‘problemáticos’ pelas entrevistadas.

As nuances do tema vestuário e envelhecimento, e principalmente o que os velhos têm a dizer a respeito, ainda estão por ser melhor compreendidos no contexto brasileiro. Entre poucos autores que se aventuraram por esta temática, valoriza-se especialmente o aspecto do conforto e a busca de uma identidade geracional própria na moda, com ênfase em uma tendência de globalização das informações (MENDONÇA; FERREIRA, 2014). Ruppenthal e Schemes (2016) destacam que as mulheres de classe média acima de 60 anos apontam, em entrevistas, que há falta de produtos de qualidade, bonitos e com modelagem adequada ao corpo maduro, e criticam as roupas disponíveis, muito decotadas e transparentes. Somam-se à questão da exposição do corpo, portanto, a necessidade de modelagens específicas e as dificuldades de compra em um mercado de moda essencialmente jovem e caro.

Ainda acerca da dimensão geracional, chama atenção que mesmo que percepções e experiências tenham sido construídas a partir de tempos passados, diferenciados socialmente, há uma capacidade de atualização e renovação das práticas no tempo presente em que vivem os idosos, com base nos aprendizados e nas informações disponíveis.

Por exemplo, se as práticas alimentares são *habitus* e inseridas em representações sociais, elas também podem ser flexibilizadas pelas circunstâncias (GARCIA, 1997). Entendidas como hábito de comer e beber, estas atividades congregam elementos práticos e simbólicos ritualizados no cotidiano, como observado na fala dos participantes desta pesquisa; mas que podem variar e ser adaptados às condições meteorológicas, ao preço, à disponibilidade.

O manejo do ventilador, a identificação de estratégias criativas para aquecer e refrescar, e a previsão do tempo simultânea pela observação de elementos da natureza, do próprio corpo e da mídia são exemplos de práticas corporificadas que embutem um aprendizado ao longo do tempo. A adoção da prática de economizar água frente às novas demandas é exemplar de um movimento de atualização que confronta o preconceito vigente na sociedade brasileira do ‘velho desatualizado’ (NERI, 2009) e cristalizado em práticas.

Por fim, em concordância com Uchoa (2003), que destaca que os estudos holísticos permitem apreender os significados culturais do envelhecimento e entender este processo como um fenômeno biológico ao qual os indivíduos reagem a partir de suas referências pessoais e culturais, esta pesquisa aponta para uma relativização da dimensão biológica nas práticas. Mas sendo gênero e geração, aqui discutidos como dimensões relevantes para a experiência do tempo/clima, categorias *biossociais*, há um peso do envelhecimento físico que não pode ser desprezado.

As práticas preventivas adotadas pelos participantes para evitar adoecer dizem quanto do processo biológico é apropriado e elaborado simbolicamente. Por outro lado, a contribuição da fisicalidade é evidente nas mudanças notadas na tolerância a determinadas condições do tempo, e de uma percepção expressa de que determinadas atividades, como andar na rua, tornam-se mais difíceis pelas condições físicas e são agravadas pelo tempo meteorológico.

As diferenças de classe social dos participantes emergiram através de alguns dados do perfil dos entrevistados e da observação da pesquisadora, como determinados aspectos das trajetórias biográficas, a necessidade do trabalho após a aposentadoria e da contribuição ao sustento familiar, as condições materiais, e a dependência de benefícios sociais. Embora esta dimensão social tenha permeado o desenrolar de uma pesquisa voltada às práticas no cotidiano, outros tons da relação com o tempo meteorológico e o clima, centrados no biossocial e discutidos neste capítulo, mostram-se mais relevantes.

6.2.2 *Tempos Urbanos: mobilidade*

A casa e a rua são complementares na vida dos idosos; e cada um destes espaços acolhe atividades, afetos e relações diferentes. Se o conjunto de casa e vizinhanças desenha o

principal contorno do social na velhice, o bairro passa a revelar sua importância no cotidiano. Se este bairro está localizado em São Paulo, diversas tensões na relação com a cidade se tornam mais agudas e específicas, incluindo as demandas de mobilidade e as dinâmicas dos fluxos configuradas em uma metrópole.

Minayo e Coimbra Jr. (2002, p.21) argumentam que a necessidade de reconhecer que o velho, este ator social em evidência no Brasil a partir das alterações demográficas experimentadas nas últimas décadas, solicita o delineamento de uma nova etapa da vida “portadora de uma ética e estética próprias”. Situando o debate deste tema híbrido entre sociedade e ambiente, Caradec (2011, p.38) chama atenção para a importância do meio material e humano em que as pessoas envelhecem, os “entornos sociais”, que podem constituir fatores de discriminação dos idosos ou esteios à sua conexão com o mundo. Se na idade muito avançada as pessoas são levadas a adaptar suas atividades, essas adaptações também dependem, no espaço público, da amenidade ou da dureza de espaços e relações.

A mobilidade urbana e o uso dos espaços públicos são características do grupo estudado nesta pesquisa e uma realidade para quem envelhece na cidade no mundo contemporâneo. Enquanto autores associam padrões de sociabilidade às gerações, com os ‘jovens velhos’ em espaços sociais de interação mais públicos e os ‘velhos velhos’ mais domésticos (MOTTA, 2004; DOLL, 2009; SIXSMITH et al., 2014), neste estudo observou-se também entre aqueles com mais de 80 anos a iniciativa de deslocar-se na cidade caminhando, utilizando o transporte público e eventualmente o carro. Como relatado no item 6.2.1 *Tempo Social*, poder manter uma qualidade de vida independente e autônoma no uso da cidade confere ao idoso o status de cidadão, além de mero usuário, com importante significado para a identidade.

Um vetor desta mobilidade contemporânea é a conquista de espaços de sociabilidade fora de casa, como a que ocorre nos grupos de convivência, oficinas e aulas que ampliam a circulação para além da ida ao banco, ao médico e as visitas aos filhos e netos. Outro vetor é a ampla valorização da velhice ativa, pautada principalmente por uma imagem positiva deste modelo de envelhecimento, implícito no conceito de terceira idade (DEBERT, 1999) e fortemente estimulado pelas áreas de cuidado à saúde. No que poderia ser chamado de “ideologia da terceira idade”, há uma ênfase no prazer pessoal,

mas também uma “internalização da obrigação de bem-estar” (ALVES, 2009, p.131), que inclui ser ativo por meio de atividade física e em atividades sociais em grupo, por exemplo. Alguns participantes desta pesquisa expressaram caminhar regularmente por obrigação de exercitar-se, enquanto outras atividades físicas, como dançar, eram encaradas de forma mais prazerosa; mas ao final, todas estas atividades os impulsionam para os espaços extradomiciliares.

Nestas condições, os idosos entram em contato com as materialidades e fluxos próprios dos espaços urbanos investigados no centro da cidade de São Paulo; à degradação da qualidade das calçadas soma-se, para o pedestre mais velho, o conflito do ritmo: “quanto maior e mais global a cidade, mais acelerado é o ritmo e hostil o ambiente”, pontua Fernandes (2006, p.36). A dificuldade na travessia das ruas e no embarque e desembarque das diversas modalidades de transporte completam o cenário de comprometimento da acessibilidade.

O clima urbano pode ser adicionado aos componentes deste cenário, contribuindo de forma favorável ou não à mobilidade. Quando se anda pelas ruas do centro da cidade, a exposição de conforto vai mudando conforme o local e suas características como a presença de prédios, árvores, sombra, vento. Alguns lugares do espaço aberto são desconfortáveis, outros nem tanto; o conjunto cidade-clima pode oferecer experiências diversas para diversas pessoas. Vento pode ser desejável (no verão) ou desconfortável (no inverno e na sombra), bem como o sol, que é bom para aquecer no inverno e causa estresse no verão.

Em seus estudos de antropologia urbana, Magnani cunha a expressão ‘de perto e de dentro’ para caracterizar a prática de investigação da vida urbana que aproxima pesquisador e cidade, e aponta que este procedimento

[...] vai captar arranjos, mecanismos e saídas surpreendentes dos atores sociais e que não são visíveis a um olhar meramente de fora. É dessa forma que a metrópole, na sua diversidade e na sua escala e também nos seus conflitos e problemas específicos, se torna inteligível, pois esse olhar parte das experiências daqueles que nela vivem, abrindo pistas para o entendimento de sua lógica e de sua inserção em contextos mais gerais. (2003, p.93).

De perto e de dentro é como deve ser compreendida a experiência do idoso no epicentro da ilha de calor urbana capturada nos satélites. O desenho urbano, a movimentação de veículos e pessoas, a vegetação mal distribuída, e as condições microclimáticas da região central de São Paulo implicaram de forma mais evidente, durante o trabalho de campo, em intensa exposição ao sol e ao calor, dificultando o caminhar na rua e exigindo do grupo investigado práticas de adaptação em paradas estratégicas e no uso de acessórios.

Schatzki (2001) chama de prefiguração uma condição que faz com que algumas ações sejam mais fáceis ou difíceis, longas ou curtas, aceitáveis ou não, se comparadas a outras; o autor não abordou este tema diretamente em relação às materialidades do espaço urbano, mas parece interessante utilizar o conceito aqui. No calor seco de 2014, o desconforto de circular era agravado pela pouca sombra em ruas de comércio, e se fez evidente a necessidade de abrigos ou ‘nichos’ (GEHL, 2013) sombreados e com bancos. Paradoxalmente, os pontos ‘de parada’, como bancos e cadeiras das lanchonetes ou cafés, são elementos que impulsionam e que dão suporte à mobilidade. São também, nas palavras de Gehl (ibid.), indicadores de qualidade do espaço urbano. Segundo o autor, um pedestre para por um curto período de tempo se há algum problema ou se o local é atrativo, de modo que uma boa cidade pode ser reconhecida pelas muitas pessoas que não estão caminhando.

Ainda relativo ao binômio passagem/permanência Rolnik (1998, p.50) analisa que a urbanização de São Paulo conferiu às ruas a propriedade de espaços de passagem para carros e circulação, “minimizando-se como espaço múltiplo de utilização produtiva e não produtiva, de troca”.

Algumas práticas relacionadas ao tempo observadas neste trabalho, como colocar cadeiras na calçada para aproveitar a brisa ou o sol, ou construir um banco embaixo de uma árvore como extensão da casa apresentam-se como estratégias que desafiam este espaço historicamente determinado, e apropriam-se dele. A partir de sua visão do campo teórico das práticas sociais, Certeau esclarece que “espaço é um lugar praticado. Assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres” (1994, p.202), conferindo ênfase ao agenciamento dos atores sociais. Em um entendimento diverso, dentro do mesmo domínio, MALLER (2012) sugere que

características especiais do ambiente construído podem ter um papel em co-criar as práticas, mais do que atuar como fatores externos ou contextos; nesta pesquisa, no entanto, o ambiente construído não foi determinante no sentido de impedir práticas, ou criar práticas, mas para adaptá-las.

Aqui descortina-se uma ruptura do cotidiano regular da rua como lugar de passagem para transformá-lo ativamente em espaço de permanência – o quintal da casa.

Milton e Iracema traduzem este estar à vontade na rua; todos os dias, pontualmente às 15h, estabelecem-se por uma hora protegidos sob um toldo da lanchonete, a uma quadra de casa, para observar o movimento e encontrar os conhecidos que passam a pé. No entanto, ao descrever a prática, ressaltam: “assim damos uma volta”.

Embora o estudo não tenha tido o objetivo de comparar bairros, a experiência cotidiana nos momentos de condições climáticas menos favoráveis pareceu modificar-se nos dois ‘pedaços’ explorados mais longamente, ainda que localizados na mesma área central da cidade e inseridos em um contexto semelhante de clima urbano. O Cambuci, no entorno da Avenida Lins de Vasconcelos, se apresentou mais árduo e menos amigável para circulação do que o trecho do Bom Retiro em torno da Rua Três Rios, provavelmente refletindo algum desequilíbrio nas suas condições climáticas ao nível do pedestre, associado à características específicas da geografia do bairro. O uso do espaço da rua para socialização dos participantes, com cadeiras na calçada para tomar um vento, rodas de conversa sob o sol ou a sombra, encontros nos bancos sombreados, foi observado apenas no Bom Retiro.

6.3 Aproximações para Políticas Públicas

Ao refletir sobre o grau de envolvimento dos idosos nas diversas agendas científicas existentes na atualidade voltadas à elaboração de políticas públicas, o sociólogo Allan Walker propõe que

O acesso ao significado de velhice, entretanto, não pode ser experimentado cientificamente sem o engajamento ativo de idosos como participantes de pesquisa sob outras formas além de ‘objetos’ [...] se pesquisadores desejam produzir achados que possam contribuir

para a qualidade de vida dos idosos ou a qualidade dos serviços ou produtos que usam, é essencial envolvê-los para que possam contribuir com seus próprios entendimentos sobre envelhecimento e uso de serviços, o qual pode estar bastante distante daquele de cientistas e prestadores de serviços. (2007, p.482).

Em seus eixos temáticos – social e urbano – descritos neste capítulo, esta pesquisa busca fornecer subsídios para reflexão sobre duas vertentes potenciais das políticas públicas relacionadas ao clima e ambiente, agora com foco no idoso, na cidade de São Paulo.

A primeira vertente, em relação à saúde, faz referência a duas iniciativas: as diretrizes do Plano de Ação da Cidade de São Paulo para mitigação e adaptação às mudanças climáticas elaboradas pelo Comitê Municipal³⁵ e divulgado no C40 *Cities Climate Leadership Group* realizado em São Paulo em 2011, onde se sugere como prioridade “a implementação de ações de contingência para situações de alta e baixa umidade relativa do ar e poluição, e extremos de frio e de calor” (2011, p.18); e ao Programa VIGIAR, da Secretaria de Saúde do Município de São Paulo que, entre suas diversas ações, produz informes à população sobre os efeitos do clima à saúde, especialmente o ar seco e o calor, com ênfase nos idosos e crianças (exemplos destas comunicações no ANEXO IV).

A adoção de políticas como a emissão de alertas voltados à população idosa em face de condições meteorológicas extremas, como frio, calor e baixa umidade do ar, ou de ações institucionais de vigilância da mesma ordem, à semelhança de práticas corrente em outros países (SHERIDAN, 2007; BASSIL; COLE, 2010; MICHELLOZZI et al., 2010), deveria levar em consideração os entendimentos e vivências dos idosos em tais situações e nos contextos em que vivem.

Neste âmbito específico de atuação, as práticas de intervenção em saúde pública são necessariamente mais voltadas à redução de risco, em especial pelo estímulo à adoção de comportamentos específicos, do que à redução de vulnerabilidade (AYRES et al., 2003, p.132). E tal como apontam Di Giulio e Vasconcellos sobre riscos e percepções pelo enfoque das ciências humanas,

³⁵ Disponível em:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/diretrizes_para_o_plano_de_acao_1302029294.pdf> Acesso em julho de 2015

[...] reconhecemos que os valores constituem uma orientação importante para julgamentos sobre problemas e riscos ambientais e para direcionamento de comportamentos. Os riscos são carregados de valores tradicionais e éticos, os quais têm papel direto e indireto nas percepções individuais, agem como filtros de seleção e atenção e adicionam viés emocional no processamento e ponderação sobre informações conflitantes que cotidianamente recebemos. (2014, p.52).

Como apresentado neste trabalho, as concepções sobre vulnerabilidade ao clima e a relação com as diversas condições atmosféricas no cotidiano solicitam rotas de comunicação e ação adaptadas ao contexto sociocultural da população estudada, atentas a um ‘olhar de dentro’ do grupo, evitando que pré-conceitos e “estereótipos compassivos” sobre a velhice (NERI, 2009) possam nortear tais abordagens.

Quanto à estratégia de comunicação sobre clima e saúde, é importante lembrar que o acesso à informação sobre o clima/tempo por este grupo se dá principalmente através da televisão e do rádio, meios que deveriam ser utilizados de forma preferencial na comunicação em massa de alertas.

Quanto ao conteúdo das comunicações, deve-se levar em conta que a percepção do idoso como vulnerável ao frio e calor, por exemplo, não é uniforme no grupo estudado. Para exemplificar, sabe-se que o calor pode causar febre, náusea, tontura, dor de cabeça, alterações do sono, prostração, desmaio, câimbras, desidratação e, em condições extremas, até a morte, com aumento do risco em idosos (CRITCHFIELD 1966, apud SARTORI, 2000; KOVATS; HAJAT, 2008). Vários sintomas relacionados ao aumento de temperatura ambiente foram relatados pelos participantes na pesquisa, mas não necessariamente relacionados a uma maior ocorrência na idade mais avançada – sendo que as comunicações demandam um reconhecimento de vulnerabilidade do seu público alvo. Adicionalmente, a ciência de um risco ao calor não significa adoção ou mudanças de práticas protetivas, como já demonstrado em estudos realizados em outros países (BASSIL; COLE, 2010; HANSEN et al., 2011). As campanhas educativas que orientam sobre como evitar o adoecimento pelo calor focam a adoção de comportamentos, como o aumento da ingestão de líquidos e mudanças do vestiário no calor, que podem encontrar barreiras em crenças e hábitos consolidados em relação a estas práticas cotidianas - de modo que podem não ser efetivas para uma parcela dos idosos. Já a orientação para que se frequente lugares mais arejados e frescos pode enfrentar

limitações de acesso e a própria disponibilidade de lugares públicos com tal qualidade ambiental.

Portanto, as comunicações em massa que estimulam práticas padronizadas devem ser acompanhadas de um diálogo mais personalizado entre instituições de saúde e idosos - que vise o esclarecimento e também o mapeamento de quais as práticas viáveis. Muitos idosos moram sozinhos e devem ser diretamente abordados em relação ao autocuidado e ao estabelecimento de uma rede de apoio para situações potencialmente adversas em relação ao clima – a comunicação direcionada às famílias é de pouca utilidade nestes casos. Uma abordagem realizada em países que enfrentam ondas de calor preconiza que o alerta a uma condição meteorológica desfavorável seja direcionado ao serviço de saúde, que por sua vez entra em contato com o idoso, com idade mais avançada e que mora sozinho, por telefone ou através de visita domiciliar (SHERIDAN, 2007; MICHELLOZZI et al., 2010).

Por outro lado, a relação de idosos com grupos de convivência e entidades sociais pode ser explorada como canal de comunicação, estabelecendo-se uma via de diálogo sobre o tema fora do âmbito exclusivo das instituições de saúde.

A segunda vertente de políticas públicas, em relação ao ambiente, estimula a reflexão sobre o parâmetro de urbanização vigente na cidade de São Paulo que resultou em um efeito de ilha de calor pelo adensamento não planejado das edificações, traduzido basicamente em um processo intenso de verticalização; pela predominância das superfícies de ruas e avenidas asfaltadas, e pela diminuição das áreas verdes.

Arquitetos e urbanistas veem com preocupação a ausência de planejamento no ambiente construído em grandes metrópoles. Ong (2012) atualiza o papel da arquitetura como área responsável por orquestrar energia, clima e habitação; valoriza, assim, a intervenção urbana que não prejudica o microclima local e que maneja energias de forma de limpa e sustentável. Assis (2005, p.98) enfatiza como “as soluções de projeto podem interferir nas condições de conforto térmico e no comportamento por elas guiado para promoverem, de fato, a melhoria da qualidade ambiental urbana”, adequando-se aspectos que modificam a sensação de bem estar no espaço urbano. Localmente, Ribeiro (2010) indica a urgência em estimular a adoção de novas técnicas construtivas que se adaptem às temperaturas mais elevadas que devem afetar o país, principalmente em

edifícios, e que evitem a formação de corredores de vento e de padrões de sombreamento que interfiram negativamente no microclima urbano.

O Plano Diretor da Cidade de São Paulo (Lei nº 16.050, 2014) em vigência prevê genericamente que o adensamento urbano seja compatibilizado com o respeito às características ambientais, com a priorização de medidas de adaptação às mudanças climáticas, e a mitigação de fatores antropogênicos que contribuem para a mudança climática. Não há referência a diretrizes que abordem diretamente o tema do conforto climático em ruas, espaços abertos e edificações, ou que considerem especificamente o conforto térmico para a população mais idosa. E, principalmente, não há restrições, ou seja, orientações sobre o que não se deve fazer em termos de ambiente construído para minimizar ou impedir a progressão do fenômeno ilha de calor urbana.

No ambiente construído do centro da cidade de São Paulo, onde se deu este estudo, a intervenção mais radical no desenho urbano para reversão do fenômeno de ilha de calor já não parece possível. Mas algumas medidas podem ser implementadas buscando um ambiente mais positivo e a melhora do conforto térmico durante a circulação em espaços abertos: o sombreamento de ruas por árvores e o uso adequado do mobiliário urbano.

Shams et al. (2009) apontam diferenças de até 3°C de temperatura a menos em áreas arborizadas, em horários de temperatura elevada e em tempo estável, demonstrando que esta é uma alternativa para aumentar o conforto térmico em regiões quentes. Portanto, o plantio de árvores, medida que pode ser adotada em larga escala, rapidamente e com custo relativamente baixo em ambos os lados de vias públicas e outros espaços públicos pode atenuar a temperatura das áreas urbanas, criando corredores ou pontes, observada a correta utilização de espécies originais de acordo com o tamanho das vias e calçadas (MINELLA et al., 2012; RIBEIRO, 2010).

É notório que os espaços verdes em geral promovem a intensificação de seus usos por serem mais agradáveis ao convívio, incrementando a qualidade ambiental seja em conforto térmico, acústico ou luminoso (BESTETTI et al., 2012). Para idosos, espaços públicos abertos são importantes áreas de socialização e de prática da caminhada, e deveriam ser mais bem distribuídos; a presença de pequenas áreas verdes na forma de praças mais próximas de casa constitui uma alternativa acessível, e muitas vezes

preferida, aos grandes e escassos parques para ambos os fins, solução que pode ser prevista nos projetos de adensamento.

Caminhar a pé, a modalidade de transporte mais utilizada pelos idosos deste grupo estudado requer primeiramente calçadas e passeios de boa qualidade, ou seja, largos e sem barreiras desnecessárias, iluminados, bem conservados, bem sinalizados, com condições que facilitem a travessia nos cruzamentos e o acesso a transporte motorizado (SANTINHA; MARQUES, 2013). Faz-se necessária, portanto, a adequada manutenção das vias públicas.

A adequação do mobiliário urbano nestes trajetos com a oferta de estruturas de descanso, como bancos e cadeiras, e abrigos em pontos de ônibus são medidas eficientes para prover o conforto durante a circulação em qualquer época do ano (BESTETTI et al., 2012; SANTINHA; MARQUES, 2013). Embora os bancos tradicionalmente façam parte dos parques e praças, em tempos de mobilidade no calor tornam-se relevantes também em locais de passagem, como as ruas. A concepção de um ‘banco móvel’ como o identificado nesta pesquisa e oferecido por uma lanchonete, que possa ser posicionado na calçada durante o dia e recolhido à noite, retoma a possibilidade de parcerias com os comerciantes do bairro para oferta mais frequente deste equipamento.

Por fim, as sugestões aqui destacadas estão articuladas com as especificidades da experiência do uso do espaço urbano público pela população idosa investigada nesta pesquisa, em locais onde o microclima urbano determina condições ambientais mais desconfortáveis; e significam melhoria do acesso, das condições de mobilidade e, portanto, inclusão. Porém, uma vez adotadas, beneficiam o conjunto da população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio central desta tese foi explorar como se constitui a relação com o clima no cotidiano urbano dos idosos em seu contexto cultural, gerando subsídios para compreender o tema da adaptação em tempos de mudanças climáticas. Para tanto, foi adotada uma abordagem etnográfica da experiência do tempo meteorológico e do clima em ambiente doméstico e nos espaços públicos frequentados por moradores do centro de São Paulo.

Esta pesquisa revelou que o tempo meteorológico é percebido e praticado, ou seja, experimentado, conectado a outras temporalidades que emergem do cotidiano dos mais velhos. De forma diversa da língua inglesa, onde *weather* e *time* distinguem o tempo meteorológico do tempo cronológico, a simultaneidade de significados da palavra *tempo* na língua portuguesa permite descrever uma experiência complexa onde estes elementos estão intimamente ligados. A eles são adicionadas as dimensões dos tempos sociais e urbanos, integrando um conjunto de temporalidades que traduz de forma mais compreensiva esta experiência simultaneamente biológica, subjetiva e ecossistêmica.

Toda esta pesquisa se moveu, portanto, entre os diversos registros de tempo identificados no espaço da cidade, entendido como um lugar praticado do cotidiano, por meio da investigação de práticas corporificadas e da narrativa de memórias sociais.

Do tempo bom, desfrutado, e aliado nos afazeres diários, à condição atmosférica desconfortável a ser enfrentada na manutenção de práticas sociais, ou nos momentos em que provoca uma ruptura da rotina: as experiências sensorial e prática dos idosos, aqui capturadas, condensam opostos e é exemplar de que, se na velhice se pode ‘perder tempo’, também ‘não há tempo a perder’.

Pode-se lembrar de um temporal ocorrido no passado, ou desejar chuva para os próximos dias. É o tempo presente, entretanto, que move os fazeres no cotidiano, gerando uma série ininterrupta e dinâmica de práticas antecipatórias e adaptativas às

condições atmosféricas que ora se interconectam e ora se diferenciam no espaço da casa e da rua, realizadas oportunamente: prever o tempo, vestir-se, cuidar da casa, comer ou beber, caminhar na rua, tomar sol.

Os tempos próprios de corpos com muitos anos de existência emergem aqui e ali, adaptados às limitações que chegam com a idade, mas que não são necessariamente limites a uma vida em rede, de sociabilidade. Se as condições meteorológicas extremas provocam desequilíbrios, também projetam práticas de saúde construídas sobre entendimentos coletivos e particulares do corpo envelhecido. Como sugerido neste trabalho, cabe à área de saúde reconhecer esta complexidade, para aperfeiçoar práticas de comunicação e assistência no tema clima e saúde.

Em outra camada temporal, há o clima, que envolve, para os cientistas, uma noção de média do tempo através das décadas para um período e lugar. Pode-se, entretanto, identificar um conhecimento experiencial do clima, aquele que para o idoso é reconstruído a partir da memória social; ou seja, que a narrativa biográfica resgata de uma época determinada, a partir de certas circunstâncias da vida, dos lugares pelos quais se passou. Esta temporalidade histórica coexiste, entretanto, com os tempos oportunos das condições mais agudas do cotidiano, incorporando da biografia prévia hábitos, regras, costumes e opiniões, fortemente delineados por dimensões geracionais e de gênero, que irão compor o tecido da rotina diária de relações com o binômio tempo/clima de forma mais sutil.

Um tempo presente, que se reporta ao passado, hospeda simultaneamente mudança e permanência. Os idosos aqui investigados enfrentam as mudanças aceleradas da modernidade e dos padrões de comportamento em velocidade própria. Vivem tempos inéditos: imersos na contemporaneidade e na globalização por meio da cultura da informação de massa e da aproximação com a tecnologia, dos aprendizados que modificam práticas sociais e da interação com os fluxos, vertiginosos, da cidade. Porém mantêm em coexistência o seu tempo particular e histórico, das lembranças do bairro, de modos de fazer à antiga, da linguagem própria. Esta dualidade é representada quando relembra nostalgicamente um clima e a garoa que compõem uma São Paulo do

passado; simultaneamente, se inscrevem na atualidade das novas práticas domésticas para a seca na cidade transformada, na qual não chove.

Para o idoso, um tempo urbano em uma grande metrópole como São Paulo impõe um ritmo, que implica em envelhecer conseguindo preservar a autonomia na mobilidade por meio de estratégias diárias, que permitem ganhar a pé o espaço público da vizinhança a cada quadra, a cada sombra, a cada gota até o destino pretendido. Uma leitura das particularidades da interação com este entorno ambiental desfavorável no centro da cidade, principalmente no calor, permite propor intervenções de conforto que ainda não se encontram eco nos planos urbanísticos da cidade; as ruas, espaços de passagem e eventualmente de permanência, pedem melhorias, sombreamento e mobiliário para se tornar mais confortáveis e favorecer mobilidade.

Em todas as situações identificadas, tempos existenciais misturam-se aos tempos cronológicos. Somos afinal, no tempo/clima, produtos de uma cultura de um lugar. E ao acrescentar esta inflexão, o tempo da identidade, aos processos biológicos do envelhecer, é que podemos estender a experiência do envelhecimento às dimensões social e ambiental.

Os achados desta pesquisa indicam que a pesquisa social, e em particular o estudo das práticas sociais, pode contribuir para investigar modos de vida ao envelhecer e sua intrincada relação com clima e tempo na cidade. As limitações do escopo do estudo deixam caminhos abertos para pesquisas futuras, que podem se beneficiar da utilização de novas técnicas de coleta de dados para investigação etnográfica do tempo/clima no cotidiano, especialmente em âmbito doméstico.

Um primeiro caminho sugere aprofundar o papel do status socioeconômico dos idosos na experiência do tempo/clima; por exemplo, a relevância da dimensão de classe social nas atividades de lazer fora de casa e na mobilidade, bem como a importância do acesso às novas tecnologias de aquecimento e resfriamento. Embora democráticos na sua origem, o tempo e o clima podem ter impactos amplificados em condições de vulnerabilidade socioeconômica, vertente por ser melhor explorada.

A dimensão geracional sinaliza uma segunda via. Várias dinâmicas da vida social e urbana no Brasil ainda se constituem em função da, e para a juventude; algumas são destacadas neste estudo, como a organização dos espaços de circulação e de lazer, e o vestuário. Seria interessante avançar na investigação de como as novas gerações de idosos se inserem dentro destas dinâmicas, especialmente da moda, e criam nelas a sua própria estética.

As dimensões da relação entre pessoas e ambiente configuram um terceiro ponto a ser destacado. Outras regiões de uma metrópole multifacetada como São Paulo incluem, por exemplo, áreas com microclimas particulares, sujeitas a alagamentos frequentes ou com arranjos habitacionais diversos do centro, e podem revelar formas distintas de navegação urbana. Compreender como os idosos são afetados por dinâmicas físicas e sociais nestes locais pode ter implicações para a aplicação de ações do poder público mais customizadas em relação a estes ambientes.

Como reflexão final a este estudo, falar de clima e ambiente urbano insere inevitavelmente o debate das práticas de sustentabilidade; tais práticas, tangentes a esta pesquisa tanto no âmbito doméstico como em relação à mobilidade urbana, merecem aprofundamento em um cenário incerto de mudanças do clima e aquecimento global.

Para tratar enfim do tempo, em todos os seus modos de usar.

REFERÊNCIAS

ABRAHAMSON, V. et al. Perceptions of heatwave risks to health: interview-based study of older people in London and Norwich, UK. **Journal of Public Health**, v.31, n.1, pp.119–126, 2009.

ACOSTA-ORJUELA, G.M. **Como e Porque idosos brasileiros usam a televisão: um estudo dos usos e gratificações associados ao meio**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2001.

ADAMS, K.B. et al. A critical review of the literature on social and leisure activity and wellbeing in later life. **Ageing and Society**, v.31, n.04, pp. 683-712, 2011.

ALVES, A.M. Velhice, mudança social e percepção do risco. In: VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (Org.). **Mediação, Cultura e Política**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

ALVES, A.M. Os idosos, as redes de relações sociais, e as relações familiares. In: **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. NERI, A.L. (Org.). 2.ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

ANDERSON, J. et al. Positioning place: polylogic approaches to research methodology. **Qualitative Research**, v.10, n.5, pp. 589-604, 2010.

ANDRADE, O. **O perfeito cozinheiro de almas deste mundo**. 3.ed. São Paulo: Globo, 2014.

ASSIS, E.S. **A abordagem do clima urbano e aplicações no planejamento da cidade: reflexões sobre uma trajetória**. In: Encontro Nacional e Latino-Americano de Conforto no Ambiente Construído, outubro, 2005. Disponível em <www.fau.usp.br/aut5823/Fundamentos_e_Textos_de_Revisao/Assis_2005_reflexoes_trajectoria.pdf> Acesso em julho de 2013

AYRES, J.R.C.M. et al. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C.M. **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

BACCINI, M. et al. Heat effects on mortality in 15 European cities. **Epidemiology**. Cambridge, v.19, n.5, pp.711–719, 2008.

BANWELL, C. et al. Socio-cultural reflections on heat in Australia with implications for health and climate change adaptation. **Global health action**, v.5, pp, 1-9, 2012.

BARATA, M. et al. Climate change and human health in cities. **Climate Change and Cities: First Assessment Report of the Urban Climate Change Research Network**.

ROSENZWEIG, C.; SOLECKI, W.D.; HAMMER, S.A.; MEHROTRA, S. (ed.). Cambridge University Press, Cambridge, UK, pp.179–213, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70, 1975.

BARROS, H.R. **A relação entre a ilha de calor urbana, o uso e cobertura do solo e o balanço de energia no município de São Paulo – SP**: avaliação do campo térmico nos parques públicos de lazer. 2016. 162p. Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2016.

BARROS, M.M.L. A velhice na pesquisa socioantropológica brasileira. In: **Corpo, envelhecimento e felicidade**. GOLDENBERG, M. (org). Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

_____. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. In: **Sociologia, problemas e práticas**, v.52, pp.109-132, 2006.

BASSIL, K.L.; COLE, D.C. Effectiveness of public health interventions in reducing morbidity and mortality during heat episodes: a structured review. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v.7, n.3, pp.991-1001, 2010.

BLATTEIS, C.M. Age-dependent changes in temperature regulation: a mini review. **Gerontology**, v.58, n.4, pp.289-295, 2012.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BECKER, H.S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

BECKER, J.A.; LYNSEY, K.S. Heat-Related Illness. **American Family Physician**, Washington, v.83, n.11, pp.1325-1330, 2011.

BELL, M.L. et al. Vulnerability to heat-related mortality in Latin America: a case-crossover study in São Paulo, Brazil, Santiago, Chile and Mexico City, Mexico. **International Journal of Epidemiology**, v.37, n.4, pp. 796–804, 2008.

BESTETTI, M.L.T.; GRAEFF, B.; DOMINGUES, M.A. O impacto da urbanidade no envelhecimento humano: o que podemos aprender com a estratégia Cidade Amiga do Idoso? *Kairós*. **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde**, v.15, pp.117-136, 2012.

BEZERRA, D. B.; LEBEDEFF, T. B.. Inscrições no tempo e identidade: O idoso na sociedade ocidental contemporânea, vínculo com o futuro ou estigma de finitude? **Cadernos do LEPAARQ**, v. 9, n.17/18, 2013.

BITTNER, M-I; STÖBEL, U. Perceptions of heatwave risks to health: results of an qualitative interview study with older people and their carers in Freiburg, Germany. **GMS Psycho-Social-Medicine**, p.9, 2012.

- BLAIKIE, P. et al. **At risk: natural hazards, people's vulnerability and disasters**. London: Routledge, 1994.
- BLANCHET, A. **L'entretien dans les sciences sociales**. Paris: Dunod, 1985.
- BONI, V.; QUARESMA, S.J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v.2, n.1, pp.68-80, 2005.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Edusp, 1987.
- BOURDIEU, P.. **The logic of practice**. Stanford: Stanford University Press, 1990.
- BOURDIEU, P.; WACQUANT, L.J.D. **An invitation to reflexive sociology**. Chicago: University of Chicago, 1992.
- BROWN, G.; WALKER, G. Understanding heat wave vulnerability in nursing and residential homes. **Building Research and Information**, v.36, n.4, pp.363-372, 2008.
- BROWNLIE, J. On Not Telling Our Sad Stories: Where have all the vulnerable people gone? In: **Ordinary Relationships**. Londres: Palgrave Macmillan UK, 2014.
- CARADEC, V. Sexagenários e octogenários diante do envelhecimento do corpo. In: **Corpo, envelhecimento e felicidade**. GOLDENBERG, M. (Org). Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- CASEY, E.S. Between geography and philosophy: what does it mean to be in the place-world? **Annals of the Association of American Geographers**, v.91, n.4, pp.683-693, 2010.
- CERQUEIRA, M.B. et al. Envelheço na cidade: sobre cotidianos do envelhecer na região central de São Paulo. In: **Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, prática e pesquisa**. TRENCH, B.; ROSA, T.E.C (Org.). São Paulo: Instituto da Saúde, 2011.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CLARK, L.H. Researching the Body and Embodiment in Later Life. In: **Researching Later Life and Ageing: Expanding Qualitative Research Horizons**. LEONTOWITSCH, M. (org). Nova Iorque: Palgrave, 2012.
- CONLON, N.B. et al. Preventing cold-related morbidity and mortality in a changing climate. **Maturitas**, v.69, n.3, pp.197-202, 2011.
- COOK, J. et al. Quantifying the consensus on anthropogenic global warming in the scientific literature. **Environmental Research Letters**, January 2013. doi:10.1088/1748-9326/8/2/024024.

CORREA, M.R.. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade**: velhice e terceira idade. São Paulo: Editora UNESP, 125 p. 2009.

CRUZ NETO, O. O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação. In **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. MINAYO, M.C.S. (org.).18.ed. Petrópolis: Vozes, 2001

CSORDAS, T. Embodiment as a paradigm for anthropology. **Ethos**, v.18, pp.5-47, 1990.

DAY, R.; HITCHINGS, R. Only old ladies would do that: age stigma and older people's strategies for dealing with winter cold. **Health & Place**, v.17, pp.885–894, 2011.

DEBERT, G.G. Pressupostos da Reflexão Antropológica sobre a Velhice. In **Antropologia e Velhice**: textos didáticos. São Paulo: IFCH/ UNICAMP, 1994

_____. A invenção da terceira idade e a articulação de formas de consumo de demandas políticas. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais** (junho); v.12, n.34, pp.39–55, 1997.

_____. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: **Velhice ou terceira idade?** BARROS, M. (Org.) Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

_____. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp, 1999.

_____. Velhice e tecnologias do envelhecimento. In: **Corpo, envelhecimento e felicidade**. GOLDENBERG, M. (Org.). Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks: Sage, 1994.

DI GIULIO, G.M.; VASCONCELLOS, M.P. Contribuições das Ciências Humanas para o debate sobre mudanças ambientais: um olhar sobre São Paulo. **Estudos Avançados**, v.28, n.82, pp.41-63, 2014.

DIPPOLITI, D. et al. The impact of heat waves on mortality in 9 European cities: results from the EuroHEAT project. **Environmental Health**, Londres, v.9, n.37, pp.1-9, 2010.

DOLL, J. Educação, cultura e lazer: perspectivas da velhice bem sucedida. In: **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. NERI, A.L. (Org.). 2.ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

DUNKLEY, M. Climate is what we expect, weather is what we get. **Water & Heritage**: material, conceptual and spiritual connections, n.217, 2015.

ECKERT, C. A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre. In: Antropologia, Saúde e Envelhecimento (**Antropologia e Saúde**). MINAYO, M.C.S.; COIMBRA JR., C.E.A. (orgs.). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

EVANS, J.; JONES, P. The walking interview: methodology, mobility and place. **Applied Geography**, v.31, n.2, pp.849-858, 2011.

FERNANDES, J.C. Urbanismo e envelhecimento: algumas reflexões a partir de Uberlândia (MG). **Caminhos de Geografia**, v.2, n.2, 2006.

FERREIRA, M.L.M. O retrato de si. In: **Corpo e Significado**. LEAL, O.F. (org). 2.ed. Porto Alegre: UFRGS, pp.409-22, 2001.

FERREIRA, V.S. Artes e Manhas da Entrevista Compreensiva. **Saúde Soc.** São Paulo, v.23, n.3, pp.979-992, 2014.

FOLHES, M.T.; DONALD, N. Previsões tradicionais de tempo e clima no Ceará: o conhecimento popular a serviço da ciência. **Sociedade e Natureza**, v.19, n.2, pp.19-31, 2007.

FRASER, M.T.D.; GONDIM, S.M.G. **Da fala do outro ao texto negociado**: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, v.14, n.28, pp.139-152, 2004.

GALANTI, G-A. How to do ethnographic research. **Western Journal of Medicine**, v.17, n.1, pp.1-19, 1999.

GARCIA, C.M., et al. Conducting go-along interviews to understand context and promote health. **Qualitative health research**, v.22, n.10, pp.1395-1403, 2012.

GARCIA, R.; DIEZ, W. Práticas e comportamento alimentar no meio urbano: um estudo no centro da cidade de São Paulo (Eating practices and behavior in the urban environment: a study in downtown São Paulo). **Cad. Saúde Públ**, v.13, n.3, pp.455-467, 1997.

GEERTZ, C. **The interpretation of cultures**: selected essays. Nova Iorque: Basic Books, 1973.

GEHL, J. **Cities for people**. Island Press, 2013. ISBN: 9781597269841 (e-book).

GIDDENS, A. **Sociologia**. 6.ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GIEHL, M.W.C. et al. Physical activity and environment perception among older adults: a population study in Florianópolis, Brazil. **Revista de Saúde Pública**, v.46, n.3, pp.516-525, 2012.

GOLDENBERG, M. **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

GOMES, R.A. Análise de Dados em Pesquisa Qualitativa. In **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. MINAYO, M.C.S. (org.). 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

GOUVEIA, N.; HAJAT, S.; ARMSTRONG, B. Socioeconomic differentials in the temperature–mortality relationship in São Paulo, Brazil. **International journal of epidemiology**, v.32, n.3, pp.390-397, 2003.

GRAM-HANSSEN, K. Heat comfort and practice theory. In: Proceedings: refereed sessions I–II. Sustainable consumption and production: Framework for action: CONFERENCE OF THE SUSTAINABLE CONSUMPTION RESEARCH EXCHANGE (SCORE!), 2, 2008, Bruxelas. **Anais...** Bruxelas, p.53, 2008.

GRAY, D.E. **Doing research in the real world**. Nova Iorque: Sage, 2014.

GREEN, J.L.; BLOOME, D. Ethnography and ethnographers of and in education: a situated perspective. In: FLOOD, J.; HEATH, S.B.; LAPP, D. (ed.). **Handbook for literacy educators: research in the community and visual arts**. Nova Iorque: MacMillan, pp. 181-202, 1997.

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P.: **Ethnography: principles in practice**. 3.ed. Londres: Routledge; 2007.

HANSEN, A. et al. Perceptions of heat-susceptibility in older persons: barriers to adaptation. **International Journal of Environmental Research and Public Health**. Basel, v.8, n.12, pp.4714-4728, 2011.

HARLEY, T.A. Nice weather for the Time of the Year: the British obsession with the weather. In: **Weather, Climate, Culture**. STRAUSS, S.; ORLOVE, B.; BERG, E. (Org.) Oxford, pp.103-118, 2003.

HEAD, L. Cultural Ecology: adaptation–retrofitting a concept? **Progress in Human Geography**, v.34, n.2, pp.234-242, 2009.

HITCHINGS, R. People can talk about their practices. **Area**, v.44, n.1, pp.61-67, 2012.

HOLLOWAY, I.; WHEELER, S. **Qualitative Research for Nurses**. 3.ed. Oxford: Blackwell Science, 2010.

HOOF, J.van; HENSEN, J.L.M. Thermal comfort and older adults. **Gerontechnology**, v.4, n.4, pp.223-228, 2006.

HSU, E.; LOW, C. Special Issue: Wind, Life, Health: anthropological & historical perspectives. **Journal of the Royal Anthropological Institute**, 2007.

HULME, M. Climate. **Living Lexicon for the Environmental Humanities**, v.6, pp.175-178, 2015. Disponível em <www.environmentalhumanities.org> Acesso em dezembro de 2015.

_____. Geographical work at the boundaries of climate change. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v.33, n.1, pp.5-11, 2008.

HULME M. et al. Unstable climates: exploring the statistical and social constructions of 'normal' climate. **Geoforum** 40, pp.197-206, 2009.

INGOLD, T.; KURTTILA, T. Perceiving the environment in Finnish Lapland. **Body and society** v.6, n.3-4, pp.183-196, 2000.

JACOBI, P.R. São Paulo metrópole insustentável: como superar esta realidade?. **Cadernos Metrôpole**, v.15, n.29, pp.219-239, 2013.

JESUS, B.L.P. **Análise da percepção da variação do campo térmico na cidade de São Paulo-SP**: o exemplo da subprefeitura Sé. 2011. TCC (Graduação). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Rio Claro, SP, 2011. Disponível em <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/119478>> Acesso em julho de 2015.

JOSEPH G.M.; SKINNER, M.W.; YANTZI, N.M. The weather-stains of care: interpreting the meaning of bad weather for front-line health care workers in rural long-term care. **Social Science & Medicine**, v.91, pp.194-201, 2013.

KAUFFMANN, J.C. **Dirty linen**: couples as seen through their laundry. Londres: Middlesex University Press, 1998.

KERTZMAN, O.F. **Velho é o outro!**: a experiência de envelhecimento de usuários do Núcleo de Atenção à Saúde do Idoso. 2004. Tese (PhD). São Paulo (Estado). Secretaria da Saúde. Coordenação dos Institutos de Pesquisa. Programa de Pós-Graduação em Ciências. São Paulo, 2004.

KLENK, J.; BECKER, C; RAPP, K. Heat-related mortality in residents of nursing homes. **Age and ageing**, v.39, n.2, pp.245-252, 2010.

KOPPE, K.; KOVATS, S.; JENDRITZKY, G.; MENNE, B. Heat-waves: risks and responses. Copenhagen: World Health Organization, 2004. Disponível em <http://www.euro.who.int/data/assets/pdf_file/0008/96965/E82629.pdf>. Acesso em janeiro de 2014.

KOVATS, S. et al. Methods of assessing human health vulnerability and public health adaptation to climate change. In: **Health and Global Environmental Change**. Series 1. 2003. Disponível em <<http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/107538/1/E81923.pdf>> Acesso em janeiro de 2014.

KOVATS, S.; HAJAT, S. Heat Stress and Public Health: A Critical Review. **Annu. Rev. Public. Health.**, v.29, pp.41-55, 2008.

KRÜGER E.L. et al. Estudo de conforto em espaços abertos em região de clima temperado: o caso de Glasgow, Reino Unido. **CEP 80230**, p.901, 2012.

LA RUBBIA, W.M.; AQUINO, A.R. Programa de Reabilitação da Área Central de São Paulo (Procentro) e sua Influência na Formação da Ilha de Calor. In: International Workshop Advances in Cleaner Production, 2011, São Paulo. **Anais...** São Paulo: 2011. Disponível em:

<http://www.advancesincleanerproduction.net/third/files/sesoes/5A/5/La_Rubbia_WM%20-%20Paper%20-%205A5.pdf>. Acesso em janeiro de 2011

LAAIDI, K. et al. the impact of heat islands on mortality in Paris during the August 2003 heat wave. **Environmental Health Perspectives**, v.120, n.2. pp. 254-9, 2012.

LAGE, G.C. Revisitando o método etnográfico: contribuições para a narrativa antropológica. **Revista Espaço Acadêmico**, v.9, n.97, pp.03-07, 2009.

LALANDE P. Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. **Análise Social**, Lisboa, v.33, n.148, pp.871-883, 1998.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**. Porto Alegre: ARTMED; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEITE, R.P. A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v.53, n.3, pp.737-756, 2010.

LEONTOWITSCH, M. Interviewing older men. In: **Researching Later Life and Ageing**: expanding qualitative research horizons. LEONTOWITSCH, M. (org). Nova Iorque: Palgrave, 2012.

LEVASSEUR, M. et al. Inventory and analysis of definitions of social participation found in the aging literature: Proposed taxonomy of social activities **Soc Sci Med**. Dec; v.71, n.12, pp. 2141–2149, 2010.

LIMA, G.N. **O desafio da manutenção do abastecimento hídrico na região metropolitana de São Paulo**: busca por uma gestão sustentável. 2015. Tese (PhD). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

LOMBARDO, M.A. **Ilha de calor nas metrópoles**: o exemplo de São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1985.

LOPES, R.G.C. Imagem e auto-imagem: da homogeneidade da velhice para heterogeneidade das vivências. In: **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. NERI, A.L. (Org.), 2.ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

MACHADO, T.H. et al. Amnésia e outros transtornos da memória . In: **Envelhecimento: um processo multidimensional**. CAMPOS, A.C.V.; CORREA, A.H.M.; BERLEZI, E.M. (Org.). São Paulo: Unijui, v.1, pp.263-264, 2014.

MAGALDI, R.M. Cognição. In: **Avaliação Global do Idoso**. DIOGO M.J. (Org.), 2.ed, São Paulo: Atheneu, 2005.

MAGNANI, J.G.C. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Tempo social**, v.15, n.1, pp.81-95, 2003.

MAIA, D. C., e MAIA, A.C.N. A utilização dos ditos populares e da observação do tempo para a Climatologia Escolar no Ensino Fundamental II. **GeoTextos**, v.6, n.1, 2010.

MALLER, C. Using social practice theory to understand everyday life in a master-planned estate: outcomes for health and wellbeing. In: **The Annual Conference of the Australian Sociological Association**: emerging and enduring inequalities. Queensland: University of Queensland, pp. 1-16, 2012.

MALLER, C.J.; STRENGERS, Y. Housing, heat stress and health in a changing climate: promoting the adaptive capacity of vulnerable households, a suggested way forward. **Health Promotion International**, v.26, n.4, pp.492-498, 2011.

MARTIN, W. **Embodying'active'ageing**: bodies, emotions and risk in later life. 2007. Tese (PhD) University of Warwick, Coventry, 2007.

MARTINS, R.D.; FERREIRA, L.C. Uma revisão crítica sobre cidades e mudança climática: vinho velho em garrafa nova ou um novo paradigma de ação para a governança local? **RAP—Rio de Janeiro**, v.45, n.3, pp.611-41, 2011.

MASON, J. **Qualitative researching**. Thousand Oaks: Sage, 2002.

MAUTHNER, N.S.; DOUCET, A. Reflexive accounts and accounts of reflexivity in qualitative data analysis. **Sociology**, v.37, n.3, pp.413-431, 2003.

MAXWELL, J.A. Designing a qualitative study. **The Sage handbook of applied social research methods**. Thousand Oaks: Sage, pp.214-253, 2008.

MAYAN, M. J. **An introduction to qualitative methods**: a training module for students and professionals. Edmonton: Universidade de Alberta, 2001.

MCMICHAEL A.J. et al. International study of temperature, heat and urban mortality: the 'ISOThURM' Project. **International Journal of Epidemiology**, Oxford, v.37, n.5, pp.1121-1131, 2008.

MENDES A.C.G.; SÁ, D.A.; MIRANDA, G.M.D.; LYRA, T.M.; TAVARES, R.A.W. Assistência pública de saúde no contexto da transição demográfica brasileira. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.28, n.5, pp.955-964, 2012.

MENDONÇA, M.L. M.; FERREIRA, C. Envelhecimento feminino, consumo e protagonismo. É a (voz da) Vovozinha! **Comunicação Mídia e Consumo**, v.11, n.32, pp.119-136, 2014.

MERCADANTE, E. Aspectos antropológicos do Envelhecimento. In: **Tratado de Gerontologia**. NETTO, M.P. (Org). 2.ed. Atheneu, v.07, pp.211-215, 2007.

MICHELLOZZI, P. et al. Surveillance of summer mortality and preparedness to reduce the health impact of heat waves in Italy. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Basel, v.7, pp.2256-2273, 2010.

MILES, M.B.; HUBERMAN, A.M.; SALDANA, J. **Qualitative data analysis: A methods sourcebook**, 3.ed., Thousand Oaks, CA: Sage, 2013.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10.ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

_____. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. MINAYO, M.C.S. (Org.). 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, M.C.S.; COIMBRA JR, C.E.A. Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. In: **Antropologia, saúde e envelhecimento**. MINAYO, M.C.S. (Org.). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

MINAYO, M.C.S.; GUERRIERO, I.C.Z. Reflexividade como ethos da pesquisa qualitativa. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.19, n.4, pp.1103-1112, 2014.

MINELLA, F.C.O.; HONJO, S.; KRÜGER, E.L. Estratégias de melhoria do ambiente térmico diurno em situação de verão de uma fração urbana da cidade de São Paulo. **Ambiente Construído**, v.12, n.4, pp.139-158, 2012.

MOTTA, A.B. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: **Família e Envelhecimento**. EHLERS C. P. (Org.). Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: **Antropologia, saúde e envelhecimento**. MINAYO, M.C.S; COIMBRA JR, C.E.A (Org.).Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

_____. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, v.13, pp.191-221, 1999.

NAKAMURA, E. O método etnográfico em pesquisas na área da saúde: uma reflexão antropológica. **Saúde e Sociedade**, v.20, n.1, pp.95-103, 2011.

NAUGHTON, M.P. et al. Heat-related mortality during a 1999 heat wave in Chicago. **American Journal of Preventive Medicine**, Filadélfia, v.2, n.4, pp.328-329, 2002.

NERI, A.L. Atitudes e precocnetis em relação à velhice. In: **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. NERI, A.L. (org.). 2.ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

NIKOLOPOULOU, M.; LYKOUDIS, S. Thermal comfort in outdoor urban spaces: analysis across different European countries. **Building and Environment**, v.41, n.11, pp.1455-1470, 2006.

NIKOLOPOULOU, M.; STEEMERS, K. Thermal comfort and psychological adaptation as a guide for designing urban spaces. **Energy and Buildings**, v.35, n.1, pp.95-101, 2003.

NOBRE, C.A. et al. **Vulnerabilidade das megacidades brasileiras às mudanças climáticas**: região metropolitana de São Paulo: Sumário Executivo. Cachoeira Paulista: INPE, 2010.

NOBRE, C.A.; YOUNG, A.F. (ed.). **Vulnerabilidade das megacidades brasileiras às mudanças climáticas**: região metropolitana de São Paulo – Relatório Final. Campinas: Nepo/Unicamp, dezembro, 2011. Disponível em: <http://www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/livros/megacidades/megacidades_RMSP.pdf>. Acesso em outubro de 2014.

ONG, B.L. Warming up to the heat. **The Senses and Society** v.7, n.1, pp.5–21, 2012.

PAIS, J.M. **Sociologia da Vida Quotidiana**. 5.ed. Lisboa: ICS, 2009.

PALFRAMAN, A. "In common nature": an ethnography of climate adaptation in the Lesotho Highlands. **Local Environment**, v.20, n.12, pp.1531-1546, 2015.

PEIXOTO, C.E. **Envelhecimento e Imagem**: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro. São Paulo: Annablume, 2000.

PINK, S. **Situating Everyday Life**. 2.ed. Thousand Oaks: Sage, 2014.

_____. From embodiment to emplacement: re-thinking competing bodies, senses and spatialities. **Sport, Education and Society**, v.16, n.3, pp.343-355, 2011.

_____. **Doing Sensory Ethnography**. Thousand Oaks: Sage, 2009.

POPE, C.; MAYS, N.. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. 1.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009

QUEIROZ, D.T., VALL, J.; SOUZA, A.M.A.; VIEIRA, N.F.C. Observação Participante na Pesquisa Qualitativa: conceitos e aplicações na área de saúde. **R Enferm**, UERJ, v.15, n.2, pp.276-83, 2007.

QUEIROZ, M.I. Relatos orais: do indizível ao dizível. **Ciência e Cultura**. Campinas, v.39, n.3, pp.272-286, 1987.

QUINN, T.; ADGER, W.N. Climate change when you are getting on in life: Commentary. **Environment and Planning**, Londres, v.43, pp.2257-2260, 2013.

Disponível em: <<http://www.envplan.com/epa/editorials/a44372.pdf>>. Acesso em janeiro de 2013.

QUIVY, R.; VAN CAMPENHOUDT, L. **Manual de investigação em ciências sociais**. 3.ed. Lisboa: Gradiva, 2003.

RANTALA, O.; VALTONEN, A.; MARKUKSELA, V. Materializing tourist weather: ethnography on weather-wise wilderness guiding practices. **Journal of material culture**, v.16, n.3, pp.285-300, 2011.

RAPLEY, T. Interviews. In: SEALE, C. et al. (ed.). **Qualitative research practice**. Thousand Oaks: Sage, 2004.

RECKWITZ, A. Toward a Theory of Social Practices. **European Journal of Social Theory**, v.5, n.2, pp.243-263, 2002.

RIBEIRO, W.C. Impactos das mudanças climáticas em cidades no Brasil. **Parcerias estratégicas**, v.13, n.27, pp.297-322, 2010.

RIBOLDI, B.P. Interferência do clima no consumo de opções alimentares em uma Unidade de Alimentação e Nutrição. **Clinical e Biomedical Research**, v.33, pp.3-4, 2013.

ROLNIK, R. **A cidade e o idoso**. SESC, v.10, n.14, pp.45-50, 1998.

RONCOLI, C.; CRANE, T.; ORLOVE, B. Fielding climate change in cultural anthropology. **Anthropology and climate change: from encounters to actions**, pp.87-115, 2009.

ROSA, T.E.C.; BARROSO, A.E.S.; LOUVISON, M.C.P. Velhices: experiências e desafios nas políticas do envelhecimento ativo. In: **Temas em Saúde Coletiva**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2013.

ROZENDO, A.S.; JUSTO, J.S. Sentidos e espaços da velhice na legislação brasileira. In: **Nós e o outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa** TRENCH, B.; ROSA, T.E.C. (Org.). São Paulo: Instituto de Saúde, 2011.

RUBBIA, W.M. **Programa de reabilitação da área central de São Paulo (Procentro) e sua influência na formação da ilha de calor**. 2011. Dissertação (Mestrado). IPEN - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

RUPPENTHAL, M.; SCHEMES, C. Envelhecimento ativo: mulheres maduras e suas percepções sobre a moda. **Moda Palavra e-Periódico**, v.9, n.17, pp.313-333, 2015.

SALDIVA, P.H.N.; COELHO, M.S.Z.S. Aquecimento Global e seus efeitos para a saúde na Cidade de São Paulo. In: **Mudanças climáticas - do global ao local**. CORTESE, T.T.P.; NATALINE, G. (Org.). 1.ed. Barueri: Manole, 2014.

SALVADOR, E.P.; REIS, R.S.; FLORINDO, A.A. A prática de caminhada como forma de deslocamento e sua associação com a percepção do ambiente em idosos. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, v.14, n.3, pp.197-205, 2012.

SAMPSON, N.R. et al. Staying cool in a changing climate: reaching vulnerable populations during heat events. **Global environmental change**, v.23, n.2, pp.475-484, 2013.

SANTINHA, G.; MARQUES, S. Repensando o fenômeno do envelhecimento na agenda política das cidades: a importância da promoção da mobilidade de pedestres. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v.16, n.2, pp.393-400, 2013.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Saúde. Coordenação de Epidemiologia e Informação. (CEINFO). A onda de calor de fevereiro de 2014 e o excesso de mortes no município de São Paulo. Programa VIGIAR no município de São Paulo: ondas de calor e a poluição atmosférica. **Boletim CEINFO Análise**. Ano IX, n.9, Novembro de 2014. São Paulo: Secretaria Municipal de Saúde. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/vigilancia_em_saude/saude_ambiental/ar/index.php?p=6968> Acesso em janeiro de 2016.

SARTORI, M.G.B. **Clima e percepção**. 2000. Tese (Doutoramento) FFLCH/USP, São Paulo, 2000.

SCHATZKI, T. Introduction: practice theory. In: SCHATZKI, T.R.; KNORR, K.; CETINA, E.; VON SAVIGNY, E. (eds.) **The practice turn in contemporary theory**. Londres: Routledge, pp.14-28, 2001.

SCHMID, A.L. **A Ideia de Conforto**: reflexões sobre o ambiente construído. Curitiba: Pacto Ambiental, 2005.

SCHMIDT, L. **Ambiente no Ecrã**: emissões e demissões do discurso público televisivo. 1.ed. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2003.

SCHRAIBER, L.B. Pesquisa qualitativa em saúde: reflexões metodológicas do relato oral e produção de narrativas em estudo sobre a profissão médica. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.29, n.1, pp.63-74, 1995.

SEAMON, D. Humanistic and phenomenological advances in environmental design. **The Humanistic Psychologist**, v.28, n.1-3, pp.353-368, 2000.

SEMENZA, J.C. et al. Heat-related deaths during the July 1995 heat wave in Chicago. **The New England Journal of Medicine Waltham**, v.335, n.2, pp.84-90, 1996.

SEO, E.S.M. et al. Reflexões sobre as mudanças climáticas na cidade de São Paulo. **InterfacEHS**, São Paulo, v.6, n.2, pp.81-84, 2011.

SETTE, D.M.; RIBEIRO, H. Interações entre o Clima, o Tempo e a Saúde Humana. **InterfaceHS**, v.6, p.2, 2011.

SHAMS, J.C.A.; GIACOMELI, D.C.; SUCOMINE, N.M. Emprego da arborização na melhoria do conforto térmico nos espaços livres públicos. **REVSBAU**, Piracicaba–SP, v.4, n.4, pp.1-16, 2009.

SHEFFIELD, P.E.; LANDRIGAN, P.J. Global climate change and children's health: threats and strategies for prevention. **Environmental health perspectives**, v.119, n.3, p.291, 2011.

SHERIDAN, S.C. A survey of public perception and response to heat warnings across four North American cities: an evaluation of municipal effectiveness. **International Journal of Biometeorology**, v.52, n.1, pp.3-15, 2007.

SHILLING, C. **The body and social theory**. 4.ed. Thousand Oaks: Sage, 2002.

SHOVE, E.; PANTZAR, M. Consumers, Producers and practices: understanding the invention and reinvention of Nordic walking. **Journal of Consumer Culture**, v.5, n.1, pp.43-64, 2005.

SILVA, E.F.O.; GATTI, A.L.; GOULART, R.M.M. Lembranças gustativas e alimentação em idosas entre 60 e 80 anos. **Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde**. ISSN 2176-901X, Kairós, v.18, n.2, pp.59-80, 2015.

SILVA, E.N.; RIBEIRO, H. Impact of urban atmospheric environment on hospital admissions in the elderly. **Revista de Saúde Pública**, v.46, n.4, pp.694-701, 2012.

SILVA, E.N.; RIBEIRO, H.; SANTANA, P. Clima e saúde em contextos urbanos: uma revisão da literatura. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona: Universidad de Barcelona, v.19, p.1092, 2014.

SIXSMITH, J. et al. Healthy ageing and home: The perspectives of very old people in five European countries. **Social Science & Medicine**, v.106, pp.1-9, 2014.

SMITH, J.W.; CLURMAN, A.S. **Generation ageless**. Nova Iorque: Harper Collins, 2009.

SOARES, F.V. et al. Relação entre alterações climáticas e fatores determinantes da mortalidade de idosos no município de São Carlos (SP) em um período de dez anos. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, pp.135-146, 2012.

SOBRAL, H.R. Heat island in São Paulo, Brazil: effects on health. **Critical Public Health**, Oxford, v.15, n.2, pp.147-156, 2005.

SOBRAL, H.R.W.; SILVA, C.C.A. Balanço sobre a situação do meio ambiente na metrópole de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo: Fundação Seade, 1989.

SOUZA, D.V.; ZIONI, F. Novas perspectivas de análise em investigações sobre meio ambiente: a teoria das representações sociais e a técnica qualitativa da triangulação de dados. **Saúde e Sociedade**, v.12, n.2, pp.76-85, 2003.

STEVENSON, A. We Came Here to Remember: using participatory sensory ethnography to explore memory as emplaced, embodied practice. **Qualitative Research in Psychology**, v.11, n.4, pp.335-349, 2014.

STRAUSS, S.; ORLOVE, B.S. Up in the Air: the anthropology of weather and climate. In: **Weather, Climate, Culture**. STRAUSS, S.; ORLOVE, B. (Org.) Oxford: Berg, 2003.

STRENGERS, Y. Air-conditioning Australian households: The impact of dynamic peak pricing. **Energy policy**, v.38, n.11, pp.7312-7322, 2010.

TAN, J. et al. The urban heat island and its impact on heat waves and human health in Shanghai. **International Journal of Biometeorology**, Nova Iorque, v.54, n.1, pp.75-84, 2010.

TOD, A.M. et al. Understanding factors influencing vulnerable older people keeping warm and well in winter: a qualitative study using social marketing techniques. **BMJ Open** 2012. doi:10.1136/bmjopen-2012-000922. Disponível em <<http://bmjopen.bmj.com/content/2/4/e000922.abstract>>. Acesso em janeiro de 2015.

TOLEDO, R.P. **A Capital Da Vertigem**: uma história de São Paulo de 1900 a 1954. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

TOMLINSON, C.J. et al. Including the urban heat island in spatial heat health risk assessment strategies: a case study for Birmingham, UK. **International Journal of Health Geographics**, Londres, v.10, n.42, pp.1-14, 2011.

TURATO, E.R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.39, n.3, pp.507-514, 2005.

TWIGG, J. **Fashion and age**: Dress, the body and later life. Londres: A&C Black, 2013.

TWIGG, J.; MARTIN, W. The challenge of cultural gerontology. **The Gerontologist**, 2014. Disponível em: <<https://gerontologist.oxfordjournals.org/content/early/2014/06/27/geront.gnu061.full>> Acesso em janeiro de 2014.

UCHÔA, E.; FIRMO, J.O.A.; LIMA-COSTA, M.F.F. Envelhecimento e saúde: experiência e construção cultural. In: **Antropologia, saúde e envelhecimento**. MINAYO, M.C.S. (Org.), Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.

UCHÔA, E. Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. **Cad. Saúde Pública**, v.19, n.3, pp.849-853, 2003.

VAN CAUWENBERG, J. et al. Environmental factors influencing older adults' walking for transportation: a study using walk-along interviews. **Int J Behav Nutr Phys Act**, v.9, n.1, p.85, 2012.

VANDENTORREN, S. et al. August 2003 heat wave in France: risk factors for death of elderly people living at home. **European Journal of Public Health**, Oxford, v.16, n.6, pp.583-591, 2006.

VANNINI, P. et al. Making Sense of the Weather Dwelling and Weathering on Canada's Rain Coast. **Space and Culture**, v.15, n.4, pp.361-380, 2012.

VELHO, G. Observando o familiar. In: **A aventura sociológica**. NUNES, E.O. (org). Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VENTURI, G.; BOKANY, V. A velhice no Brasil: contrastes entre o vivido e o imaginado. In: **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. NERI, A.L. (org.). 2.ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

VET, E. Exploring weather-related experiences and practices: examining methodological approaches. **Area**, v.45, n.2, pp.198-206, 2013.

WACQUANT, L. Esclarecer o Habitus. **Educação e Linguagem**, v.10, n.16, pp.63-71, 2009.

WADENSTEN, B. An analysis of psychosocial theories of ageing and their relevance to practical gerontological nursing in Sweden. **Scandinavian Journal of Caring Sciences**, v.20, n.3, pp.347-354, 2006.

WALKER, A. Why involve older people in research? **Age and Ageing**, v.36, n.5, pp.481-483, 2007.

WARDE, A. Consumption and Theories of Practice. **Journal of Consumer Culture**, v.5, n.2, pp.131-153, 2005.

WINARTO, M.A.; TRIWARDANI, Y. **Agrometeorological Learning: coping better with climate change**. Saarbrücken: Lambert Academic Publishing, 2011.

WOLF, J. et al. Social capital, individual responses to heat waves and climate change adaptation: An empirical study of two UK cities. **Global Environmental Change**, v.20, n.1, pp.44-52, 2010.

ZALUAR A. Teoria e Prática do Trabalho de Campo: alguns problemas. In: OLIVEIRA, R.C. (org). **A aventura antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FONTES

BRASIL. **Estatuto do Idoso** (2009). Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2009. 162 p. – (Série Legislação; n. 31). (Nota: Lei nº 0.741 de 2.003).

CPTEC-INPE. Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos. Disponível em <<http://www.cptec.inpe.br/>> Acesso em outubro de 2014.

FERRARI C. **Dicionário de Urbanismo**. São Paulo: Disal, 2004.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo Demográfico 2010**.

Disponível em:

<<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em janeiro de 2015.

_____. **Mudança Demográfica no Brasil no Início do Século 21**. ERVATTI et al.

(org.), 2015. Disponível em

<<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv93322.pdf>> Acesso em janeiro de 2016.

IAG. **Boletim Climatológico Anual da Estação Meteorológica do IAG/USP/ Seção Técnica de Serviços Meteorológicos – Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo – v.17, 2014**. São Paulo: IAG/USP, 2014. Disponível em <<http://www.estacao.iag.usp.br/Boletins/2014.pdf>> Acesso em janeiro de 2016.

INMET (Instituto Nacional de Meteorologia). Disponível em

<<http://www.inmet.gov.br/portal>>. Acesso em janeiro de 2015.

_____. Banco de dados Meteorológicos para Ensino e Pesquisa (BDMET). Disponível em <<http://www.inmet.gov.br/projetos/rede/pesquisa/>> Acesso em janeiro de 2016.

IPCC. Intergovernmental Panel on Climate Change. PACHAURI, R.K. et al. **Climate Change 2014: Synthesis Report**, 2014, p.151. Disponível em

<<http://www.ipcc.ch/report/ar5/index.shtml>> Acesso em julho de 2015.

IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada). Tendências Demográficas demonstradas pelo PNAD 2011. **Comunicados do IPEA**, Brasília, n.157, 2012.

Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/comunicado/121011_comunicad_oipea157.pdf>. Acesso em julho de 2015.

OMS (Organização Mundial da Saúde). **Guia Global: Cidade amiga do idoso**. 2009.

Disponível em <<http://www.who.int/ageing/GuiaAFCPortuguese.pdf>> Acesso em janeiro de 2014.

ONU-HABITAT (Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Urbanos). Disponível em <<http://www.nacoesunidas.org/agencia/onu-habitat/>> Acesso em dezembro de 2015.

RADIO CBN. Disponível em <<http://cbn.globoradio.globo.com/home/MAIS-RECENTES.htm>> Acesso em janeiro de 2014.

SÃO PAULO (Prefeitura). Comitê Municipal de Mudança do Clima e Ecoeconomia e os Grupos de Trabalho de Transporte, Energia, Construções, Uso do Solo, Resíduos e Saúde. **Diretrizes para o Plano de Ação da Cidade de São Paulo para Mitigação e Adaptação às Mudanças Climáticas**. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/diretrizes_clima_bilingue_julho_2011_low_1310480805.pdf>. Acesso em: janeiro de 2013.

_____. Centro de Gerenciamento de Emergências da Prefeitura de São Paulo (CGE). Disponível em <<http://www.cgsp.org/v3/index.jsp>> Acesso em janeiro de 2015.

_____. Lei nº 16.050, DE 31 DE JULHO DE 2014. Aprova a Política de Desenvolvimento Urbano e o Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo. **Diário Oficial da Cidade de São Paulo**, São Paulo, 1º. de agosto de 2014.

_____. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU). **INFOCIDADE**. Disponível em: <<http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/>> Acesso em janeiro de 2016.

_____. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (SMDU). **Informe Urbano no. 3**, 2011. Disponível em <http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/informes_urbanos/pdf/5.pdf> Acesso em janeiro de 2016.

_____. Secretaria Municipal de Saúde. **VIGIAR São Paulo**. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/vigilancia_em_saude/saude_ambiental/ar/index.php?p=6968> Acesso em janeiro de 2016.

_____. Secretaria do Verde e Meio Ambiente. **Atlas Ambiental da Cidade de São Paulo**. São Paulo, 1999. Disponível em: <<http://atlasambiental.prefeitura.sp.gov.br/pagina.php?id=20>>. Acesso em janeiro de 2013.

UNFCCC. **United Nations Framework Convention on Climate Change**. Disponível em <<http://unfccc.int/2860.php>> Acesso em dezembro de 2015.

ANEXO I: Mapa da temperatura de superfície da cidade de São Paulo

Fonte: BARROS, 2016

ANEXO II: Roteiro para entrevista

BLOCO I: CARACTERIZANDO O PARTICIPANTE

1. Nome:
2. Idade:
3. Trabalha: se sim, qual a atividade
4. Profissão:
5. Escolaridade:
6. Naturalidade:
7. Endereço:
8. Vive com:
9. Tempo de residência no bairro:
10. Residências anteriores:

- Questão “quebra-gelo”: qual a estação do ano de que você mais gosta? Por quê?

BLOCO II: O CORPO

- Como se sente nos dias quentes, frios, secos, úmidos.
- Como se veste em casa. O que leva em conta ao escolher a roupa para sair.
- Hábitos de alimentação ao longo do ano.
- Mudanças na relação do corpo com o clima ao longo da vida.
- Problemas de saúde relacionados a algum tipo de tempo específico. O que faz a respeito.

BLOCO III: A CASA

- Impressões sobre a moradia. Lugar da casa em que gosta de ficar. Conforto nos diferentes períodos do dia e do ano.
- Rotinas. Atividades nas quais leva em consideração o tempo, e como.
- Medidas de adaptação ao frio, calor ou a outras condições.

BLOCO IV: O ESPAÇO PÚBLICO

- Rotina de saídas (períodos, frequência, locais). Percursos a pé. Percursos com transporte público/particular.

- O que faz ou deixa de fazer por causa do clima.
- Aonde gosta de ir, no calor e no frio.
- Uso de parques ou praças.
- Exercícios físicos.
- Concepções sobre a qualidade do espaço urbano.
- Medidas de adaptação fora de casa (vestimenta, acessórios, hidratação, mudanças no trajeto). Variabilidade do clima durante o dia.

BLOCO V: MEMÓRIA

- Lembranças de situações de vida relacionadas a fenômenos do tempo meteorológico (calor, frio, chuvas etc.).
- Memórias do bairro relacionadas ao tempo meteorológico.

BLOCO VI: CLIMA

- Fontes de informação sobre o tempo.
- Concepções sobre o clima na atualidade.
- Concepções sobre o microclima do bairro.

ANEXO III: Mapa dos pontos de risco de alagamento nos bairros do Bom Retiro e Cambuci, São Paulo

Fonte: Portal Geosampa. Prefeitura do Município de São Paulo. Disponível em http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx Acesso em março de 2016

ANEXO IV: Gráficos dos dados de temperatura e precipitação durante o período de campo

Fonte: BDMEP – Banco de Dados Meteorológicos para Ensino e Pesquisa.

Fonte: BDMEP – Banco de Dados Meteorológicos para Ensino e Pesquisa.

ANEXO V: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O projeto de pesquisa “A percepção e experiência do idoso em situação de calor: estudo de caso em um ambiente de ilha de calor” (TÍTULO PROVISÓRIO) tem por objetivo estudar idosos que moram em bairros da região central da cidade de São Paulo considerados “ilhas de calor” (ou seja, que apresentam temperaturas mais altas em relação ao restante da cidade). A pesquisa procura compreender como estes idosos percebem e experimentam esta condição.

Trata-se de um projeto de pesquisa para a obtenção do título de Doutor em Ciências, no programa de Pós-Graduação da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

O estudo será desenvolvido através de observações, anotações e aplicação de entrevistas junto a idosos moradores dos bairros do Bom Retiro e Cambuci. As pessoas-sujeitos da pesquisa serão convidadas a fornecer informações a respeito do tema e do objetivo acima proposto. Ressalta-se que as entrevistas serão gravadas. O material coletado será uso exclusivo da pesquisadora, sendo utilizado com a única finalidade de fornecer elementos para a realização da dissertação e dos artigos e comunicações que dela resultem.

Durante o processo em curso, e mesmo na escrita da dissertação, será assegurada a confidencialidade dos dados e das informações que possibilitem a identificação dos participantes da pesquisa.

É possível que o(a) entrevistado(a) sinta-se constrangido ao comentar as suas experiências em situação de calor ou frio, ou ao ser solicitado a rememorar fatos. Refletir sobre estas experiências poderá evocar memórias tristes ou fatos dolorosos para o(a) entrevistado(a). Se, no decorrer do procedimento, o/a participante vier a manifestar sua vontade de que a entrevista seja interrompida e/ou seu conteúdo não seja divulgado, a pesquisadora atenderá a sua vontade, garantindo ao sujeito da pesquisa o direito de abandono da mesma sem prejuízo para si. Será assegurado o direito de resposta a qualquer pergunta a respeito da pesquisa e seus objetivos.

A análise das entrevistas poderá contribuir futuramente para a construção de um sistema público de alerta ao calor direcionado a populações vulneráveis; e para a formulação de uma proposta de adaptações nos espaços públicos que permitam melhor utilização em dias quentes, propiciando aos idosos o aumento nas oportunidades de atividade física mínima, e a manutenção de suas atividades cotidianas.

A reflexão do(a) entrevistado(a) durante a entrevista sobre como experimenta o calor nos espaços públicos e no espaço privado, e sobre os seus mecanismos de adaptação e enfrentamento desta situação pode colaborar para melhor entendimento da sua própria vulnerabilidade.

O material coletado não será objeto de comercialização e/ou divulgação que possa prejudicar os(as) entrevistados(as) ou seu setor de trabalho. Os dados coletados serão guardados pela pesquisadora durante cinco anos, sendo destruídos após este prazo. É um compromisso desta

pesquisadora manter os(as) participantes informados(as) sobre o andamento da pesquisa e, ao final de sua realização, comunicar-lhe(s) os resultados e/ou devolver-lhe(s), de alguma forma, o produto alcançado.

Caso ocorram novas perguntas sobre esse estudo, a pesquisadora Maria Antonietta Mascolli poderá ser encontrada na Faculdade de Saúde Pública da USP, à Av. Dr. Arnaldo, 715, São Paulo, no telefone (11) 3061-7897 ou no e-mail mamamascolli@usp.br.

Para qualquer pergunta sobre os direitos como participante deste estudo, caso considere-se prejudicado pela participação, chamar a Sra. Wanda Maria Risso Günther, orientadora desta pesquisa, na Faculdade de Saúde Pública, telefone (11) 3061-7897.

Maria Antonietta Mascolli - Pesquisadora responsável

Eu,, fui informado dos objetivos da pesquisa acima – “A percepção e experiência do idoso em situação de calor: estudo de caso em um ambiente de ilha de calor (TÍTULO PROVISÓRIO)” – de maneira clara e detalhada. Recebi informação a respeito dos objetivos e procedimentos desta pesquisa e esclareci minhas dúvidas. Sei que, em qualquer momento, poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão. Se houver qualquer dúvida ética, poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública pelo telefone (11) 3061-7742.

Eu, RG nº

residente e domiciliado(a) à rua nº,
Bairro, São Paulo, SP, concordo em participar voluntariamente desta pesquisa e declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

Assinatura do entrevistado (a):

Local, data.....

ANEXO VI: Breve perfil dos participantes

Alda, 82 anos, natural do Estado de Minas Gerais, primário completo, aposentada, era cozinheira, não trabalhava em 2014. Teve uma filha. Mora sozinha no Cambuci há 11 anos, em um apartamento no Condomínio República da Melhor Idade. Gosta da primavera. Foi recrutada via SASF e entrevistada em setembro/14 em sua residência.

Álvaro, 65 anos, natural do Estado de Pernambuco, primário incompleto, aposentado, trabalha vendendo doces na rua. Mora no Cambuci há 5 anos, em uma casa, com esposa e filha. Gosta da primavera. Foi recrutado via SASF e entrevistado em setembro/14 em sua residência.

Alzira, 82 anos, natural do Estado de São Paulo, primário completo, aposentada, era cozinheira, não trabalhava em 2014. Não teve filhos. Mora sozinha no Bom Retiro há 10 anos, em um apartamento no Condomínio do Gato. Gosta do frio. Foi recrutada via SASF e entrevistada em setembro/14 em sua residência.

Antonia, 66 anos, natural do Estado da Bahia, primário incompleto, aposentada, era faxineira, não trabalhava em 2014. Mora com as filhas e a neta no Cambuci há “mais que 5 anos”, em uma casa. Gosta da primavera. Foi recrutada via SASF e entrevistada em setembro/14 em sua residência.

Diana, 68 anos, natural do Município de São Paulo, ginásio incompleto, aposentada, trabalha com reciclagem e artesanato. Não teve filhos. Mora sozinha no Bom Retiro há 10 anos, em um apartamento no Condomínio do Gato. Gosta do inverno. Foi recrutada via SASF e entrevistada em setembro/14 em sua residência.

Esmeralda, 83 anos, natural do Município de São Paulo, colegial incompleto, recebe pensão do marido, costureira, nunca trabalhou. Mora no Bom Retiro há 27 anos, atualmente com o filho e a nora, em um apartamento. Gosta da primavera. Foi recrutada e entrevistada em março/14 no centro de convivência.

Fabiana, 85 anos, natural do Município de São Paulo, ginásio completo, aposentada, era secretária, não trabalhava em 2014. Dois filhos. Mora no Bom Retiro há 82 anos, atualmente em um apartamento com a sobrinha. Gosta do verão. Foi recrutada no centro de convivência, onde fez a entrevista em abril/14 no centro de convivência.

Fatima, 72 anos, natural do Estado do Rio de Janeiro, ginásio completo, recebe benefício (BPC-LOAS), era cozinheira, não trabalhava em 2014. Viúva. Mora – sozinha - no Bom Retiro há 44 anos, em um apartamento. Gosta do verão. Foi recrutada via SASF e entrevistada em setembro/14 em sua residência.

Helga, 76 anos, natural do Município de São Paulo, primário completo, recebe benefício (BPC-LOAS), era lavadeira, não trabalhava em 2014. Gosta do frio. Mora no Bom Retiro desde o nascimento, atualmente com a filha e o neto em uma casa. Foi recrutada via SASF e entrevistada em setembro/14 em sua residência.

Inês, 69 anos, natural do Estado da Bahia, não estudou, sempre foi dona de casa. Mora no Cambuci há 42 anos, com o marido, em um apartamento. Gosta do calor e do frio. Foi recrutada via SASF e entrevistada em setembro/14 na residência da filha.

Iolanda, 66 anos, natural do Município de São Paulo, primário incompleto, é costureira, atualmente “faz bicos”. Gosta do calor. Mora no Cambuci há 60 anos, atualmente em uma casa com a filha. Foi recrutada via SASF e entrevistada em outubro/14 no portão de sua residência.

Irina, 75 anos, natural do Estado de Santa Catarina, primário completo, aposentada, era cuidadora, não trabalhava em 2014. Mora no Cambuci há 59 anos, com um filho, em um apartamento. Gosta do frio. Foi recrutada via SASF e entrevistada em setembro/14 em sua residência.

Joana, 77 anos, natural do Município de São Paulo, nunca estudou, aposentada, era doméstica e não trabalhava em 2014. Mora há 10 anos no Cambuci, em um apartamento

no Condomínio República da Melhor Idade, com marido, filho e neto. Gosta do verão. Foi recrutada via SASF e entrevistada em setembro/14 em sua residência.

Júlio, 99 anos, natural da Polônia, primário completo, aposentado, era comerciante, não trabalhava em 2014. Morou no Cambuci por 86 anos, recentemente mudou-se para a casa da filha. Gosta do inverno. Foi recrutado e entrevistado no centro de convivência em abril/14.

Lauro, 87 anos, natural do Município de São Paulo, superior completo, aposentado, trabalhou como relações públicas, é músico atualmente. Tem dois filhos. Mora há 74 anos no Cambuci, sozinho, em um apartamento. Gosta do verão. Foi recrutado e entrevistado na padaria em agosto/14.

Lucinda, 84 anos, natural do Município de São Paulo, aposentada, cursou o normal e foi professora de ensino médio, não trabalhava em 2014. Gosta do inverno. Mora há 68 anos no Cambuci, atualmente com o neto em um apartamento. Foi recrutada em frente a sua casa e entrevistada em agosto/14 em sua residência.

Lurdes, 81 anos, natural da Grécia, chegou ao Brasil com 16 anos, colégio completo, recebe a pensão do marido, era costureira, não trabalhava em 2014. Mora há 65 anos no Bom Retiro, em uma casa, com o filho. Gosta da meia-estação. Foi recrutada e entrevistada no centro de convivência.

Madalena, 81 anos, natural do Município de São Paulo, recebe pensão do marido, fez curso técnico de secretariado, trabalhou de caixa a proprietária de confecção de roupas infantis, não trabalhava em 2014. Gosta do inverno. Teve dois filhos. Mora há 60 anos em um apartamento no Cambuci, atualmente sozinha. Foi recrutada e entrevistada no centro de convivência em agosto/14.

Maria Berenice, 75 anos, natural do Estado de Minas Gerais, primário completo, aposentada, é diarista. Gosta do frio. Mora no Cambuci há “mais de 10 anos” com um

filho e duas netas, em um apartamento do Condomínio República da Melhor Idade. Foi recrutada via SASF e entrevistada em sua residência em setembro/14.

Maria Glória, 85 anos, natural da Grécia, chegou ao Brasil com 28 anos, tem primário completo, era costureira, não trabalhava em 2014. Gosta da primavera. Mora há 60 anos no Bom Retiro em um apartamento com a filha. Foi recrutada no centro de convivência e entrevistada lá em março/14.

Maria Guiomar, 75 anos, natural do Município de São Paulo, primário completo, aposentada, era empregada doméstica, não trabalhava em 2014. Mora há 60 anos no Bom Retiro, em um apartamento, com a filha e o genro. Gosta do inverno. Foi recrutada via SASF e entrevistada em sua residência em setembro/14.

Maria Isolda, 65 anos, natural do Município de São Paulo, ginásio completo, era esteticista, não trabalhava em 2014. Gosta da primavera. Mora há “mais de 23 anos” no Cambuci, em um apartamento, com a filha e o neto. Foi recrutada em frente a sua casa e entrevistada em sua residência em agosto/14.

Maria Lucia, 73 anos, natural do Município de São Paulo, colégio completo, ajuda o filho na loja. Mora em uma casa do Cambuci há 40 anos com o marido e uma filha. Gosta do verão. Foi recrutada na calçada em frente a sua loja e entrevistada em sua residência em agosto/14.

Mariana, 74 anos, natural do Estado do Rio Grande do Sul, primário completo, aposentada, era montadora de bijuterias, agora pinta panos de prato para vender. Gosta do verão. Mora há 20 anos no Cambuci, atualmente em um apartamento do Condomínio República da Melhor Idade, com dois netos. Foi recrutada via SASF e entrevistada em sua residência em setembro/14.

Marieta, 76 anos, natural do Município de São Paulo, primário completo, aposentada, era costureira, não trabalhava em 2014. Gosta do verão. Mora há 46 anos no Bom

Retiro, em um apartamento com filhos e netos. Foi recrutada na igreja Nossa Senhora Auxiliadora e entrevistada em sua residência em outubro/14.

Marilia, 73 anos, natural do Município de São Paulo, ginásio completo, recebe benefício (BPC-LOAS), era pesquisadora de mercado, não trabalhava em 2014. Tem uma filha. Mora há 11 anos em um apartamento do Condomínio do Gato no Bom Retiro, sozinha. Gosta do inverno. Foi recrutada via SASF, e entrevistada em sua residência em setembro/14.

Mônica, 81 anos, natural do Estado de São Paulo, superior completo, aposentada, era professora de matemática, não trabalhava em 2014. Viúva, não teve filhos. Gosta do inverno. Mora há 40 anos em um apartamento no Cambuci. Foi recrutada na igreja São Joaquim, e entrevistada em sua residência em outubro/14.

Neiva, 84 anos, natural do Estado de São Paulo, primário completo, aposentada, era costureira, não trabalhava em 2014. Gosta do verão. Mora há 59 anos no Bom Retiro, com o marido, em um apartamento. Foi recrutada via SASF e entrevistada em sua residência em setembro/14.

Nelma, 79 anos, natural do Município de São Paulo, primário completo, aposentada, era modelo fotográfico, não trabalhava em 2014. Gosta do calor. Tem um filho. Mora no Cambuci há 76 anos, sozinha, em um apartamento. Foi recrutada via SASF e entrevistada em sua residência em setembro/14.

Olavo, 84 anos, natural do Município de São Paulo, ginásio completo, aposentado, era fotógrafo, não trabalhava em 2014. Mora há 79 anos no Cambuci, em uma casa, com a filha e neta. Gosta do calor. Foi recrutado na padaria e entrevistado lá em agosto/14.

Palmira, 84 anos, natural da Polônia, chegou ao Brasil aos 24 anos, tem primário completo, aposentada, trabalhou na alfaiataria do marido, não trabalhava em 2014. Teve dois filhos. Mora há 60 anos em um apartamento no Bom Retiro, sozinha. Gosta do calor. Foi recrutada no centro de convivência e entrevistada lá em abril/14.

Regina, 83 anos, natural do Município de São Paulo, primário incompleto, aposentada, era cozinheira e costureira, não trabalhava em 2014. Teve dois filhos. Gosta da primavera. Mora há 56 anos no Bom Retiro, sozinha, em um apartamento. Foi recrutada no centro de convivência e entrevistada em sua residência em março/14.

Rosália, 79 anos, natural do Município de São Paulo, primário completo, recebe benefício (BPC-LOAS), era costureira, não trabalhava em 2014. Gosta da primavera. Teve um filho. Mora há “mais de 25 anos” no Bom Retiro, em um apartamento, sozinha. Foi recrutada pelo SASF e entrevistada em sua residência em setembro/14.

Sandra, 90 anos, natural da Polônia, chegou ao Brasil com 3 anos, tem colégio completo, trabalha em uma loja da família. Teve dois filhos. Gosta da primavera. Mora há 40 anos no Bom Retiro, em um apartamento, sozinha. Foi recrutada no centro de convivência e entrevistada lá em maio/14.

Silvia, 90 anos, natural do Município de São Paulo, primário completo, aposentada, era vendedora, não trabalhava em 2014. Três filhos. Nasceu e viveu a vida toda no Bom Retiro, atualmente mora sozinha em um apartamento. Gosta do outono. Foi recrutada no centro de convivência e entrevistada lá em abril/14.

Walquiria, 81 anos, natural do Município de São Paulo, primário completo, aposentada, foi arquivista, secretária e teve uma loja de doces, não trabalhava em 2014. Teve duas filhas. Mora no Bom Retiro há 59 anos, em um apartamento, sozinha. Gosta do verão. Foi recrutada na aula de dança na Casa do Povo e entrevistada em sua residência em outubro/14.

Zélia, 75 anos, natural do Estado de Alagoas, primário incompleto, aposentada, era vendedora, não trabalhava em 2014. Gosta do calor. Teve dois filhos. Mora com o marido em um apartamento do Cambuci há 10 anos. Foi recrutada via SASF e entrevistada em sua residência em setembro/14.

ANEXO VII: Peças de comunicação sobre efeitos do clima na saúde

Fonte: Secretaria Municipal da Saúde. Programa VIGIAR. Prefeitura de São Paulo. Disponível em:

<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/vigilancia_em_saude/saude_ambiental/ar/index.php?p=6968> Acesso em janeiro de 2016

Fonte: Secretaria Municipal da Saúde. Programa VIGIAR. Prefeitura de São Paulo. Disponível em:
http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/vigilancia_em_saude/saude_ambiental/ar/index.php?p=6968 Acesso em janeiro de 2016

[Dados gerais](#) [Formação](#) [Atuação](#) [Projetos](#) [Produções](#) [Educação e Popularização de C & T](#) [Eventos](#) [Orientações](#) [Bancas](#) [Citações](#) [+](#) **Wanda Maria Risso Günther**

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 1D - CA CA - Ciências Ambientais

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/3519732742853340>

Última atualização do currículo em 15/04/2016

Graduada em Engenharia Civil-IMT (1981) e Ciências Sociais-FFLCH/USP (1986), especialização Engenharia de Saúde Pública (1985), mestrado (1993) e doutorado em Saúde Pública (1998) pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professora associada da Faculdade de Saúde Pública/USP, prefeita do Quadrilátero Saúde/Direito da USP, Coordenadora do Programa de Mestrado Profissional Ambiente, Saúde e Sustentabilidade da USP, Coordenadora do Laboratório de Mudanças Climáticas da FSP/USP e do Programa USP Recicla-FSP/USP. Pesquisadora 1D do CNPq. Ministra disciplinas na graduação e pós-graduação, desenvolve pesquisas e orientações na pós-graduação com ênfase em questões de resíduos sólidos, gestão ambiental, saúde ambiental e saúde pública. Tem experiência na área de Saúde Pública, com ênfase na inter-relação Ambiente-Saúde, atuando principalmente nos temas: saneamento ambiental, resíduos sólidos, gestão ambiental, saúde ambiental, políticas públicas e educação ambiental. e do (Texto informado pelo autor)

Identificação**Nome**

Wanda Maria Risso Günther

Nome em citações bibliográficas

GÜNTHER, W. M. R.;Günther, Wanda Maria Risso;Günther, Wanda M.R.;Risso Gunther, Wanda;GÜNTHER, W.M.R.

Endereço**Endereço Profissional**

Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, Departamento de Saúde Ambiental.
Av. Dr. Arnaldo, 715
Cerroqueira César
01246-904 - São Paulo, SP - Brasil
Telefone: (11) 30617889
Fax: (11) 30617732
URL da Homepage: www.fsp.usp.br

Formação acadêmica/titulação**1994 - 1998**

Doutorado em Saúde Pública (Conceito CAPES 6).
Universidade de São Paulo, USP, Brasil.
Título: Contaminação ambiental por disposição inadequada de resíduos industriais contendo metais pesados - estudo de caso, Ano de obtenção: 1998.
Orientador: Carlos Celso do Amaral e Silva.
Palavras-chave: resíduos industriais; contaminação ambiental; Áreas contaminadas; Poluição do Solo.
Grande área: Engenharias

1987 - 1993

Mestrado em Saúde Pública (Conceito CAPES 6).
Universidade de São Paulo, USP, Brasil.
Título: Gerenciamento de resíduos de serviços de saúde - a caracterização como instrumento básico para a abordagem do problema, Ano de Obtenção: 1993.
Orientador: Aristides Almeida Rocha.
Palavras-chave: Resíduos Sólidos; resíduos de serviços de saúde; gerenciamento de resíduos de serviços de saúde.
Grande área: Engenharias

1985 - 1985

Especialização em Curso de Especialização em Engenharia de Saúde Púb.
Universidade de São Paulo, USP, Brasil.
Título: Não houve monografia.

1982 - 1986

Graduação em Ciências Sociais.
Universidade de São Paulo, USP, Brasil.

Dados gerais Formação Atuação Projetos Produções +

Maria Antonietta Mascoli Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/1401070243016139>

Última atualização do currículo em 04/05/2016

Graduada em Medicina pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo em 1991. Possui residência médica em Pediatria (1995) e Mestrado em Medicina (2000), ambos pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Atualmente é doutoranda da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Possui experiência na área de Saúde Pública, com ênfase em Vigilância em Saúde e Gestão em Saúde. (Texto informado pelo autor)

Identificação**Nome**

Maria Antonietta Mascoli

Nome em citações bibliográficas

MASCOLI, M. A.

Endereço**Endereço Profissional**

Fundação Faculdade de Medicina, FMUSP/HC - NIS - Núcleo de Informação à Saúde.
Rua Dr. Ovídio Pires de Campos, 225 - 6º andar
Cerroqueira César
05403010 - São Paulo, SP - Brasil
Telefone: (11) 26617521

Formação acadêmica/titulação**2012**

Doutorado em andamento em Doutorado.
Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, FSP-USP, Brasil.
com período sanduíche em University of Northampton, The (Orientador: Judith Sixsmith).
Título: ?Combinamo com nós ou com o tempo??: Temporalidades climáticas no cotidiano de idosos moradores do centro de São Paulo,
Orientador: Wanda Maria Risso Günther.

1997 - 2000

Mestrado em Medicina (Pediatria) (Conceito CAPES 5).
Universidade de São Paulo, USP, Brasil.
Título: Hiperplasia congênita de supra-renal forma não clássica como etiologia de pubarca precoce, Ano de Obtenção: 2000.
Orientador: Durval Damiani.
Grande área: Ciências da Saúde
Grande Área: Ciências da Saúde / Área: Medicina / Subárea: PEDIATRIA / Especialidade: ENDOCRINOLOGIA PEDIÁTRICA.
Setores de atividade: Atividades de atenção à saúde humana.

1992 - 1995

Especialização - Residência médica.
Hospital das Clínicas - USP, HC-USP, Brasil. Residência médica em: Pediatria
Número do registro: .
Grande área: Ciências da Saúde
Grande Área: Ciências da Saúde / Área: Medicina / Subárea: PEDIATRIA / Especialidade: ENDOCRINOLOGIA PEDIÁTRICA.

1986 - 1991

Graduação em Medicina.
Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, FCMSCSP, Brasil.

Formação Complementar**2015 - 2015**